

ADEDE Y CASTRO

CRONICANDO

2022-2026

PROCESSO CRIATIVO

Acho que já escrevi sobre o processo criativo do escritor, mas ultimamente tenho sido “cobrado” a explicar como produzo meus textos técnicos ou de ficção, além das crônicas.

Na verdade, como não sou técnico na área da literatura, uso da minha intuição na escolha dos temas e conteúdos, com todos os riscos que tal forma de escrever encerra. Mas, afinal, viver é arriscado, e aquele que não estiver disposto a assumir o perigo da atividade, está literariamente morto.

Se tenho alguma qualidade é que sou curioso e observador da vida e de todos os fenômenos que ela encerra. E, querem fonte mais fértil de assuntos que a vida real? Se passo por um contêiner de lixo e vejo uma pessoa dormindo nele, fico extremamente curioso em imaginar o que levou essa pessoa à tal situação, passando a criar hipóteses e possibilidades.

Se assisto uma pessoa idosa “conversando” com seu cachorro, sou tomado de uma curiosidade enorme em saber o que ela “diz” ao cão e porque não conversa com pessoas. Será que as pessoas que o cercam conversam com ele?

Então, quando me perguntam se as histórias que conto são verdadeiras eu respondo que “afora as mentiras, o resto é tudo verdade”. Pô, nem eu sei qual o percentual de verdade minhas histórias contêm, talvez 100%, talvez 0%. Mas, isso não importa, desde que a história seja boa.

Claro está que os textos técnicos são apenas transpiração, organização, pesquisa, investimento em tempo, enquanto os textos de ficção são inspiração, e essa nem sempre se apresenta ao escritor. Paciência, fazer o que?

Agora, a vontade, o prazer de escrever e a satisfação pelo resultado define porque escrevemos. Mal algum há se eventualmente não gostamos do

resultado da escrita, pois essa é um caminhar, não obrigatoriamente o chegar. Mal algum há em produzir um texto ruim, ruim mesmo é não produzir nada.

Já reli textos escritos anos atrás e não gostei, e por isso eu escrevo de novo e de novo, até chegar minimamente a um texto aceitável. Outras vezes gostei tanto do que escrevi que cheguei a desconfiar que não era eu que o escrevera. Mas fora eu, ufa!

Deu para entender?

EMENDAS ÓRFÃOS

Existe uma figura jurídica chamado “interesse público”, de difícil conceituação, mas de relativamente fácil identificação no dia a dia do país.

Mesmo os interesses privados não estão dispensados da necessidade de se adequarem e respeitarem o interesse geral, pois todos somos parte do que se chama sociedade, ou conjunto orgânico de interesses destinados à busca e ao alcance do bem-estar de todos.

Aí entra a figura dos agentes públicos, genericamente considerados aqueles contratados através de processos de seleção pública de provas e títulos e, também, pelo voto. Esses últimos são tão legítimos quanto os primeiros, pois se submetem ao escrutínio público livre e soberano.

Temos ainda os agentes públicos em cargos comissionados, de livre nomeação e exoneração, mas todos devem observar a lei, exercendo suas atividades nos estritos limites dela. Tudo que ultrapassar os limites da lei, é ilegal.

Considerando-se verdadeiras as notícias acerca de emendas parlamentares sem identificação de autor, e, pior, que teriam sido propostas “em nome de” pessoas não detentoras de cargos eletivos, estaríamos diante de um escândalo sem precedentes na República, já tão desgastada de tanta bandalheira.

Claro está que os detentores de cargos eletivos agem em nome da sociedade, e isso significa que não estão autorizados a agir em nome de indivíduos, por mais legítimos que possam parecer seus interesses. Quem não tem cargo de vereador, deputado ou senador não pode propor emendas parlamentares, pelo singelo fato de que não é parlamentar.

E os detentores de mandato parlamentar não deveriam se submeter ao ridículo de servir de “laranjas” de quem não detém mandato parlamentar. Caso isso ocorra, e a continuidade das investigações vai esclarecer, espero, estaríamos instituindo a figura do “parlamentar de fato”, não de direito, uma pantomima inaceitável num regime de Estado de Direito.

Quem não exerce cargo público, seja concursado, eleito ou nomeado, não pode atuar no serviço público propondo leis, assinando decretos, portarias, provimentos, instruções normativas ou qualquer instrumento de regulação da vida do cidadão, sendo mero usurpador de função pública.

Eu posso pedir ao Juiz que prolate uma sentença, mas não posso substituí-lo na função. Eu posso pedir ao Prefeito que nomeie uma pessoa que passou em um concurso, mas não estou autorizado a decidir pela nomeação e menos ainda assinar a portaria de nomeação.

Como diz meu amigo Valdo Barcelos, isso é de uma simplicidade “de doer”.

Só não entendem os desavisados e os mal-intencionados.

SENDO DE URGÊNCIA

Após o episódio do jogo entre as seleções da Argentina e do Egito, quando a segunda ganhava de 2x0 faltando 13 minutos para o fim da partida e a primeira fez três gols e ganhou a classificação para a próxima fase, minha filha disse que ela tinha “senso de urgência”, o que achei bem interessante.

Mas, como gosto de uma discussão, objetei que não me pareceu que a Argentina tenha tido “senso de urgência” até os 33 minutos do segundo tempo, achando que a vitória viria por osmose (afinal, é a atual campeã do mundo contra uma seleção, com todo o respeito, pouco relevante).

Futebol, já escrevi, é um esporte que massacra o atleta no minuto um e o consagra no segundo dois, quer dizer, é pura emoção com alguma técnica e nenhuma racionalidade.

Todos nós, em algum momento da vida, dormimos no ponto, relaxamos e acreditamos que ninguém nos ganha, que somos os melhores, até que a faca já esteja enterrada no peito e o sangue jorrando da ferida.

Claro está que, ao dizer que a Argentina teve “senso de urgência”, minha filha desejou destacar a capacidade de reação, de recuperação, de resiliência, mesmo quando a batalha parecia a todos inexoravelmente perdida.

Combinemos que a seleção argentina podia ter poupado o torcedor desse sofrimento, mas eles sabem que, ante a reviravolta, tudo está esquecido, perdoado, os pernas-de-pau que entraram em campo de salto alto nunca existiram, são todos heróis.

Alguém disse que “herói” é quem não morre na batalha. Os que vencem a batalha são apenas bons soldados.

Meu amigo Valdo Barcellos odeia a competição, porque alega que ela nega o outro, anula-o, desumaniza-o. Concordo em parte, mas apenas quando nos dispomos a roubar, matar, trapacear e enganar para ganhar.

A competição nos obriga a estar preparados, atentos, organizados, interessados. E isso é bom para qualquer atividade ou profissão. Devemos estar sempre ligados, com “senso de urgência” desde o início e até o final.

Não devemos assumir atividades sem gostarmos do que fazemos, sem a consciência de que riscos haverá e exigirão de nós sacrifícios grandes, para obter pequenas alegrias.

A propósito, alguém aí me informa como foi a nossa Seleção?

RESTRIÇÕES DE CELULARES EM ESCOLAS

Ninguém duvida da importância do uso da tecnologia para a execução das tarefas do dia a dia, como o computador que serve de instrumento para escrever essa crônica e a internet para transmiti-la ao jornal.

Na minha atividade como advogado, a pandemia determinou que, em menos de um ano, todos os processos fossem digitalizados e digitais, o que facilitou o ajuizamento e o acompanhamento do andamento deles, com redução significativa de custos e tempo.

Mas, todos sabemos que o uso sem controle dessas tecnologias, a exemplo do que acontece com os telefones celulares, estava causando enormes prejuízos ao aprendizado nas escolas, não só no que se referia ao ensino, mas também quanto à socialização, elemento fundamental para a formação intelectual dos alunos.

Com a edição da Lei Federal 15.100/25, que restringe o uso de celulares nas escolas de todo o país, medida já implementada em 92% das instituições de ensino, 95% dos gestores declararam ao MEC que houve melhoria na “concentração dos alunos e 97% concordam que a lei contribuiu para ampliar a participação dos estudantes nas atividades pedagógicas”.

Essa restrição não prejudicou o uso pedagógico da tecnologia, ao contrário, 86% dos gestores informaram que houve “manutenção ou ampliação das atividades com tecnologias digitais após a implementação da lei”.

Claro está que nos habituamos às facilidades das tecnologias, mas é evidente que temos que controlar e restringir o uso delas às reais necessidades, sob pena de perdermos a capacidade de pensar, redigir, conversar, interagir socialmente de forma saudável e viver com os semelhantes.

Ninguém pensa, por exemplo, em voltar a escrever usando máquinas de datilografia, mas técnicos em educação já alertam que ao deixarmos de “escrever à mão”, estamos tornando nossos cérebros preguiçosos. Não vai acontecer, é claro (nem tão claro assim”), mas às vezes penso o que faríamos se desse um “bug” no computador e no celular? Seria o caos social, político, econômico e das relações humanas?

Se não controlarmos a tecnologia, ela nos controlará.

Então, usemos a tecnologia, com sabedoria e parcimônia, em nosso benefício, não contra nós.

VAMOS “PERDER A MÃO” NO USO DA IA?

Está bem, eu sou um chato e já falei desse assunto, estando na contramão do mundo moderno, em que a inteligência artificial, conhecida como IA, está resolvendo inúmeros problemas técnicos e poupando o tempo de execução de tarefas chatas.

Mas eu penso (é raro, mas às vezes sou tomado dessa mania chata!) que a vida não tem que ser necessariamente fácil, a execução das tarefas não precisa ser sempre rápida, nem tudo gira em torno da economia de tempo e de dinheiro (os economistas dirão que isso é uma heresia).

Sempre defendi a liberdade de expressão e o direito do cidadão em não ter sua vida totalmente regulada pelo Estado, mas isso não é um princípio absoluto! Aliás, afora a palavra “absoluto”, nada é absoluto no mundo de pessoas que pensam.

Estamos assistindo, passivamente, o espraio sem controle da IA em todas as atividades e formas de produção cultural, como música, poemas, literatura de ficção e técnica e, meu Deus, até na prolação de sentenças!

Um processo judicial ou administrativo não é apenas um conjunto de fatos provados e argumentos científicos irrefutáveis, mas o exercício de um direito pessoal, de realização de expectativas de vida, histórias de alegrias e sofrimentos, ou seja, “não sois máquinas, homens é que sois”.

Não é à toa que a Lei de Introdução às Normas de Direito Brasileiro, diz, em seus artigos 4º e 5º, que “quando a lei for omissa, o juiz decidirá o caso de acordo com a analogia, os costumes e os princípios gerais de direito” e que “na aplicação da lei, o juiz atenderá aos fins sociais a que ela se dirige e às exigências do bem comum.”

Ora, será que a IA irá decidir apenas com base no texto escrito, na “letra fria da lei” ou vai usar analogia, princípios gerais, fins sociais e exigências do bem comum?

Somente a mente humana pode pensar e produzir conhecimento, ou seja, somente o ser humano tem inteligência, de forma que a IA apenas copia, reproduz, plagia o que já foi pensado e tornado público pelo homem.

A partir do momento em que não mais pensarmos, pois a IA está “pensando” por nós, haverá um momento (tomara que eu esteja errado) em que não haverá mais o que copiar, e aí estaremos mortos enquanto pessoas que pensam.

A propósito, essa crônica não foi escrita pela IA, mas por esse cidadão pouco inteligente aqui. Não sei se está boa, mas posso garantir que fui eu que escrevi.

E disso eu me orgulho.

O DIREITO DO PACIENTE DE DIZER “NÃO”

Sou crítico ferrenho dessa mania brasileira de regular todas as relações sociais mediante leis, pois entendo que uma nação séria devia se basear em princípios, como o da justiça, da dignidade da pessoa humana, da igualdade.

Mas, o fato é que somos um país pródigo em fazer leis e pouco interessado em torná-las efetivas!

Temos, pelo menos desde 1942, no texto da Lei de Introdução ao Código Civil, hoje chamada de Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro (quase nada, né?), as disposições de que “quando a lei for omissa, o juiz decidirá o caso de acordo com a analogia, os costumes e os **princípios gerais de direito**” e que “na aplicação da lei, o juiz atenderá aos fins sociais a que ela se dirige e às exigências do bem comum”.

Mesmo a Constituição de 1967, em seu artigo 150, já dispunha que é assegurado aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos **direitos concernentes à vida**, enquanto a Constituição de 1988 esclarece que 1º A República Federativa do Brasil...constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos, entre outros, a cidadania e a **dignidade da pessoa humana**.

Já o Código Civil de 2002 deixou claro, em seu artigo 15, que “ninguém pode ser constrangido a submeter-se, com risco de vida, a tratamento médico ou a intervenção cirúrgica.”

Ora, como nós somos surdos, há que se fazer muito barulho para que entendamos que uma pessoa não pode ser submetida a um tratamento ou a cirurgia sem que seja informada da forma e dos riscos dos mesmos, dando-se a ela, por evidente que sob sua responsabilidade pessoal, o direito de dizer não.

Isso, em resumo, é o que diz a Lei Federal 15.378, de 6 de abril de 2026.

Não desprezo a importância da lei, mas fico louco da vida quando o legislador tem de fazer uma lei cheia de **obviedades** como essas!

Ninguém, e menos ainda as autoridades e profissionais de saúde, está autorizado a dispor da vida do paciente, por mais que esse esteja errado e ele certo.

Cabe ao médico informar adequadamente o paciente da sua doença, das formas disponíveis de tratamento, das possibilidades (isso mesmo, possibilidades, não certezas) de cura e dos riscos, permitindo-lhe decidir sobre a própria vida.

Sendo o paciente capaz (maior e no controle de suas faculdades mentais) e lúcido (não sob efeito de drogas incapacitantes ou em coma), nem mesmo seus familiares, por mais bem-intencionados que estejam podem tomar essa decisão.

Espero que não seja essa nova lei letra morta, como muitas por aí!

SÍNDROME DE VASA

Tive a oportunidade de conhecer, na Suécia, o Museu de Vasa, em que está exposto um navio extraordinariamente bonito, que foi mandado construir pelo Rei Gustavo Adolfo II em 1628, destinado a ser a manifestação inequívoca da riqueza e da força militar do país.

Ocorre que, por ser uma empreitada exageradamente dimensionada e isenta de testes sérios de navegabilidade, somado ao fato de que o Rei não ouvia ninguém a não ser a si mesmo e não se comunicava com os profissionais da área, o navio, lindo, tinha o dobro dos canhões suportáveis e, por consequência, o dobro de janelas no casco, navegou pouco mais de vinte minutos e afundou, em razão da água que entrou em seus porões!

Para piorar o fiasco, o naufrágio se deu no dia do lançamento, com grande festa (quando, imagino, houve discurso de “como não somos bons”), matando cerca de 30 pessoas.

Trezentos e trinta e três anos depois, o casco, intacto em razão da água fria e pouco salgada, foi resgatado, estando aí exposto no referido Museu. Não sei se a intensão é mostrar como o país é bom no resgate de navios inteiros depois de três séculos imerso ou se para dizer: seja audacioso, mas dentro de suas reais possibilidades, ouça e respeite quem entende do assunto, quer dizer, não seja pretencioso.

Isso é o que se chama, modernamente, de sustentabilidade, que é a realização de projetos viáveis técnica e financeiramente, que tenham reais possibilidades de existirem e funcionarem na medida das reais necessidades.

Todos os dias assistimos manifestações de pessoas e governos anunciando isso e aquilo, muitas vezes sem as mínimas possibilidades de serem sustentadas financeiramente ou que flagrantemente irão causar mais despesas do que lucros, mais prejuízos sociais do que vantagens às pessoas.

Isso não significa que não possamos ou devamos sonhar, porque essa é uma necessidade, mas não à ponto de investir toda a nossa vida, nossos recursos financeiros e nossa fama pessoal em projetos megalômanos, voltados apenas a mostrar para os outros quanto somos “o cara”.

Claro está que ninguém minimamente honesto pode dizer que, em alguma oportunidade, não tenha sonhado alto demais, mas esse não pode ser um hábito, uma forma de vida.

Pense, organize, pondere, converse com quem entende, considere todos os riscos. Se, mesmo assim, algo der errado, paciência, mas pelo menos você tentou honestamente acertar.

Se não for assim, você terá que erguer um monumento à falta de projetos sustentáveis com a sua assinatura.

ANO ELEITORAL

Acho péssima essa “coisa” de estarmos sempre em “ano eleitoral”, porque nem bem terminam as discussões acerca das eleições para prefeito e vereadores e entramos nas discussões para Presidente, Senador, Deputados Federais e Estaduais.

Dessa maneira, as famílias e amigos recém começaram a pensar em se perdoar pelas ofensas da eleição passada e já começam a se agredir em razão das eleições que se aproximam. Eita!

Não penso que devamos nos manter alheios às discussões político-eleitorais, pois é daí que nascem as novas políticas públicas e se estabelecem as condições para manutenção e melhoria de aplicações das regras já fixadas.

Ou seja, a atividade político-partidária é extremamente importante, mas não pode, sob hipótese alguma, determinar quem serão nossos amigos e nossos inimigos, pois as eleições passam, os interesses se modificam e nós, todos nós, continuamos.

Nada contra a polarização política, pois sempre haverá um contra o outro, nós contra eles, mas podemos manter a civilidade, certo? Ou não?

Por mais que eu concorde com um determinado candidato, sempre haverá alguma coisa que ele pensa ou que ele fez ou faz que é diferente do que eu penso.

Então, nos cabe examinar qual o candidato que mais se identifica com cada um de nós, não o que sempre se identifique conosco, porque isso não existe.

Nós somos parte da sociedade, que é um conjunto de interesses legítimos, que devem ser observados e respeitados, mesmo que atendam a minoria. Como resolver essa equação? Não sei, só sei que temos que lutar

para descobrir, em cada caso concreto, como viver em paz mesmo pensando diferente.

Existem alguns princípios comuns que a civilização estabeleceu há milhares de anos, como o da justiça, da igualdade e da humanidade, cabendo a cada grupo e a todos os grupos de pensamentos políticos trabalhar para estabelecer formas ordenadas de fazê-los valer e permitir a felicidade de todos.

Se não for assim, estaremos repetindo os mesmos erros em todos os anos eleitorais, pregando a raiva, o ódio e o confronto violento, o que não deve interessar a ninguém.

SOCIEDADE LÍQUIDA

Sygmunt Bauman, em seu prestigiado livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, nos fala de uma sociedade líquida, ou seja, que por falta de um esqueleto sólido, se dilui com facilidade.

Isso porque, por evidente, a sociedade nada mais é do que o conjunto dos indivíduos, e esses não parecem dispostos a estabelecer relações de amor, amizade ou companheirismo de forma permanente, tudo é muito rápido e superficial.

Os “amigos” nada mais são do que nomes, que nem sabemos se são verdadeiros ou apenas um que soe bem no mundo digital, as fotografias, que deveriam permitir a perfeita identificação do sujeito são maquiadas a ponto de ficar irreconhecíveis (o que um bom photoshop não faz!) ou não passam de um “avatar” que não tem nada a ver com a cara do cidadão.

Sei que sou um ingênuo, mas sempre acreditei que aqueles que “pedem amizade” são quem dizem que são.

A partir daí, não há segurança alguma que podemos falar honestamente sobre nós, que nosso “amigo” não vai usar indevidamente nossos dados, nos colocar nu (cena dantesca) a partir de uma foto de casaco e sapato, nos fazer discursar a favor da agressão, da morte, da intolerância, quando, na verdade, somos melhor que isso.

A última canalhice que a inteligência artificial permite é a cópia de nossa voz no atendimento de telefonemas, entrevistas ou falas públicas para depois usá-la em mensagens falsas, o que me sugeriu que devia disfarçar a voz mediante o uso de um aparelho, ou não atender telefone, dar entrevista ou falar em público!

A médio prazo, como não precisamos pensar, uma vez que a IA faz isso de graça por nós, a própria IA vai ficar sem material novo para copiar e aí o mundo do pensamento acaba. Bem feito!

Temos que lutar para não nos deixar dominar pela tecnologia, que deveria estar à serviço da sociedade e não o contrário, sob pena de desaparecermos como seres pensantes e produtores de conhecimento.

Exagero meu? Talvez, mas acho que devíamos pensar nisso, ou seja, com a nossa cabeça e cérebro, não com a IA.

Talvez eu morra antes de ver isso, mas...

RESTRIÇÕES PESSOAIS

Por mais que eu goste que as pessoas concordem comigo, não posso desprezar a ideia de que pensar diferente e expressar essa diferença ajuda a criar um ambiente de fraternidade.

O choque honesto de ideias, com a expressão sincera e respeitosa do que pensamos, contribui para o esclarecimento de dubiedades e pode, de um lado, nos levar a concordar com o outro, total ou parcialmente, ou confirmar que a ideia do outro é, definitivamente, equivocada.

Não é conformidade bovina, a aceitação irresponsável de tudo que vem do outro que nos faz crescer, mas a disposição sincera e honesta, o prestar atenção à tese e ao desenvolvimento dela, que nos permite conviver em sociedade.

Infelizmente, é nesse mundo líquido das manifestações de redes sociais, na leitura preguiçosa de títulos e manchetes, que reside, muitas vezes, o “conhecimento da realidade”.

Muitas pessoas, espero que uma minoria (mas, não me iludo), sabe tudo sobre tudo, conhece tudo e fala sobre tudo com “propriedade”, sem se dar conta que conhece apenas um lado da verdade, ou da narrativa da verdade, mas se apresenta como o paladino da ordem, da justiça, das verdades políticas e sociais.

Essas pessoas, são capazes de escrever um livro com trezentas páginas, com “verdades absolutas e irrefutáveis” sobre assuntos que flagrantemente não dominam e que não resistem a cinco minutos de argumentação lógica. Quem se importa, se a argumentação não vai passar, mesmo, de um minuto?

Nunca erraram, nunca se arrependeram de nada que fizeram ou deixaram de fazer, uma vida perfeita de mentiras ou meia-verdades.

São essas pessoas que se acham no direito de apontar o dedo na sua cara e dizer, em público, que tem restrições à sua pessoa! Que restrições, afinal? Isso não interessa quando a intenção é apenas expor publicamente o outro em ambiente de confraternização, em flagrante grosseria.

Penso que quem faz isso tem a obrigação moral e legal de dizer de quais as restrições, afinal, está falando da honra do outro, dando ao “acusado” pelo menos a oportunidade de se defender, com paridade de armas! São restrições raciais, financeiras, sociais, político-partidárias, ideológicas, morais? Esquece, o importante é ofender.

Nunca fugi do debate, já perdi alguns, mas posso dizer que quando discuti com pessoas honestas, sai melhor do que entrei.

Mas, honestidade não é uma qualidade inerente ao ser humano, e sim uma conquista da civilidade, o que anda meio escassa atualmente.

Isso é muito triste.

SOU FILHO ADOTIVO DA ASL

Havia um tempo, em que a filiação no Brasil era dividida em dois ramos: os filhos legítimos e os ilegítimos, sendo que os primeiros eram o resultado de casamentos na forma da lei e os segundos de relações espúrias de pessoas casadas fora do casamento.

Mas, também havia, como hoje, as filiações decorrentes da adoção, que era e é resultante de assunção de filhos alheios como próprios, estabelecendo, no mais das vezes, uma relação legal que deveria implicar em afeto, o que nem sempre acontece.

Quando o Máximo Trevisan me visitou na Promotoria para me convidar a ser membro efetivo da Academia Santa-Mariense de Letras, fui tomado de muitas dúvidas, pois já tinha cinco livros publicados, mas todos técnicos. Quer dizer, nunca imaginei que a Academia poderia adotar alguém que não fosse poeta, cronista, contista, romancista ou ensaísta, ou seja, alguém que não era literato, no sentido puro do termo.

Talvez movido pelo orgulho, péssimo argumento para se envolver em uma empreitada dessa magnitude, aceitei o convite, mas sempre com a ideia de que era o filho ilegítimo da literatura, aquele adotado que não herdaria a fortuna da família.

Eu estava enganado, pois fui abraçado por todos, aprendi a escrever crônicas (ofício no qual meus amigos, sempre tão generosos, dizem que me saio bem!), publiquei algumas novelas (alguns dizem que são contos longos, sei lá), mas não abdiquei de meus textos técnicos.

Passei pelo crivo superexigente da Ruth Larré, que corrigia até meus e-mails e mensagens de WhatsApp e que, um dia, chegou a escrever um poema em minha homenagem, recebi o carinho de mãe da amorosa Aristilda Rechia e o apoio da Ligia Miltz, firme e organizada.

Fui Presidente Eleito por oito anos e Vice-Presidente no exercício da Presidência por dois anos, além de Tesoureiro durante quase todo o tempo, o que demonstra duas coisas: ou eles confiam em mim, mesmo, ou resolveram apostar em mim. Só espero não os ter decepcionado!

Assim, de filho adotivo tolerado, acho que adotei a ASL, fiz dela minha filha querida, pois tento me desligar da responsabilidade por ela e não consigo, o que sei, um dia, terá de acontecer.

Outras pessoas, mais capazes que eu, e não desprezivelmente mais jovens, devem assumir a ASL num espaço de tempo que espero seja breve, dando a essa mãe querida, novos rumos, novas ideias e mais agilidade em suas ações.

Sempre digo que nós, acadêmicos, apesar da designação de “imortais”, somos passageiros, e a ASL, enquanto instituição cultural, é eterna.

Então, devemos estar sempre preparados para descer na próxima parada, entregando a direção aos mais jovens, sem abdicar do direito e do dever de acompanhar seus passos, até que Deus resolva nos levar dessa para uma melhor.

ASL, obrigado por me adotar, mesmo eu sendo um filho pouco qualificado literariamente falando.

SHOPPINGS CHEIOS, BIBLIOTECAS VAZIAS

De vez em quando eu leio que houve um aumento do número de livros vendidos e não costumo discutir com informações baseadas em dados técnicos, mas...

Eu também frequento centros de compra, afinal ninguém vive sem se vestir e comer, mas sempre acho algum lugar para comprar aquele livro que ninguém quer e que, assim, está em oferta. Claro que nem sempre acerto, porém acho que foi um bom investimento, porque se eu não gostei do livro, outro pode adorar.

Agora tomei conhecimento de uma plataforma do governo chamada MEC Livros, que pode ser acessada gratuitamente pelo computador, celular ou tablet, através do gov.br, que empresta livros de domínio público (aqueles cujos autores morreram há 70 anos ou mais) até best-seller atuais, nacionais e internacionais.

Sei que algumas pessoas não gostam de ler em telas, mas é preferível isso do que nada, pois alguns sempre acham uma boa desculpa para não ler, nem mesmo se ganhar o livro.

Nesse mundo em que as telas das redes sociais são rápidas e fluidas, coloridas e interativas, é difícil competir com textos escritos de duzentas páginas que exigem tempo e raciocínio para o entendimento.

Já contei a história do cara rico sem nenhuma instrução (a não ser as quatro operações matemáticas para os negócios) que mandou construir uma estante em sua sala e comprou livros por metro, para que coubessem exatamente na prateleira e enfeitasse o ambiente. Nunca foram lidos! Aliás, hoje existem lojas que vendem livros decorativos. Muito instrutivo.

Tenho consciência que estou “gastando chumbo em chimango”, que ninguém está nem um pouco interessado no que penso e digo, mas como sou teimoso, vou morrer dizendo: leiam, leiam, leiam.

Não há mal algum em frequentar shoppings, mas, por favor, frequente as bibliotecas, também! Você vai se surpreender com as descobertas de obras maravilhosas, instrutivas, coloridas e de fácil leitura, além de divertidas.

Se pagamos setecentos reais por um tênis (adoro tênis), podemos pagar cinquenta reais por um livro, certo? Nas bibliotecas públicas você não paga nada.

Vamos ler?

SALA DE DEBATES: PORQUE PARTICIPEI

Essa crônica escrevi e publiquei poucos dias antes da comunicação que o programa Sala de Debates não mais seria produzido nas quintas-feiras à noite, o que lhe dá uma qualidade de “vidente”.

Mas, tenham certeza, o sentimento pela perda da oportunidade de debater com amigos tão queridos continua entristecendo meu coração.

Mas, “vamo lá”, agora em linguagem de passado!

Todas as quintas-feiras, das 19 às 20,30hs, participei como debatedor do programa Sala de Debates, promovido pela TV Diário e Rádio CDN.

Alguns amigos me perguntam quanto ganhava para estar lá e eu respondia que ganho satisfação, alegria, me sentia vivo e ainda fazia amizades (ou inimizades, quem sabe!).

Manter-se ativo, escrevendo, conversando com amigos e com outros nem tanto, mas sempre respeitando os posicionamentos divergentes é uma forma de não morrer, ou, pelo menos, adiar a morte.

No programa, era comum que um participante defendesse ideias totalmente divergentes das minhas, mas as coisas eram colocadas de uma forma tão respeitosa que era difícil brigar com o oponente que, na verdade, nos enriquecia intelectualmente.

Conviver com diferentes não significava concordar com eles, mas respeitá-los e tentar, na medida do possível, recolher nas posições contrárias, pontos que podiam nos ajudar a reforçar o que pensávamos ou, quem sabe, mudar nosso comportamento.

Quem não se sentiria feliz em conversar, pelo menos uma vez por semana, com o tranquilíssimo psiquiatra Fabian Abaide, pessoa extremamente preparada tecnicamente e pessoalmente educado e gentil? A Martha Souza, com suas permanentes e justas pautas feministas, sua experiência como enfermeira e professora, sempre pronta para a luta por suas ideias, nos desafiava positivamente toda semana, e isso era muito bom.

O Valdo Barcelos, ah, o Valdo, meu “inimigo preferido”, que me provocava o tempo todo, mas com todo o carinho e gentileza que lhe é peculiar, colega de Academia Santa-Mariense de Letras, com quem tenho aprendido tanto! A artista plástica Marília Chartune, a mineira mais gaúcha que eu conheço, a entusiasta do carnaval, sempre ponderada, mas firme em suas posições.

Ultimamente, tinha nos “massacrado” com sua defesa intransigente do Imposto Solidário (meu Deus, quem gosta de imposto?), a contadora Rosaura Vargas, mostrando todo seu compromisso social, sem esquecer dos queridos “substitutos de luxo” Eduardo Fadul, que sabe tudo de religiões e de cartório, e Luiz Gonzaga Binato de Almeida, arquiteto e professor de escol, sempre otimista e simpático.

Nosso âncora, Pablo Iglésias, Embaixador da Grande Itaqui, com maestria, firmeza no ponto certo e delicadeza ímpar, nos mantinha “na chinha”, quase sempre. Ele achava, inocente, que mandava em nós!

Quero reparar, agora, uma injustiça que cometi à época em que publiquei esta crônica, e agradecer, de coração, aos “meninos” da produção e técnica, sempre atentos em manter o programa no ar e em “tirar” uma foto no final.

Claro que não podemos esquecer da audiência, que seguidamente nos dava retorno pessoal positivo, incentivando a continuidade do debate.

Então, com um grupo assim, com essas pessoas maravilhosas, quem precisava de salário?

Assim, como forma de manter os vínculos com esse grupo maravilhoso, “inventamos” esse livro.

Somos muito criativos!

PRETENSÃO E ÁGUA BENTA

Alguém, que não vou revelar o nome, me provocou a escrever uma crônica acerca da verdadeira epidemia de “melhor escritor”, entre os quais não me incluo, porque se tem um defeito que não tenho (entre dezenas de outros que tenho!) é de que escrevo bem e, por isso, mereço ser incensado.

Uma vez escrevi que eu estava “em busca do texto perfeito”, justamente por admitir que escrevia mais ou menos, que devia melhorar, perseguir a perfeição, o que provavelmente morrerei sem alcançar. Mas, como sou teimoso, insisto, não desisto.

Também escrevi que preferia que alguém escrevesse um texto no Facebook do que em lugar algum, qualquer escrita é melhor que nada, mas, por favor, seja modesto, reconheça suas próprias limitações, pretensão e água benta fazem muito mal, sim, se mal usadas.

Primeiro, porque coloca o escritor numa zona de conforto, dispensando-o de ler mais, pesquisar mais, apagar, riscar, começar tudo de novo, completar, jogar o texto no lixo. Ou seja, escrever um texto não é objetivo de chegada, mas de saída, de começo, de permanente construção.

Segundo, que se dizer o melhor de todos, de que merece esse ou aquele destaque ou homenagem, é soberba, e soberba é um dos sete pecados capitais, junto com a gula, a avareza, a luxúria, a ira, a inveja e a preguiça, e quem a tem vai queimar no fogo do inferno. Isso ninguém quer, certo?

Não digo que devamos ser tão humildes a ponto de não reconhecer que, por vezes, não sempre, escrevemos “algumas coisas legalzinhas”, o suficiente para não praticarmos o outro pecado capital, o da preguiça, mas nunca achar que chegamos ao máximo da nossa capacidade criativa. Isso é coisa de vagabundo intelectual.

Escreva, escreva, escreva, e espere pacientemente ser reconhecido. Se isso nunca acontecer, pelo menos você estará com a consciência tranquila que nunca enganou ninguém e que o prejuízo foi de quem não o viu como devia. Eu sei que o que escrevo tem lá seus pontos de qualidade, mas sei também que tenho de melhorar, muito, muito mesmo.

Agora, se você acha que o marketing é mais importante que o conteúdo, escreva “contos eróticos”, cheios de luxúria (mais um dos pecados capitais), ou xingando todo mundo (praticar o pecado capital da ira funciona bem nas redes sociais), botando defeito em quem não tem e aumentando os defeitos existentes, a ponto de transformar o outro, que é apenas uma pessoa, em um monstro.

Humildade, modéstia, moderação, muito trabalho e dedicação são qualidades do verdadeiro escritor.

O resto não passa de estelionato intelectual.

444

Não tenho interesse nem necessidade de ficar aqui agradando quem quer que seja, me sinto livre como um pássaro para voar, acertando de vez em quando e errando na mesma medida, ao me manifestar sobre essa pandemia que é a violência contra a mulher.

Inúmeras são as iniciativas legais e ferramentais para reduzir as ocorrências, mas elas parecem um *tsunami*, uma vaga incontrolável, uma fogueira que está sendo constantemente alimentada pelo ódio, pelo

preconceito, por ridículas palavras de ordem gritadas em público sem nenhum pudor (“vagabunda”, “piranha”).

Ora, não pense que esse ódio pelas mulheres é coisa nova. Novo mesmo são as manifestações de gente influente, políticos inclusive, chefes de Estado e outros criminosos engravatados, que chancelam, apoiam ou fazem de conta que não veem essas barbaridades, que acabam por desembocar na tragédia que é a morte de mulheres, que no Rio Grande do Sul, de 2021 até 2025, somou o impressionante número de 444 vítimas!

Depois, quando dizem que nós, gaúchos, somos machistas, ficamos ofendidos “que barbaridade, nossas prendas são lindas, educadas e lavam toda a louça!”. Que horror. Esse foi o discurso de um vereador homenageando as mulheres por seu dia, dizendo que sem elas nós, homens, não seríamos nada, porque, quem lavaria a louça?

As mulheres, inclusive aquela que vive comigo desde 1989, têm queixas de mim, eu tenho delas e tudo bem, é possível conviver respeitosamente apesar das diferenças! Quem ama não fere, não mata, não discrimina. Quem ama, respeita.

“Levar um pé na b...” é sempre uma possibilidade e, por isso, devemos estar preparados para aceitar, civilizadamente, por mais que nos doa. Talvez quem nos chute tenha razão, talvez não, mas o que se pode fazer senão chorar e aceitar? Secar as lágrimas e partir pra outra, se essa for uma necessidade ou uma vontade.

Somos, em regra, seres gregários, queremos sempre estar na companhia do outro, mas temos de aceitar a ideia de que outros não são, ok, tudo bem. Assim é a vida, meus amigos.

Pode reclamar “de novo esse assunto, por Diós” (eu também estou cansado), mas não podemos desistir de falar, de nos exasperarmos, de condenar as agressões e o desprezo contra as mulheres.

Quando nos calamos, os bandidos tomam conta.

Eu sempre disse: prefiro morrer lutando (e falando, falando, falando) do que viver ajoelhado (achando que isso é normal, sempre foi e sempre será assim).

A indiferença é a mãe da violência.

SER ACADÊMICO NÃO É RECEBER UMA MEDALHA, É ASSUMIR COMPROMISSOS

Com o sério e real risco de ofender alguns e melindrar quase todos, quero repetir aqui o que sempre fiz questão de relevar durante os vários discursos que proferi em inúmeras investidas ao longo de cinco mandatos como Presidente.

A Academia não é apenas o reconhecimento público pela qualidade de nossa produção cultural e literária! É a assunção pública de um compromisso de trabalhar para manter e desenvolver a história da ASL mediante atividades culturais.

A ASL não é um ajuntamento de escritores premiados por seus textos, que recebem a medalha, a pelerine e o diploma e que, a partir dali, desaparecem. Pior, alguns só aparecem em eventos públicos, não entendendo bem as razões.

Também não é um clube social para tomar chá e conversar amenidades, mesmo que tal não esteja proibido e é recomendável como forma de estimular a amizade e a convivência entre os membros.

Longe dos holofotes das máquinas fotográficas, a ASL continua existindo, exigindo de seus membros que auxiliem na seleção de textos para publicação, na função de jurados em concursos internos e externos, na organização de mesas de reunião, na atividade pouco convencional de carregar caixas e caixas de livros, em participação em lançamentos de livros, cursos e eventos, etc.

Eu, pessoalmente, prefiro ter vinte membros ativos e comprometidos com o dia a dia da ASL do que quarenta membros que brilham no mundo das letras, mas que nunca estão presentes nas reuniões, sempre tem um

motivo para não carregar a bandeira ou a caixa de som (que é pesada!), e são cheios de ideias maravilhosas para os outros executarem.

Se não cairmos da realidade de que a ASL não é um palco para nossas brilhaturas individuais, mas um projeto cultural permanente, que nossa “imortalidade” é apenas uma figura de linguagem e que acima de nós está a Instituição, prevejo dias sombrios pela frente.

Se os amigos se satisfazem em receber o diploma, lançar a condição de membro da ASL em seus currículos e nas contracapas de seus livros, sem ser efetivamente parte funcional e eficiente da construção da Academia, eu sinto muito, mesmo.

Joguem pedras em mim, mas apresentem argumentos sérios contra os meus, que essa é a forma de intelectuais discutirem suas Instituições.

Peço desculpa pelo desabafo.

IA: SOMOS MÁQUINAS?

Sei que cada vez que trato desse assunto algumas pessoas viram a cara, indiferentes, enfadadas, chateadas ou contrariadas, e que o que eu vou dizer não terá repercussão alguma, pois as plataformas de inteligência artificial têm “um pouco” mais de influência que eu.

Além de maior influência, as plataformas de IA têm muito mais grana, poder político e social e capacidade de comprar mentes e alugar defensores e, tenham certeza, não hesitam em jogar pesado para faturar trilhões à custa do endeusamento da novidade.

Me apavora a tese, hoje defendida até pelo Conselho Federal de Educação, de adotar a IA nas escolas, segundo eles, com “orientação e fiscalização dos professores”, como uma “ferramenta auxiliar” na pesquisa e produção de textos.

A quem aqueles que garantem que haverá orientação e fiscalização suficiente para evitar o simples plágio, a cópia, o estelionato educacional, pretendem enganar? Qualquer professor de qualquer escola do Brasil sabe que, mesmo antes da IA, era comum a cópia pura e simples de trabalhos escolares, usando-se ferramentas gratuitas como o Google.

Como um professor orientará e fiscalizará o uso de IA de cinco turmas de 50 alunos cada? Fala sério!

Segundo notícia dos grandes jornais, a socióloga Allison Pugh, professora da Universidade Johns Hopkins, depois de defender que a conexão mútua entre indivíduos é que constrói algo, disse que “estamos num momento crítico para pensar em como a IA será usada, e o mais preocupante é ela ser apresentada como solução para substituir esses trabalhos de conexão. Não podemos perder de vista que as empresas de IA visam ao lucro

e farão de tudo para que a sua tecnologia ocupe todos os espaços possíveis de ensino, mentoria e companhia”.

Para que preciso “perder” uma hora de meu tempo escrevendo essa crônica se a IA, disponível gratuitamente em meu telefone celular pode escrevê-la em um minuto?

Não vou discutir aqui a importância da IA em outras áreas de conhecimento, como a engenharia, a medicina ou a matemática, porque não as conheço, mas sei que a redação de textos, técnicos ou de ficção, deve ser resultado da alma, do espírito e da capacidade mental criativa do ser humano.

Se a ideia é apenas ganhar tempo (ou não perder tempo com essas bobagens de literatura), siga em frente. Mas, se a ideia é incentivar a inventividade, a sensibilidade e humanidade do que escrevemos e dizemos, não use a IA, use a inteligência humana, emocional, errática, cheia de defeitos, certezas, dúvidas, repetições desnecessárias, mas prenda de alma!

Afinal, como já disse Charles Chaplin, “não sois máquinas, homens é que sois”.

Ou não?

DISCRIMINAÇÃO POR RAÇA EXISTE, PODE ACREDITAR

Em um país como o nosso, que em 500 anos de história posterior à chegada dos portugueses, praticou a cruel e desumana prática da escravização por mais de 300 anos, o que foi extinto apenas formalmente em 1888, ainda existem pessoas que, por comodismo e canalhice intelectual, afirmam que não há racismo nem discriminação racial dos negros e pardos.

Qualquer um sabe, mas muitos se fazem de moucos, que a chamada Lei Áurea apenas disse que “é declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil”, revogando-se todas as disposições em contrário, sem nenhuma preocupação de estabelecer políticas públicas de inserção real dos “libertos” ao mercado de trabalho digno e de medidas práticas que se tomaria para dar a eles moradia digna, tratamento social adequado às regras de civilização e perspectivas de futuro.

Tanto essa lei, em inúmeros casos, caiu no vazio, que muitos escravizados, por falta absoluta de opções, permaneceram trabalhando para seus antigos “proprietários” por salários de fome e até apenas “pela boia”, sem desconsiderar que décadas depois ainda havia tráfico e pessoas vivendo em situação de escravização.

Ou seja, foi efetivamente “para inglês ver”, pois a Inglaterra prometia apreender navios negreiros e romper relações com países que mantivessem a prática, não por convicção humana dos governantes da época.

A lei diz formalmente que está extinta a escravidão e que cada um se vire a seu jeito. Assim, milhares saíram das fazendas de seus antigos donos para serem escravizados na fazenda vizinha. Mas, viva a lei Aurea!

A hipocrisia de alguns brancos que defendem que não há discriminação racial no Brasil chega ao ponto de defender que existe um “racismo reverso”, absolutamente sem amparo histórico e fático. Toda queixa de discriminação por motivo de raça é exagero, mi-mi-mi, frescura.

“Vai jogar” e esquece isso, diz o treinador branco ao jogador negro chamado de macaco por outro jogador branco.

Num Estado da Federação em que mais de 80% da população é negra ou parda, e que sabemos foi o principal porto de recebimento de pessoas escravizadas nos mais de 300 anos de vergonha, ainda tem “branquela” que não se constrange em ofender um trabalhador negro chamando-o de macaco e imitando fisicamente um! Ora, no meu país isso é normal.

Não bastassem essas ofensas verbais e físicas, estão os negros e pardos submetidos às inúmeras discriminações trabalhistas, sociais, financeiras, educacionais e outras de toda espécie, o que os torna cidadãos de segunda classe, quando na verdade deram contribuição absolutamente decisiva para a formação do povo brasileiro, econômica e socialmente falando.

Não basta não ser racista, você tem que ser aberta e declaradamente antirracista, não aceitar nunca que essas barbáries que ocorrem todos os dias e em todos os lugares se perpetuem.

Passados 138 anos da extinção formal da escravização no Brasil ainda somos escravagistas.

Isso é muito triste.

PREGANDO NO DESERTO

A coisa mais ridícula que um cronista pode fazer é tentar centrar suas manifestações em sua pessoa, como se ele fosse o ser mais relevante do universo. Mas, pior ainda é passar o tempo todo se sentindo injustiçado, incompreendido, o coitadinho, de forma que eu luto, às vezes perco, para não me apresentar nesse lastimável estado pessoal.

De toda forma, me espanta que um cronista escreva uma página e meia, cerca de dois mil e seiscentos caracteres, exatamente para que possa explicar adequadamente seu ponto de vista, certo ou errado, e algumas pessoas (sejam justos), leiam apenas o título e já tenham opinião formada.

A minha querida amiga Eny Celidônio sempre dizia que o grande problema do Brasil não é a corrupção nem a inflação, é a interpretação de texto!

É muito importante, nessa época da altíssima comunicação, que as pessoas leiam o texto quantas vezes quantas for necessário, busquem informações sobre o assunto tratado e só depois, de forma consciente, façam suas manifestações favoráveis ou contrárias a ele.

Mas, parece que a coisa anda tão acelerada que eu não posso perder a chance de ser o primeiro a opinar, mesmo que seja para demonstrar claramente não ter lido, ou se li, não entendi.

Meu filho Tiago já me disse, anos atrás, que na internet ninguém lê mais que três linhas, e eu, burramente, insisto em escrever duas páginas ou um livro com 400 páginas.

Devo desistir de ficar falando para as paredes, pregando no deserto?

O diabo é que eu gosto de escrever, não para mostrar “como sou inteligente”, mas porque me faz bem, é uma terapia barata, apesar de não dar lucro algum.

Não posso dizer, pois seria uma grosseria, que não me importo com o que as pessoas pensam acerca do que escrevo, mas me nego a escrever apenas aquilo que as pessoas gostam! Se eu não defender o que penso e não me manifestar da forma que acho mais adequado, na tentativa de agradar a todos o tempo todo, meu futuro, que é a morte física, vai determinar minha morte intelectual.

Então, quando alguém que não conheço, diz que gosta do que escrevo e da forma como o faço porque sou sincero, ganhei o dia, a semana, o mês.

O resto, bem, vamos ver como fica amanhã.

Mas, por hoje, é isso!

REDISTRIBUIÇÃO PROCESSUAL DEVE SER UM ATO JURÍDICO. OU NÃO?

Das profundezas da minha insignificância técnica e importância jurídica, deixando claro que ainda não sei se o Ministro Toffoli agiu bem ou mal no caso Master, me atrevo a dizer que a solução dele pedir a redistribuição do processo, sem reconhecer impedimento ou suspeição, é uma excrescência no mundo do Direito Processual Civil.

Como advogado de província, mas com mais de vinte anos de docência superior e alguns livros e artigos de processo civil publicados, não tenho dúvidas (não ter dúvidas é manifestação de ignorância!) de que o juiz, desde a menor Comarca do país até a Suprema Corte, que seja reconhecido como competente (não de capacidade pessoal de examinar e julgar uma causa, mas nos termos do regramento jurídico) não pode, para efeitos de reduzir ou fazer cessar críticas públicas, merecidas ou não, simplesmente pedir redistribuição do processo.

Haverá redistribuição à outro Magistrado ou outro Juízo, quando aquele a quem a regra do “juiz natural” determinar atribuição para examinar e julgar, vier a falecer, estiver em licença do cargo (por motivos de saúde, viagem, cursos ou como punição administrativa), aposentar-se, falecer, declarar-se ou ser declarado impedido ou suspeito, em casos de continência (em que um processo, que corre em outro juízo, já conter o pedido feito no outro processo de outro juízo), ou conexão (em que a decisão de um processo influenciar a decisão do outro processo).

A decisão do STF que “redistribuiu” o processo para dar solução política à uma crise institucional, sem declarar o impedimento, a suspeição ou qualquer outra causa legal, cria um precedente extremamente perigoso, pois a partir de agora qualquer juiz, de qualquer comarca remota do país, pode pedir redistribuição de processo para não ser criticado, porque tem

muita repercussão social, porque está cansado, porque não entende do assunto, porque não está a fim de estudar a causa e outros motivos não processualmente legais.

Faltou coragem, e isso é muito triste para quem, como eu, mesmo reconhecendo defeitos no STF (afinal, quem não os tem?) sempre defendeu o sistema judiciário como foro adequado e civilizado de declaração do direito e solução de conflitos, para, ante a resistência do Ministro, declarar a sua suspeição (não estou afirmando que ela exista, essa é uma manifestação absolutamente técnica), marcando um tento histórico, fortalecendo-se institucionalmente.

Ou, não reconhecendo causa de impedimento ou suspeição, e negando-se o Ministro admiti-la (veja-se que ele pode se declarar suspeito por motivo de “foro íntimo”, ou seja, sem informar as causas), que o STF peitasse a opinião pública (ou opinião publicada, sei lá), e mantivesse-o na condução do processo.

Sempre penso que, por vezes, é necessário cortar um dedo, por mais que doa, para evitar perder a mão ou o braço. Mas, para isso, temos que ter visão histórica do processo e coragem cívica para admitir a perda do dedo em benefício da mão e do braço.

Essa decisão juridicamente esdrúxula, sinto informar, não estanca a crise, apenas muda o foco, mantendo o desgaste do STF.

É uma pena.

FACA NO PESCOÇO COMO ARGUMENTO

Provavelmente eu sou um ingênuo, mesmo tendo quase setenta anos de idade e quarenta e sete anos de trato com o Direito, além de ser pai de cinco filhos e cinco netas.

Mas, exatamente por ser velho e experiente, consegui aprender que não se ganha todas, que a vida é uma sequência de vitórias e derrotas, o que nos obriga a caprichar para sonhar com uma mínima possibilidade de estar mais por cima do que por baixo, porém não há garantia.

Já referi uma vez a letra de uma música que diz que “se a morte faz parte da vida e se vale a pena viver, então morrer vale a pena, se a gente teve tempo pra crescer”.

Ora, crescer não apenas em sentido financeiro, o que é bom, mas principalmente no sentido moral, social e relacional, porque ninguém vive só, por mais que não admita.

Uma coisa é termos argumentos fortes, o que é desejável, outra é antes mesmo de abrir negociação já lançar ameaças e intimidações contra o adversário, o que se constitui em selvageria, falta de educação e gentileza. Sim, a gentileza pode e deve estar presente nas relações, mesmo negociais.

Devemos estar preparados para recuar, reformular argumentos, abandonar teses radicais e até mesmo perder. Num acordo não buscamos aquilo que consideramos justiça para nós, mas aquilo que possa ser justo para o outro, também.

A função do acordo é restabelecer relações rompidas ou estremecidas, devendo os acordantes agir com honestidade argumentativa, mesmo que suas manifestações sejam contundentes, sem ser grosseiras.

Não é fácil, admito, estabelecer o limite entre a contundência e a grosseria, mas é obrigação dos negociadores buscarem sempre o equilíbrio entre as partes, uma vez que um acordo em que apenas um ganha não é acordo, é capitulação.

Nossos esforços não devem ser no sentido de humilhar o adversário, pois adversário que se submete à humilhação não merece nosso respeito. Aquele que capitula sem lutar pode facilmente não cumprir o acordo, traindo-nos. E, quem quer negociar com um traidor?

Então, ao propor algum negócio a alguém, não podemos encostar uma faca em seu pescoço, empurrando-o contra a parede, sem deixar algum espaço digno de manobra ao adversário.

Preciso dizer de quem estou falando?

STF: PRECISA, MESMO, DE UM CÓDIGO DE ÉTICA?

Trabalho há mais de 45 anos junto ao Poder Judiciário, e por isso tenho o maior respeito pela Instituição, sem deixar de reconhecer necessidade de alterações pontuais no exercício da jurisdição.

Somos agora induzidos a acreditar que “a salvação da lavoura” do STF, em razão de inúmeras polêmicas envolvendo pessoas e procedimentos, que é necessário um Código de Ética.

Ora, a Constituição Federal, em seu artigo 95, § único, já diz, pelo menos **desde 1988**, que aos juízes (aí, evidentemente, incluídos os Ministros do STF, STJ, STM, TST e Tribunais de Justiça) é **vedado** exercer, ainda que em disponibilidade, outro cargo ou função, salvo uma de magistério, receber, a qualquer título ou pretexto, custas ou participação em processo, dedicar-se à atividade político-partidária, receber, a qualquer título ou pretexto, auxílios ou contribuições de pessoas físicas, entidades públicas ou privadas, ressalvadas as exceções previstas em lei ou **exercer a advocacia no juízo ou tribunal do qual se afastou, antes de decorridos três anos do afastamento do cargo por aposentadoria ou exoneração**.

A **Lei Orgânica da Magistratura**, aplicável a todos os Magistrados, inclusive aos Ministros do STF, já diz, **desde 1979**, em seu artigo 35, que são **deveres do magistrado**, cumprir e fazer cumprir, com **independência**, serenidade e exatidão, as disposições legais e os atos de ofício, além de lhe ser **vedado**, artigo 36, exercer o comércio ou participar de sociedade comercial, ou **manifestar, por qualquer meio de comunicação, opinião sobre processo pendente de julgamento**, seu ou de outrem, ou juízo depreciativo sobre despachos, votos ou sentenças, de órgãos judiciais, ressalvada a crítica nos autos e em obras técnicas ou no exercício do magistério, e outras causas.

Não bastassem essas disposições, o **Código de Processo Civil** de **1973**, assim como a nova lei de 2015, em seus artigos 5º, 8º, 144 e 145, refere que **aquele que de qualquer forma participa do processo** (e o juiz, mesmo não sendo parte, participa do processo!) deve comportar-se de acordo com a **boa-fé**, enquanto o artigo 145 regula que é **suspeito** o Magistrado **amigo íntimo ou inimigo de qualquer das partes ou de seus advogados**, que receber presentes de pessoas que tiverem interesse na causa antes e outros casos.

O **Código de Processo Penal**, de **1941**, em seu artigo 112, determina que o juiz abster-se-á de servir no processo, quando houver incompatibilidade ou impedimento legal, e em artigos 252 e 254 regula os casos de **impedimento** e **suspeição**.

Então, o problema não é criar leis, códigos, instruções normativas ou portarias, mas de mero cumprimento do que já temos.

Mas, se a ideia é criar um fato político, está funcionando.

VOCÊ SE CONHECE?

Antes que acusem de estar usurpando as atribuições dos psicólogos, meus amigos, digo que esse texto não tem base científica, pois é apenas resultado de reflexões pessoais, algumas de madrugadas indormidas (essa é uma palavra estranha, mas está lá no dicionário, viu?).

Uma vez eu escrevi e publiquei uma crônica em que defendia a ideia de que me conhecia o suficiente para fazer a barba sem me olhar no espelho, mas com o envelhecimento surgiram algumas rugas e já não me garanto uma barba bem feita sem, no mínimo, conferir o resultado depois, o que garante uns bons minutos de irritação ante o mau resultado.

Mas, mesmo que o resultado da depilação facial sem espelho seja maravilhoso, isso não garante que eu me conheça, porque como dizem Colmar Duarte e Pirisca Greco na música O espelho, “não sou meu corpo que vejo, refletido à minha frente, sou as ideias que tenho, eu sou aquilo que penso”.

Eu, atrevidamente, acrescentaria à letra da música que eu também sou aquilo que digo, verbalmente ou por escrito, porque, em maior ou menor grau, todos temos nossa faixa de influência, mesmo que apenas junto à família e os amigos. Afinal, a família e os amigos são células do conjunto da sociedade.

Então, eu sou a cara envelhecida que vejo no espelho afixado na parede do banheiro de casa, mas sou também aquilo que penso e manifesto, colhendo os méritos e assumindo as responsabilidades legais e sociais do que digo.

Todo esse papo para dizer que, respeitosamente, observo que algumas pessoas exercem ao extremo o direito de manifestação nas redes sociais, mas ficam p. da vida quando outros, usando do mesmo direito de manifestação,

discordam delas, assumindo ares de ofendidas e passando à agressão verbal, quiçá física.

Claro que eu escrevo muito mais do que uma crônica por semana, porque mantenho relativa atividade nas redes sociais e em livros publicados, e tenho recebido alguns elogios tímidos e várias críticas ácidas e agressivas. Não me importo com as críticas ácidas e agressivas, mas não as desprezo, sendo que em alguns casos fui obrigado a reconhecer que são justas. Ou seja, pedi para levar e levei.

Para encerrar, devo dizer que luto dia a dia para me conhecer, não só o rosto que vejo no espelho, mas principalmente o que sou como escritor e modesto influenciador paroquial e quais são as minhas responsabilidades.

Longe de ser um filósofo, sou um humilde pensador que concorda com a frase atribuída à Sócrates: só sei que nada sei.

Enquanto não souber tudo, estarei vivo tentando aprender.

INAÇÃO DA AUTORIDADE AMBIENTAL ISENTA DE CRIME A PODA OU O CORTE DE ÁRVORES

Trabalhei por trinta anos, como Promotor de Justiça, com direito ambiental, sempre lutando para defender a natureza. Mas, também era minha atribuição a fiscalização da atuação da administração pública, de forma que tenho “lugar de fala” para dizer que nem sempre (ou quase nunca) ela cumpre prazos ou durações razoáveis de processo.

Vejam que a “duração razoável do processo” é um princípio constitucional, declarado no Título II, como um direito fundamental, artigo 5º, inciso LXXVIII, de que “a todos, no âmbito judicial e **administrativo**, são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação.”

Não se está aqui acusando o servidor público de não cumprir prazos e quase nunca dar ao processo administrativo uma duração razoável por má-fé ou desídia, mas o fato é que é altamente estressante para o cidadão esperar cinco ou seis anos para obter uma resposta, positiva ou negativa, à pedido de autorização de poda ou corte de árvores que um técnico atestou como morta ou com possibilidade de queda.

Assim, alguns resolvem “fazer justiça com as próprias mãos” e podam ou cortam árvores podres ou com grave risco de cair sobre as casas, sobre pessoas ou sobre automóveis, sem autorização, vindo a responder por crime ambiental, sem desprezar o pagamento de multa administrativa e obrigação de reparar o dano ambiental.

Em vista disso, na data de 22 de dezembro de 2025, foi publicada a Lei Federal 15.299, que altera o artigo 49 da Lei Federal 9.605/88 para dizer que “**não incorre em crime** quem procede à poda ou ao corte de árvore quando o órgão ambiental responsável não responder de maneira fundamentada, no prazo máximo de 45 (quarenta e cinco) dias, a requerimento que solicita o corte ou a poda em razão da possibilidade de

ocorrência de acidente devidamente atestada por empresa ou profissional habilitado, considerada tacitamente autorizada sua realização quando esgotado o referido prazo.”

Refere ainda que “o requerimento para permissão de poda ou de corte será instruído com laudo de empresa ou de profissional habilitado” e expirado o prazo para apreciação do requerimento, fica o interessado autorizado a contratar por conta própria empresa ou profissional habilitado para efetuar a poda ou o corte”.

Há que se considerar que os autores de crimes de poda ou corte irregular de árvores cometidos antes do dia 22 de dezembro de 2025 deverão ser beneficiados com a isenção, ante o princípio do *reformatio in melius*, ou seja, a retroatividade de lei mais benéfica ao acusado.

A alteração não se referiu à multa administrativa ambiental nem à indenização civil por dano ambiental, mas me parece que não seria justo que se isentasse o cidadão de responsabilidade penal e não se o liberasse dessas outras punições, o que deve ser definido pelos Tribunais.

Claro está que o Estado terá de dar ao servidor público responsável pelo exame dos pedidos de poda ou corte de árvores melhores condições de trabalho, aumentando as equipes e instruindo-o a atuar em defesa do direito legítimo do cidadão requerente.

O Estado não pode ser liberado da obrigação de cumprir prazos máximos para deferir ou negar um pedido do cidadão, pois isso seria, como é, exercício abusivo do direito.

FESTAS DE FIM DE ANO SÃO PURO SENTIMENTO

As datas de fim de ano são propícias para inúteis discussões sobre o Natal como símbolo do nascimento de Jesus Cristo ou como invenção do comércio para vender mais.

Digo que essas discussões são inúteis tanto quanto a de gostar ou odiar uva passa no arroz da festa de passagem de ano, porque sempre haverá quem o defenda e quem o massacre.

Não me parece que essas datas, assim como outras, como dia das mães, dos pais, dos namorados, tenham outro sentido que não o de nos fazer lembrar do outro, beijar, abraçar, desejar-lhe saúde e felicidade, agradecer sua existência e chorar por ele. Ah, e também pedir perdão.

Ok, o comércio aproveita para vender mais, mas que mal há nisso, se a mercadoria é de boa qualidade, o preço é justo e quem recebe o presente fica feliz? Essas festas fazem girar a economia, geram empregos, renda e tributos, não é bom?

Assim como a arte, também essas festas são necessárias para criar um sentimento de união, amor pelo próximo, troca de carinhos, oportunidade de recordar o que passou e planejar o futuro, sem racionalizar, só aproveitar.

Ontem eu ouvi uma pessoa de excelente formação acadêmica, profissional respeitado e sério, dizer que acredita na existência do Papai Noel porque o viu no shopping, sentou ao seu lado, ganhou uma balinha dele e trocou votos de feliz natal. Não é maravilhosa essa capacidade de abstrair a racionalidade e gozar plenamente dos sentimentos?

Lembrei que três dias atrás me peguei abanando para o Papai Noel e, incrível, ela abanou pra mim! Eu fiquei feliz, como uma criança que sou, esquecendo totalmente quase setenta anos de vida séria e regrada, cheia de autoridade e compromissos.

Se não nos deixarmos invadir por esses sentimentos, se não nos iludirmos conscientemente de que Papai Noel e Coelhinho da Pascoa existem, se insistirmos em racionalizar tudo, não passaremos de adultos chatos, muito chatos.

Não há relações humanas sem crença subjetiva de que o outro nos ama e que nós o amamos, mesmo sabendo que um dia podemos descobrir que estávamos enganados. Tudo bem, choramos um pouco e vamos à luta, de novo e de novo.

Como já disse Toquinho, “são demais os perigos dessa vida pra quem tem paixão” e eu me arrisco a dizer que viver sem paixão é não viver. Então, feche os olhos e se atire, morrendo de medo, mas pensando que talvez dê certo!

Nessas datas, não racionalize, só aproveite e chore.

Afinal, chorar também faz parte da vida.

QUE DIACHO, EU GOSTO DE ELOGIOS!

Estou mais ou menos preparado para ser “espinafrado”, xingado e negativamente criticado, mas confesso que meu coração pretensioso está sempre aberto aos elogios, alguns exagerados, mas acredito que sempre sinceros!

Nos últimos dias duas pessoas estranhas, que me encontraram em eventos sociais, vieram até mim e disseram que gostavam do que eu escrevo, que eu era sincero e honesto.

O ápice da exposição ao espelho de Narciso atingi ontem, quando alguém disse “eu gosto de ti”. Eita! Nas férias vou fazer uma lista, em ordem alfabética, das pessoas que gostam de mim, tenho certeza que não passará de meia página.

Eu brinco que tenho seis leitores, com margem de erro de dois para cima e dois para baixo, e prefiro que seja assim, porque sou vaidoso e se me convencesse que tenho milhares de leitores nem eu me aguentaria.

Claro que não desprezo a ideia de saber que pessoas leem o que escrevo, tanto os livros técnicos e de literatura de ficção quanto as crônicas, mas o que mais me alegra é saber que eu escrevo para mim sobre o que eu sinto.

Claro que meus amigos psicólogos e menos ainda os psiquiatras vão chiar, mas uso a escrita como uma terapia. Quem me conhece e me lê me reconhece nas palavras que escrevo.

Revisando alguns livros de crônicas que publiquei, me espantei com alguns textos que hoje eu não assinaria, tal era a imprecisão histórica como a manifestação de uma fé burra injustificável, a exemplo do texto intitulado “A Lava-Jato não vai parar”. Eita, que coisa, hein? Não só parou como revelou um conjunto lamentável de fatos criminosos envolvendo os investigadores que eu incensava, como um idiota.

Mas, que diacho, eu gosto de ser elogiado. Isso seria um defeito de caráter ou uma necessidade humana, natural e até desejável?

No momento em que recebemos elogios, somos incentivados a continuar a fazer o que fazemos, mas também a fazer melhor, para efeitos de não perder a admiração do leitor.

Claro que temos que cuidar para não achar que já atingimos o máximo, porque esse é privativo dos gênios, o que absolutamente não sou.

Escrevi uma vez uma crônica intitulada “Na busca do texto perfeito”, e isso, ao menos comigo, não existe. Até pode acontecer do escritor piorar ao longo do tempo, e nunca atingirá a perfeição, porque isso pertence a Deus.

E nós, seres humanos, nunca podemos acreditar que somos ou podemos ser perfeitos, apenas sonhar.

Vai sonhando, Adede.

O BOM E O MAU

Alguns amigos (não muitos, admito), perguntam de onde tiro ideias para as crônicas em que arrisco perder as raras amizades construídas em 69 anos de vida, daí respondo que o dicionário as descreve como “gênero literário que consiste na apreciação e narração pessoal dos fatos da vida cotidiana”, enquanto outros a definem como textos de vida curta!

Ainda prefiro pensar que é transformar a vida diária, os fatos e os pensamentos em frases críticas responsáveis, mas sujeitas as alterações comuns da experiência, sem culpas e arrependimentos, o que nos permite avançar ou retroceder, pois, afinal, não somos máquinas, mas homens (aqui no sentido de ser da espécie humana) é que somos.

Aí, um dia (sempre cuidando para não identificar o interlocutor, a data e o lugar), alguém diz, com uma cara muito séria e profunda, que quando os bons se omitem os maus tomam conta de tudo.

Beleza, como diz minha netinha com um ano e três meses, mas o problema é definir quem são os bons e quem são os maus!

Quais os critérios objetivos (na avaliação de qualidades pessoais, não existe essa história de objetividade, tudo é subjetivo, afinal são sujeitos de que se fala!) para definir quem é bom e quem é mau?

Sempre existiu, e isso é bom, pessoas pensando e agindo diferente, sem esquecer que há espaço, infelizmente, para aqueles que se aproveitam das brechas entre os considerados bons e maus pensamentos que, avaliados necessariamente por critérios subjetivos, transitam na sociedade, todos os dias, o tempo todo.

Eu posso optar, legitimamente, por manter excelentes relações com meus vizinhos, ser indiferente com eles ou, pior ainda, ser agressivo, deseducado e desinteressado com eles. No primeiro caso, serei eu bom? No comportamento intermediário, construo uma relação com eles? Mas, por final, serei eu mau por ser agressivo, deseducado e grosseiro?

Claro que existem princípios mais ou menos universais de justiça, bondade, injustiça e maldade, mas mesmo assim qualquer um desses critérios pode ser interpretado e aplicado de forma mais ou menos diversa, sem que isso signifique desonestidade intelectual.

Achei o critério para definir bom e mau: honestidade intelectual.

Ser intelectualmente honesto em nossos pensamentos e manifestações não nos livra do inferno, mas nos garante, acho, pelo menos o direito de fazer um estágio mais ou menos breve no purgatório (se esse existe, parece que a Igreja o extinguiu, o que é uma pena, porque contava com isso pra mim!).

Acho que não ajudei muito em definir bom e mau, mas tenham certeza que me esforcei, o que é máximo que uma cabeça burra como a minha consegue: ser intelectualmente honesta.

Entenderam?

RESPOSTAS FÁCEIS PARA PROBLEMAS DIFÍCEIS

Nesse mundo que se move tão rápido, em que encontramos respostas para nossas dúvidas com a velocidade da luz, tudo parece fácil, e os governos adotam a agenda popular de ontem, em vez de estabelecer programas de governo para amanhã.

Nada contra a classe política, mas a cada dois anos temos uma eleição, de forma que vivemos afogados em promessas de atendimento das nossas necessidades, como segurança, educação, saúde e outras.

E, naturalmente, aqueles que se candidatam à um cargo a que se pode aceder apenas pelo voto, entram em desespero e prometem tudo, inclusive aquilo que até os cachorrinhos do Calçadão (queridos!) sabem ser de difícil solução.

Assim, como o custo atual para a obtenção de uma carteira nacional de habilitação se tornou proibitivo, aprova-se uma resolução que libera o candidato de aulas teóricas, com a promessa de reduzir a despesa em até 80%.

Daí eu pergunto: a licença para dirigir não é uma atividade pública? Se é, porque o governo não estabelece o preço do serviço? O preço hoje praticado parece alto, mas é justo, correto e adequado? Se é justo, não parece simples demais dispensar o candidato das aulas teóricas, que, em tese, vai prepará-lo melhor para sair por aí dirigindo, atropelando e matando?

Sabemos que um licenciamento ambiental é caro e demorado. Ok, mas quem dá o licenciamento? Ah, é o governo. Bem, então para baratear os custos e agilizar o processo, vamos lá e criamos a figura esdrúxula e ilegal do auto licenciamento, em que o empreendedor pode iniciar as atividades sem esperar a manifestação das autoridades ambientais, que só mais tarde (e bota mais tarde nisso!) vai verificar se está havendo degradação e recuperação.

Se sabemos que, mesmo com todas as exigências hoje existentes inúmeras vezes o dano ambiental não é reparado, sabem quando isso acontecerá com a fantasia da auto licença? Nunca de “pitiriba”.

Temos muitos problemas de segurança. O que fazemos? Subimos os morros e matamos cento e vinte pessoas e alguns policiais. Mas, quem está interessado nos efeitos colaterais? Em dois dias os traficantes mortos foram substituídos por outros, mas é muito legal ver bandido morto, mesmo que também tenhamos alguns policiais mortos.

Planejar medidas de longo prazo dá muito trabalho e nenhum voto.

A questão não são as respostas fáceis, que essas qualquer Zé Mané tem, mas as perguntas difíceis, pois essas exigem estudo, planejamento, programação e tempo. Mas, não temos tempo!

Cruel.

EU, RÉU

Passados mais de 50 anos de contato com o Direito, aí contados o estágio durante o curso, o longo período como Promotor de Justiça e mais a advocacia, não consigo deixar de pensar no sentimento do réu durante o julgamento, principalmente frente ao Tribunal do Júri.

Claro que o advogado defende pessoas culpadas, pois a sua função não é apenas absolver, mas garantir que a condenação seja justa, se for o caso, e que ela receba o tratamento humano que a lei e a civilização exigem.

Portanto, tenho iniciado, por ora apenas na minha cabeça, um texto que pode se desenvolver como livro, com esse título e esse tema: o que pensa o réu enquanto acusação e defesa se digladiam.

Em geral, tanto acusação quanto defesa têm argumentos para condenar ou para absolver, cabendo ao julgador, cidadão comum, sem conhecimento e sem prática jurídica, decidir entre mandá-lo pra casa, livre e sem culpa formal, ou remetê-lo pra a prisão por longos anos.

A função do julgador, juiz togado ou jurado, é colocar esses argumentos na balança imaginária da justiça e decidir para que lado pendem, e eu penso que não seja fácil para nenhum dos dois.

Mas, eu, réu acusado de um crime contra a vida, imaginemos que sem culpa, ou seja, acusado injustamente, como me sinto? O que deve passar pela minha cabeça, ali sentado e assistindo passivamente o acusador dizer que sou um monstro que não merece viver em sociedade e, do outro lado, meu advogado tentando demonstrar que não tive participação no delito, que sou um cidadão honesto, trabalhador, etc.

Talvez eu levantasse e saísse correndo, que me pegasse a Polícia antes de eu sair da sala do júri, ou me submeteria a humilhação de aceitar e cumprir uma pena por um crime que não cometi.

Mas, se eu fosse culpado, como pensaria? Talvez que eu fiz uma c... federal, que poderia ter evitado o cometimento do crime, que não tive inteligência suficiente para fazer a coisa certa, sei lá!

O que é certo é que o réu, por mais culpado e merecedor de pena que seja, é um ser humano, e é acerca desse ser humano que eu me interesso em minhas elaborações mentais.

Então, sendo minha área de interesse a pessoa, e não propriamente os atos por ela cometidos, pretendo iniciar um texto que Deus permita possa ser publicado em 2026.

Talvez não role, talvez sim.

AO MESTRES, SOCOS NA CARA

A desvalorização do professor, infelizmente, não é um fenômeno recente, e tenho “lugar de fala” porque lecionei em educação superior por quase um quarto de século, sempre movido pela paixão de compartilhar conhecimento, nunca pela remuneração ou condições dignas de trabalho.

Mesmo em faculdades particulares era comum que tínhamos que carregar na pasta barras de giz (alguém aí conhece esse instrumento de escrita?) ou canetões, porque não era incomum a ausência desses recursos, daí quando usávamos slides (meu Deus, isso é antigo demais!) ou ultimamente projetores que nem sempre funcionavam, nos sentíamos muito tecnológicos.

Mas, eu elevo à condição de verdadeiros heróis os professores de ensino infantil, fundamental e médio, que apesar das “fortunas” que ganham, ainda têm que enfrentar fisicamente **alguns pais** ignorantes, deseducados e grosseiros que sempre dão razão aos filhos ignorantes, deseducados e grosseiros, mesmo quando eles não têm nenhuma razão.

Fiz questão, no parágrafo anterior, de grifar **alguns pais**, como forma de reconhecer que a maioria, graças a Deus, respeita os mestres e sabe reconhecer os erros dos filhos, mas uma minoria transformou a escola num campo de batalha.

Ok, eu também li que alguns alunos e pais do professor agredido com nove socos na cara pelo pai de uma aluna que reclamou ter sido advertida a guardar o celular costumava “xingar” os alunos, mas por evidente que nada justifica o episódio de verdadeira selvageria.

O incrível dessa história é que a mesma aluna que reclamou do professor foi quem imobilizou fisicamente o pai furioso, dizendo “para pai,

não faz isso”! Ainda resta alguma esperança de civilidade nesse mundo louco?

Se havia queixas dos alunos acerca da forma como o professor agredido os tratava, o correto seria apresentar reclamação na direção, para que ele fosse punido, nos termos da lei, depois de garantida ampla defesa.

Mas, se os pais agressivos encaram a escola como um depósito de crianças, como uma solução para a sua falta de compromisso com a educação dos filhos, os professores não passam de empregados seus, assalariados sempre errados, escravos de sua prepotência.

Se eu me orgulho de não ter estudado porque, como disse Gildo de Freitas, “não tive tempo de ser vagabundo”, então o futuro da educação não mais existe.

De qualquer forma, eu digo: “Aos mestres, com carinho!”

PAZ NO MUNDO

Quem lê livros e jornais ou assiste reportagens veiculadas pela imprensa, sabe que o mundo sempre esteve às voltas com conflitos armados, internos e externos, para defesa ou para conquistas de territórios, por vinganças pessoais, por desejo de afirmação de autoridade ou por puro ódio pelo outro.

Motivos é que não faltaram, ao longo de séculos, para *justificar* os conflitos, sendo que, segundo a imprensa, as mais relevantes guerras em andamento no momento são a Guerra entre Israel x Hamas, o Conflito Azerbaijão x Armênia em Nagorno-Karabakh, a Guerra Rússia x Ucrânia, a Guerra da Síria e a Guerra Civil no Iêmen.

Para quem, como nós, não vivemos nos territórios em guerra, é sempre muito difícil, e por vezes impossível, saber com quem está a razão, pois alguém já disse que “na guerra, a primeira vítima é a verdade”. Penso que, mesmo aqueles que vivem no “olho do furacão” têm dificuldades em avaliar o que é verdade e o que é mentira.

Podemos simplesmente escolher um lado e escolher a mentira ou a verdade que mais nos satisfaz e ir dormir com a consciência tranquila, mas tal comportamento, mesmo muito cômodo, não é honesto e não resolve a questão do certo e do errado.

Sei que sou um chato, porque quero saber o que aconteceu de verdade e porque aconteceu, para não passar por idiota. Muitos não se importam em ser e parecer idiotas, eu prefiro ser minimamente racional.

O fato é que não existem guerras justas, em razão das muitas e desnecessárias mortes de jovens que não decidem, de crianças que nem sabem porque os tiros os atingem, de idosos e mulheres que não possuem armas.

As guerras estraçalham também a vida, a economia e o futuro de um país, pois a partir do início dos conflitos tudo que se faz é drenado para o campo de batalha, um charco de dor e sangue.

Sei que, por vezes, um país é invadido por outro, obrigando-se a reagir para recuperar território e libertar seu povo, mas isso não significa que a guerra é boa, justa e necessária, porque o ideal seria a “não guerra”, por mais ingênuo que possa parecer.

Não podemos “normalizar” ou aceitar a ideia de que conflitos armados sejam soluções para desinteligências, pois temos um mundo altamente tecnológico que nos fornece meios pacíficos de solução de pendências.

Vamos conversar mais e guerrear menos?

FLORES DE PLÁSTICO

Acabei de ler o livro *A Premonição*, de Michael Lewis: uma história de pandemia, em que ele conta que uma médica, envolvida no combate à Covid-19 nos EUA, alugou um apartamento térreo e achou que devia cultivar flores em sua varanda.

As flores nasceram viçosas e em pouco tempo os vizinhos paravam para admirá-las e elogiar a médica, mas com a passagem do tempo e a falta de talento dela para a jardinagem, começaram a morrer.

Para não passar vergonha frente aos vizinhos e desejosa de não confessar sua inabilidade em jardinagem, comprou em uma loja flores de plástico, “plantando-as” nos espaços das flores naturais que haviam morrido.

Enganou os vizinhos, sendo que alguns achavam mais bonitas e viçosas as flores de plástico, mas entendeu que a si mesmo nunca poderia enganar, concluindo que a verdade é sempre mais forte que a mentira, ao menos para aqueles que a procuram.

É muito tentador “parecer ser”, pois isso exige menos esforço do que realmente “ser”, em tudo que fazemos, mas é certo que, conforme Abraham Lincoln, “pode-se enganar todas as pessoas por algum tempo e algumas pessoas durante todo o tempo, mas não se pode enganar todo o mundo por todo o tempo”.

Eu acrescentaria que não podemos nos enganar todo o tempo, e de mais a mais, não acho que valha a pena.

Numa sociedade como a nossa, em que as aparências valem mais do que a realidade, em que devemos demonstrar forças, qualidades e crenças que não temos, em que a competição é acirrada e cruel, acreditar em si mesmo é uma necessidade diária.

Mas, a crença em nós mesmos e em nossas capacidades não pode nos permitir abusar, extrapolar os limites claramente demonstrados ao longo do

tempo, estabelecer metas pessoais ou financeiras flagrantemente inexistentes e inatingíveis.

Para crescer é preciso audácia, mas não podemos ser escravos dessa vontade, ultrapassando nossos princípios de vida e atropelando a ética e a empatia pelo outro.

Há muito tempo desisti de plantar flores ou árvores, pois tenho “mão podre”, elas até nascem e crescem, para em seguida morrer.

Por isso, deixo a função de plantar e cuidar das flores e plantas na minha casa ao encargo de minha esposa, me conformando com minhas flores de plástico, muito menos bonitas, mas verdadeiras. E não morrem, apenas desbotam com o tempo.

FILHOS

Dizem, com razão, que a pessoa é produto do meio em que nasce e cresce, mas às vezes acho que é impor aos pais uma responsabilidade muito grande.

Afinal, mesmo que a família tenha sido considerada por séculos como a *célula mater* da sociedade, não resta dúvida que o mundo mudou para impor a ela uma série de dificuldades na formação dos filhos, dado a absurda possibilidade de acesso a informações super-rápidas e, em geral, muito mais atraentes que os conselhos verbais dos pais ou exemplos dos irmãos.

Claro que, ainda na época em que não se tinha televisão nem internet, os filhos sofriam, positiva ou negativamente, influências externas que os faziam ser muito diferentes uns dos outros, mas é certo que os valores básicos de honestidade, trabalho e humanidade, eles recebiam em casa.

É secular a realidade de filhos abandonando, agredindo e até matando pais, mas ultimamente temos recebido tantas notícias a respeito que nos obriga a pensar no assunto.

Sempre houve desamor entre pais e filhos, muitas vezes por discussões e lutas de fundo financeiro, como divisão de heranças e acesso a valores em vida.

No entanto, o afastamento físico de pais e filhos tem determinado o afastamento psicológico, o desinteresse de um pelo outro e o descumprimento de obrigações de amor e manutenção entre eles, o que pode explicar tantos casos graves de agressões, abandono e morte.

Observo que nós, os idosos, temos a mania de achar que sabemos tudo, que no “nosso tempo” tudo era melhor, mais certo e mais adequado,

negando-nos a admitir que o mundo mudou, para melhor ou para pior, de forma que as relações humanas também mudaram.

Não estou dizendo que faço tudo certo (meus cinco filhos e cinco netas que o digam), mas me esforço para não ser muito chato, para entender os mais jovens e respeitar seu mundo, sua forma de pensar e de agir, sem renunciar aos meus próprios valores.

Confesso que essa tentativa de respeitar o pensamento de meus filhos e ao mesmo tempo colocar meus valores é uma luta bem difícil, me equilíbrio entre o meu mundo e o mundo deles, mas é necessário lutar por isso.

Não existem regras fixas e determinadas, por vezes mais erramos que acertamos, mas tentar é uma necessidade da qual não podemos abrir mão.

Afinal, diferentes ou iguais, nossos filhos e netos são nossa continuidade, a certeza de que não vivemos em vão.

PEC DA VERGONHA, OU DA FALTA DELA

A **PEC DA VERGONHA**, que a Câmara de Deputados prefere chamar de PEC das Prerrogativas e o povo de PEC da Bandidagem (estou quase concordando com esse nome!), exigiria que as autoridades judiciais, policiais e Ministério Público, obtivessem previamente autorização para investigar parlamentares por crimes de homicídio, sequestro, tráfico de drogas, estupro e outras canalhices.

Imagino que para convencer a Câmara a autorizar o início da investigação eu tenha que investigar sem autorização, como forma de obter dados que me permitam pedir autorização! Eita, isso é Kafka puro. E, se investiguei sem autorização para fundamentar um pedido de autorização posso ser punido?

Então, além de absolutamente ilegal, a exigência de autorização de investigação para obter a autorização de investigação, ops, me perdi, onde eu estava mesmo?

Ora, nem eu nem ninguém gosta de ser investigado e, muito menos, ser processado, não quero nem falar em ser condenado, mas isso faz parte do jogo, amiguinhos.

Alguns reclamam que 513 deputados decidem alguma coisa e o Judiciário, tiranamente, vai lá e diz “é ilegal e inconstitucional”, uma barbaridade. Querem o quê, poder para decidir qualquer coisa e não ser fiscalizados?

Assim é, garotinhos, que funciona a democracia, com um sistema muito chato de freios e contrapesos, em divisão de poderes entre legislativo, executivo e judiciário, em que o primeiro faz as leis, o segundo executa as

leis e o orçamento aprovado pelo primeiro e o terceiro examina a legalidade e a constitucionalidade de tudo isso.

Bom mesmo é uma ditadura, não tem essa chatice de controle judicial, que só atrapalha os ditadores, os todos poderosos que querem ficar imunes à investigação quando matam a esposa, estupram a filha de dois anos e ganham rios de dinheiro traficando drogas.

E nós, que não temos um mandato? Bem feito, quem manda ser “pé de chinelo”.

O problema maior não é quando o parlamentar vira bandido, mas quando o bandido vira parlamentar. Daí, está tudo dominado pelo crime, e a sociedade que se ...

Se essa barbaridade passar no Senado, acabou o país da legalidade, da democracia, da igualdade de todos.

Espero que essa PEC não passe, mas as caras sem vergonha dos que a aprovaram não serão esquecidas!

SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

O bom senso me diz que eu devia ficar quieto, mas minha capacidade de não me indignar é bem desobediente.

Em 1548, Étienne de La Boétie escreveu o “Discurso da Servidão Voluntária”, em que “explica de que maneira os povos podem se submeter voluntariamente ao governo de um só homem: em primeiro lugar, pelo hábito, uma vez que quem está acostumado à servidão tende a não questioná-la; em seguida, pela religião e pela superstição que se cria em torno da figura do líder”.

Em algum momento escrevi uma crônica intitulada “Não precisamos de um salvador da Pátria”, mas de líderes honestos e bons administradores, capazes de ouvir a todos e tomar as decisões que atendam o interesse público geral.

Sempre achei péssima a idolatria de pessoas, pois tal comportamento nos afasta da possibilidade de examinar com racionalidade e desenvolver honestamente nossos argumentos no sentido de valorizar o certo e criticar o errado.

Sei que essa “racionalidade” não engaja, não lacra na internet, hoje nosso principal local de contato social, já que as conversas presenciais, cara a cara, estão fora de moda, mas me nego a abraçar uma pessoa como salvador da Pátria, acima de qualquer crítica.

Mas, por isso mesmo não me acho capaz, por pura burrice, de me submeter ao discurso e a vontade de pessoas flagrantemente equivocadas, incapaz de sustentar racionalmente por dois minutos um discurso descolado da realidade.

Já disse, e por falta de outros argumentos, repito que me nego a servir a senhores, porque minha consciência não se submete a vontades alheias que não reconheço como legítimas.

Minha bandeira é a da humanidade, da bondade, do interesse pelo outro, pelo respeito ao cidadão e suas escolhas.

Já cometi muitos erros nesses 69 anos de vida, e essa crônica talvez seja mais um, mas garanto que é honesta. Se tiver que me arrepender de tê-la escrito não terei vergonha de fazê-lo, porque entendo que a capacidade de reconhecer equívocos é mais importante que a certeza.

Sou brasileiro. E essa terra tem dono.

Coloco minha “pena” de escritor à disposição da independência e da soberania, já que minhas forças musculares não me permitem prometer mais que isso!

Nunca tive donos e nunca vou ter. Só a morte, que dessa ninguém escapa.

TEMOS SAÍDAS?

Claro que num ambiente contaminado pela polarização e pelo dirigismo político que gasta todos os seus argumentos para nos convencer que “A” é ladrão e que “B” é corrupto, quem pensa fica contra a parede, sem opções.

Ter que escolher entre “o menos ruim” e “o péssimo” é cruel e desumano, não é justo e não é uma saída honrosa e construtiva de uma sociedade melhor.

Ah, mas tu és “murista”, aquele que não assume ser de direita nem de esquerda, que não consegue ver as qualidades do “A” e do “B”, apenas os defeitos.

Bueno, não estou falando de defeitos, que todos têm, afinal somos humanos, pensamos diferente e cometemos erros, todos os dias, quando nos manifestamos e quando calamos, quando atuamos e quando apenas assistimos os outros atuarem.

Não estou exigindo perfeição, mas apenas uma opção razoável, um projeto de país honesto e factível, um conjunto de ideias abertas ao diálogo, à construção de uma sociedade aceitável, respeitosa das diferenças, reconciliável, iluminada pela honestidade de caráter.

Já ameacei (me chamaram, com razão, de ridículo e inconsequente em razão dessa ameaça), usar de meu direito legal de não votar logo que atingir setenta anos, mas sei que “eles” não estão nem aí pra mim, que sobram votos para eleger um ou outro.

Minha contribuição, admito que irrelevante, à alteração desse quadro lamentável, é pensar, escrever, falar, na ilusão (nada mais que isso), que dois ou três amigos possam concordar comigo e me ajudar a exercer uma insignificante colaboração sócio-política.

Sei que os “influenciadores” de hoje não são os pensadores (esse são muito chatos) não cantam, não dançam, não se manifestam como autoridades acerca de assuntos que absolutamente não dominam, não acham graça de tudo, estão sempre pretendendo discutir assuntos sérios.

Mas, como os antigos como eu diziam “uma andorinha só não faz verão”, penso que milhões de andorinhas tapam a luz do sol, fazem acrobacias aéreas lindas, mudam a paisagem, alteram o ambiente.

Em algum momento, queira Deus, deixaremos de defender “A” ou “B” e passaremos a buscar alternativas de sociedades viáveis, pessoas realmente interessadas no país e não em seus projetos pessoais de poder, conjuntos de ideias para todos e não para direita ou esquerda.

Somo mais que direita e esquerda, somos pessoas com sonhos, necessidades, filhos e netos, felicidade e sofrimento.

É pedir demais?

TORCEDORES OU CRIMINOSOS?

Todo evento, esportivo ou social, que implique em aglomeração de pessoas, corre o risco de se transformar em tumulto e praça de violência, com lesões e mortes, mas no Brasil, em razão do futebol ser uma paixão nacional, temos assistidos cenas de selvageria cada vez mais graves.

O legislador, já em 2003, aprovou texto, que leva o número 10.671, que Institui o Estatuto de Defesa do Torcedor, e que, na teoria, estabelece diversas regras, começando por dizer que a proteção e a defesa dos frequentadores de eventos esportivos, com medidas de prevenção à violência antes, durante de depois dos jogos, é obrigação das entidades esportivas e do Estado.

A lei regulamenta ainda as torcidas organizadas, exigindo que mantenham cadastros com nomes e outras informações acerca de seus membros, regula a publicidade e a transparência na organização das competições, o transporte, a alimentação e a higiene das instalações e a punição dos maus dirigentes com destituição e suspensão.

Avança para definir e punir os crimes de tumulto, violência e invasão de praças esportivas em até mesmo 5 mil metros em torno, e corrupção de arbitragem e jogadores para alterar os resultados, com penas de reclusão de até seis anos e multa.

Bueno, o Poder Judiciário instala Juizados Especiais nos estádios de futebol e aplica sanções na hora, de forma tecnicamente rápida, mas que, parece, não tem inibido a violência.

Não se pode apostar na punição como única forma de coibir violências as mais diversas, menos ainda em espaços com milhares de pessoas movidas pela paixão, por desejos de vingança esportiva e pessoal e, sabemos, com muitas embriagadas e sob efeito de drogas.

Não sou de frequentar estádios de futebol, torcendo por meu time pela televisão e pelo rádio, mas confesso que chorei quando visitei meu clube e sentei em suas cadeiras vermelhas, me imaginando estar ali em dia de jogo.

Claro que não vou por puro medo e por reprovação absoluta do comportamento de alguns torcedores, mas gostaria de estar ali pulando, gritando palavras de incentivo (e certamente algumas vaías respeitosas, eventualmente) e fazendo parte dessa paixão, *in loco*.

Então, além de todo o prejuízo às vítimas e ao espetáculo, também as pessoas que abominam a violência se veem tolhidas de seu direito de frequentar estádios, como se elas fossem as erradas, o que não é justo.

Sei que futebol não é, para o torcedor, um esporte técnico, mas pura paixão, nascida da simpatia pelas cores ou por ancestralidade, pelo espírito de luta dos jogadores e pelos resultados favoráveis, mas como em qualquer atividade, o campo onde se ganha é o mesmo em que se empata e se perde, não sendo aceitável a violência ante um mau resultado.

Infelizmente, estou convencido que a violência não é a insatisfação com o resultado, mas sim é a pura manifestação de criminosos que sequestraram nosso direito de sorrir e chorar em paz por nossos times, que se apropriaram da representação de nossas frustrações e praticam a agressão para mostrar valentia, próprio dos covardes.

É uma pena.

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA REDAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS É CRIME

1. Introdução

Excursionar pelo tema de uso de ferramentas de inteligência artificial, sem dominar a tecnologia é complicado, mas como não existe atividade humana sem risco, pretendemos apenas manifestar a enorme preocupação hoje existente no mundo das letras, notadamente daquela de ficção (ou seja, não técnica) acerca do assunto.

Não desconhecemos (principalmente quem algum dia exerceu o magistério) que a cópia de textos inteiros, ou de partes, sem referir fontes, é uma realidade desde o ensino fundamental até cursos de pós-graduação, constituindo-se em enorme desafio no que se refere à identificação e à punição.

Mesmo quando não dispúnhamos dessa ferramenta tão importante da internet, era comum a cópia de trechos e de textos inteiros de livros e a apresentação deles como se fossem do plagiador.

No entanto, hoje essa prática se tornou muito mais facilitada, sendo o acesso a textos alheios “brincadeira de criança”, dificultando em muito a identificação ante a existência de milhões de possibilidades.

Para piorar tudo, hoje contamos com uma ferramenta chamada “inteligência artificial”, colocada à disposição de todos por valores irrisórios e até gratuitamente, disponibilizada em computadores pessoais e em celulares.

Mas o que é, afinal, “inteligência artificial”?

2. O que é a inteligência artificial?

Alguns dizem, com razão, que não existe “inteligência artificial”, porque a “inteligência” é atributo humano, é a capacidade que o homem tem

de recolher informações no meio em que vive, mediante a observação, a troca de experiências com outros humanos, a conversação e a leitura de obras de qualidade técnica e processá-las de forma racional ou emocional.

De qualquer forma, “inteligência artificial (IA) é uma tecnologia que permite que computadores e máquinas simulem o aprendizado, a compreensão, a resolução de problemas, a tomada de decisões, a criatividade e a autonomia dos seres humanos”. Assim, “aplicações e dispositivos equipados com IA podem ver e identificar objetos...entender e responder à linguagem humana...aprender com novas informações e experiências...fazer recomendações detalhadas para usuários e especialistas... agir de forma independente, substituindo a necessidade de inteligência ou intervenção humana...”¹

Assustadoramente, segundo os mesmos autores, “em 2024, a maioria dos pesquisadores e profissionais de IA (e a maioria das manchetes relacionadas à IA) está focada em avanços na IA generativa (IA gen), **uma tecnologia que pode criar textos**, imagens, vídeos e outros conteúdos originais”! (grifamos)

Assim, basta indicar ao instrumento de IA o tema e alguns dados básicos, e ele “escreve” em segundos, uma poesia, uma crônica, um conto e até um livro de 200 páginas absolutamente “original”, quer dizer, **não seria cópia** (ou seria?). Isso é o que veremos melhor a seguir.

Por exemplo, digite em seu celular agora: “escreva uma poesia sobre o amor agressivo”, e em 10 segundos você a terá, linda e maravilhosa. Daí, basta acrescentar seu nome como “autor” e publicar, faturando fama e alguma grana.

¹ STRYKER, Colle. KAVLAKOGLU, Eda. O que é inteligência artificial. Site da Internet: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/artificial-intelligence>. Acesso dia 30 de julho de 2025.

Existem algumas plataformas de IA que você pode baixar na internet por alguns trocados, mas outras são gratuitas e estão disponíveis em aplicativos populares, como o WhatsApp.

Simples assim!

3. Mas por que escrevemos?

Certamente que essa pergunta deve ter sido feita milhões de vezes por leitores a escritores e por escritores a si mesmos, e tem resposta simples: a **paixão pelas letras**.

O poeta Ferreira Gullar já disse que “a arte existe porque a vida não basta”, e que a “arte é uma coisa imprevisível, é descoberta, é uma invenção da vida”².

Torcendo para que todos os escritores honestos estejam imbuídos da mesma paixão, é simples concluir que tal sentimento não pode ser obliterado pela tecnologia, pela produção de textos criados por máquinas, mesmo que essas sejam, na verdade, resultado da ciência e da inteligência humana.

A literatura não é apenas aquilo que lemos em livros e jornais impressos, em e-books e sites da internet, mas tudo que é produzido pela mente e pela imaginação humana e que fica depositado em memórias de computadores ou gavetas de escrivaninhas, sem desprezar a importantíssima tradição oral de histórias e poesias declamadas em público ou em ambientes privados.

Todas essas formas de literatura são movidas por interesses humanos, profissionais, pessoais ou financeiros, e não há algum problema (?) nisso, pois é o “interesse” de fazer alguma coisa que move o homem, para a frente ou para trás, construindo a humanidade.

² Site da Internet: [G1 - 'A arte existe porque a vida não basta', diz Ferreira Gullar - notícias em Flip](#). Acesso dia 30 de julho de 2025.

Mas, sem dúvida, esses vários **interesses** devem ser **honestos**, ou seja, claramente identificáveis e assumidos, buscando proteger quem os admira e os busca para seu deleite ou satisfação pessoal, como os contos, poesias e crônicas; ou de suas necessidades profissionais, como ensaios e textos técnicos.

4. Plágio ou cópia

Segundo Menezes, “plágio é a apropriação indevida de um produto intelectual (texto, obra artística, imagem, etc.) de uma pessoa, sem lhe atribuir o devido crédito”, podendo ser direto, indireto e até mesmo autoplágio, integral ou parcial, e “consiste na violação de direitos autorais e falsidade ideológica, pois o plagiador tenta se passar pelo autor da obra”.³

Na verdade, só escrevemos sobre o que sabemos, mediante leituras, visualizações, ou por “ouvir dizer”, sendo que a partir dali criamos personagens e situações originais.

Estamos sempre, de uma certa forma, “copiando a realidade”, mas isso não significa que possamos “copiar o texto” de outrem sem lhe atribuir autoria, pois o texto é resultado de esforço mental alheio, e a violação dele causa prejuízo social, intelectual, psicológico e financeiro ao autor.

Principalmente em textos técnicos, como na área do direito, da engenharia, da medicina e outros, o cuidado ao usar as ideias do autor deve ser muito grande e feito de forma parcimoniosa, pois copiar tudo e atribuir autoria constitui, muito claramente, o desejo de enganar quem lê, simulando honestidade.

É muito comum, infelizmente, que a exigência das bancas, nas escolas, para que os alunos legitimem suas monografias e teses com as referências de outros autores, acabe transformando o trabalho em uma mera

³ **MENEZES**, Pedro. Site da internet: <https://www.significados.com.br/plagio/>. Acesso dia 30 de julho de 2025.

“compilação”, sem nenhuma criatividade e ideias próprias, o que não contribui em nada para o crescimento da intelectualidade.

Parece que tal comportamento incentiva o plágio e a cópia, sendo a inteligência artificial uma ferramenta muito útil para burlar o sistema, pois produz textos “originais”, claro que a partir de ideias já formuladas por outros, mas de difícil verificação e constatação.

5. Textos técnicos e de ficção

Sabemos que tanto os textos técnicos como os de ficção exigem conhecimentos que acumulamos pelo estudo e pela experiência de vida, todos determinados por organização, disciplina e inspiração.

O texto técnico se caracteriza mais pela “transpiração”, ou seja, organização, método, pesquisa e dedicação, embora não prescinda de “inspiração”, que seria aquele toque que ninguém sabe explicar, mas que existe.

Já a ficção prima pela “inspiração”, pela ideia que nos acomete “na rua, na chuva, na fazenda”, durante os sonhos e conversas com amigos. Entretanto, sem organização, método e dedicação ela não nasce, não se realiza, não se materializa.

Para as mentes treinadas na escrita de textos técnicos e de ficção – e que estejam realmente interessadas em literatura de qualidade – é relativamente fácil “sentir” que falta “alma” a uma peça produzida por inteligência artificial, pois ela parece “seca”, desprovida de erros, certinha demais.

Só a mente humana consegue produzir um “texto perfeito cheio de erros”, quer dizer, é da natureza humana ir e voltar, tentar e vencer, desistir e perder. Um livro técnico ou de ficção é como uma alma errante, sempre procurando seu caminho. Talvez nunca o encontre, mesmo quando ao escritor parece perfeito. Nunca é!

O escritor tem de escrever o melhor que puder e lhe permitir sua alma angustiada, sempre consciente de que o texto definitivo não existe, e é isso que o ilumina a continuar tentando, até morrer. Essa relação doentia do escritor com o texto nunca será alcançada pela máquina.

6. Os escritores e sua responsabilidade social

Não importa se aquele que escreve vende milhões, ou tem de dar seus livros aos amigos que, constrangidos, não têm como recusar recebê-los e ainda se obrigam a elogiar o que não leram, ou que acharam péssimo, afinal, é um escritor.

Conhecemos o provérbio em latim “verba volant, scripta manent”, ou seja, tudo que escrevemos – pouco importa se foi publicado e vendeu muito, ou se permaneceu escondido nos arquivos digitais ou papéis jogados em gavetas – não voará com o vento; permanecerá, dando ao autor a imortalidade literária.

Não são poucos os escritores, hoje consagrados, que, em vida, não conseguiram publicar suas obras, ou se publicaram, venderam quase nada. E esse é o sentimento que deve mover a todos: a percepção de que é possível, mesmo que não provável, que um dia suas ideias sejam reconhecidas e valorizadas.

Então, que sentido tem apresentar como seu um texto alheio, ou cheio de cópias não referidas de outros autores? Se é para arriscar ser negativamente criticados pelos leitores, que o produtor textual possa caminhar pelas ruas e pelos congressos de escritores como um bravo, e não como um falsário, um mentiroso.

Abrahan Lincoln teria dito: “pode-se enganar todas as pessoas por algum tempo e algumas pessoas durante todo o tempo, mas não se pode enganar todo o mundo por todo o tempo”⁴.

Usar a IA para “redigir” um texto literário é como manter uma pessoa presa em casa: ela é fisicamente nossa, mas sabemos que ela não nos ama.

Os verdadeiros e honestos escritores produzem conhecimento através de ideias novas e inéditas, ou explicando e interpretando ideias já manifestadas por outros, auxiliando a sociedade e o indivíduo a entender o mundo e seus semelhantes e a conhecer a história e as perspectivas de futuro.

Por isso, quando escrevem, assumem enorme responsabilidade social, merecendo a admiração e o reconhecimento da sociedade, não estando autorizados a mentir, a falsear, a enganar.

Mesmo quando o escritor publica seus poemas, contos e romances de cunho ficcional, está envolvendo a sociedade em uma realidade de sonho e imaginação que a pode levar a crescer ou decrescer, a ser criativa ou destrutiva, a amar ou a odiar, a respeitar ou a agredir.

Então, seus escritos devem ser a manifestação honesta de seus pensamentos e conhecimentos, não lhe sendo permitido brincar com essas responsabilidades.

7. Os editores e sua responsabilidade social

Com as facilidades de publicação das redes sociais, ou dos livros que são impressos por empresas, podemos fugir das exigências dos bons editores, que só publicam obras de boa qualidade, depois de exame de comissão responsável.

⁴ **Site da internet:** <https://www.escritas.org/pt/t/13737/pode-se-enganar-todas-as-pessoas>. Acesso dia 30 de julho de 2025.

Sendo os editores empresários do ramo da literatura, por evidente que possuem interesses financeiros a zelar, mas poucos se limitam a pensar apenas em termos econômicos, publicando obras ruins ou flagrantemente fruto de plágio, porque isso, mais cedo ou mais tarde, voltar-se-á contra eles.

Muitos também são escritores e têm alta participação em atividades culturais, sendo grande a sua preocupação em editar textos bem escritos e honestos, de autoria de autores conhecidos, não só por sua excelência literária, mas também por sua honestidade pessoal.

Por outro lado, sabem os editores sérios que publicar tudo que lhes é apresentado, sem a preocupação de verificar se é realmente fruto da criação literária de quem se apresenta como autor, é caminho para o desastre, enquanto membro da sociedade, mesmo que venda muito.

Não se trata de classificar os editores como parte mais importante nessa relação de produção cultural, mas não resta dúvida que não havendo publicação e divulgação, não há literatura.

Assim, a responsabilidade social do editor é absoluta, não estando autorizado, assim como o escritor, a colocar em circulação textos com falsidades autorais, até porque o leitor é um consumidor (na acepção de destinatário final da atividade de criação literária), e existem normas legais que o proíbem de vender produto deteriorado, como é a literatura produzida por IA.

8. Facilidades de acesso a plataformas de inteligência artificial

Como já referido, as redes sociais oferecem, sem grandes dificuldades e, muitas vezes, até gratuitamente, ferramentas de inteligência artificial que não exigem conhecimentos técnicos para serem operadas.

Em alguns casos, qualquer pessoa com acesso a redes sociais gratuitas, como WhatsApp, não precisa nem baixar o instrumento de IA,

como o Meta AI, em que você pergunta ou pede qualquer coisa e, praticamente sempre, ela te responde em questão de segundos.

Não se pode esquecer que notícias da imprensa dão conta que determinada ferramenta de inteligência artificial só responde depois de consultar o dono da plataforma, para saber se ele concorda politicamente com a resposta! Então, se o dono da plataforma admira Hitler, e você perguntar se Hitler foi um anjo, ele vai responder “claro, o maior de todos, o holocausto é uma mentira” e por aí vai.

Então, até por esse risco, não podemos confiar tanto assim na IA, que é um sistema eletrônico criado pelo homem e, como tal, pode errar e ser manipulado. Notadamente em textos técnicos, é apavorante a quantidade de erros grosseiros, de dados incorretos, de situações inventadas pela IA!

Nas plataformas de IA, podemos colocar palavras na boca de quem nunca as disse, fazer um líder mundial extremamente sério dançar um tango, colocar uma pessoa em um estádio de futebol no Japão, onde nunca esteve, etc.

Qualquer criança, com cinco anos de idade, maneja, sem grandes dificuldades, uma plataforma de IA.

Pode parecer uma preocupação exagerada, mas já se tem notícias de concursos literários que tiveram de ser cancelados, porque parte dos textos concorrentes foram identificados como claramente produzidos por IA.

Pode parecer mentira, mas já existem ferramentas de IA para disfarçar “a coisa toda”, dando ao texto uma feição menos maquinal, mais humanizada, dificultando a constatação da fraude.

9. Responsabilidade civil por danos patrimoniais e morais ao autor

Mesmo que o objetivo do verdadeiro escritor não seja ganhar dinheiro com sua obra, é evidente que esse é um direito assegurado pela Lei

dois Direitos Autorais, de número 9610/98, que, em seu artigo 7º, diz que “são obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como: I - os textos de obras literárias, artísticas ou científicas”, pois são resultado do esforço intelectual e físico do autor.

No artigo 11, a referida lei diz que “autor é a pessoa física criadora de obra literária, artística ou científica”, ou seja, quem não cria a obra, não é autor, e obra gerada por compilação manual ou eletrônica, através de IA, não é “criação do espírito”, pois **máquina não tem espírito**, apenas gente.

Assim como existem escritores que não dependem do recebimento de valores monetários relativos aos direitos autorais, outros tantos se dedicam, por escolha ou por necessidade, a escrever e publicar, não sendo justo que sejam copiados pela IA e outro seja remunerado pelo trabalho alheio.

Assim como a Lei dos Direitos Autorais, em seu artigo 28, garante ao autor direitos patrimoniais, também garante, artigo 24, direitos **morais** de, entre outros, reivindicar, a qualquer tempo, a autoria da obra e ter seu nome, pseudônimo ou sinal convencional indicado ou anunciado, como sendo o do autor, na utilização de sua obra, de forma que só a ele cabe autorizar a utilização da mesma por outro.

Ora, se o autor tem **direito moral e patrimonial** sobre sua obra, e ela é copiada, no todo ou em parte, por meios mecânicos ou eletrônicos, sem a sua autorização e sem a referência de autoria, causará prejuízo financeiro e moral ao autor, que pode requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos, ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível.

Até mesmo a Constituição Federal, em seu artigo 5º, inciso XXVII, refere que “aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação

ou reprodução de suas obras”, enquanto o Código Civil, em seu artigo 186, determina que “aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, **ainda que exclusivamente moral**, comete ato ilícito”. Já o artigo 927 determina que “aquele que, por ato ilícito causar dano a outrem, fica obrigado a repará-lo”.

10. Responsabilidade penal por crime contra os direitos autorais

O Código Penal Brasileiro, instituído pelo Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940, em seu artigo Art. 184, considera crime “violar direitos de autor e os que lhe são conexos”, punindo-o com pena de detenção de 3 meses a um ano, ou multa.

Caso a violação consistir em reprodução total ou parcial, com **intuito de lucro direto ou indireto**, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, sem autorização expressa do autor, a pena passa a ser reclusão de 2 a 4 anos, além de multa.

Por evidente que a IA não cria o texto, ela apenas recolhe ideias e produções textuais que já se encontram nas redes sociais e sites e que obviamente tem um autor, junta-as e as apresenta como se fossem originais, fruto do “espírito” humano, o que, é claro, não é.

Alguns alegam que aquele que apresenta um texto gerado por IA, como se fosse seu, não é autor da cópia ou plágio. No entanto, o artigo 29, do mesmo Código Penal, reza que “quem, **de qualquer modo**, concorre para o crime, incide nas penas a este cominadas, na medida de sua culpabilidade”.

Pedir a uma plataforma de IA para gerar determinado texto, fornecendo-lhe as linhas gerais, por si só já é organizar um crime, como faz aquele que fornece a arma para que alguém mate um semelhante!

Aos que, por ventura, alegam que a conduta criminosa não se enquadra no artigo 183, do Código Penal, podemos dizer que ainda temos o artigo 171 – **estelionato** – que consiste em “obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento”, cuja pena é de reclusão de um a cinco anos, pois ao apresentar como de sua autoria um texto alheio, tenta obter indevida vantagem financeira, social e intelectual, em prejuízo do verdadeiro autor.

Mesmo ante a enorme dificuldade em identificar a vítima, pois a IA pesquisa centenas ou milhares de textos, para apresentar um resultado que atenda ao pedido, não havendo dúvida de que houve cópia ou plágio, há crime.

11. Prejuízos à cultura

Existem pessoas que não se preocupam em verificar a origem da obra cultural, pois estão apenas preocupadas com o resultado.

No entanto, os verdadeiros escritores e os leitores conscientes defendem sempre a verdade da autoria, desprezando obra que seja resultado de uma fraude, de um conjunto de cópia e plágio de alguns ou muitos textos escritos por escritores honestos.

Na melhor das hipóteses, e lutemos para que essa aceitação da fraude não seja banalizada, se ficar bem claro que o texto foi gerado por IA, pelo menos não se estará enganando o leitor.

Entretanto, as advertências que hoje se observa de que o texto se trata de resultado de uso de inteligência artificial são irrisórias em número e, normalmente, grafadas em **letras miúdas**, em notas de rodapé, ou em pontos que, normalmente não são motivo de curiosidade do leitor, como as orelhas da obra.

Assim, corremos o risco de que os escritores honestos deixem de escrever ou, suprema desgraça, passem a utilizar a IA, para não remarem contra a maré e perderem leitores e dinheiro.

A cultura, notadamente a manifestada através de textos escritos, deve ser resultado da pesquisa histórica, da observação da realidade social, do interesse em partilhar a verdade, mesmo que essa seja ficcional.

A escrita exige muita leitura, aprendizado da língua, através da prática da escrita, e se essa se perde, a literatura, como expressão, cultural morre.

Telma Pantano, professora colaboradora da Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em psiquiatria e máster em neurociência, em entrevista ao jornal Zero Hora, dia 31 de julho de 2025, disse que “usar IA de forma passiva é um processo extremamente emburrecedor para o cérebro, pois nomear emoções desde cedo é fundamental para que o indivíduo entre em contato com o que pensa e sente”⁵

12. Prejuízos à ética e à moral da literatura

Além de todas essas questões legais e culturais, não se pode perder de vista que aquele que escreve textos técnicos ou ficcionais deve guardar uma relação honesta com seus leitores.

⁵ **Gaúcha ZH.** Site da internet: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/educacao-basica/noticia/2025/07/usar-ia-de-forma-passiva-e-um-processo-extremamente-emburrecedor-para-o-cerebro-diz-neurocientista-da-usp-cmdj5lsra000x014wfnqm1n75.html>. Acesso dia 5 de agosto de 2025.

Alguém já disse que “viver sem ler é perigoso, pois te obriga a crer no que te dizem”, o que é verdade, mas guarda uma exagerada pretensão dos escritores sobre aquilo que é transmitido por via oral, o que também é perigoso.

Mesmo aquelas afirmações feitas por via oral são relevantes como instrumento de transmissão de ideias e conhecimento, pois “é geralmente aceito que a escrita verdadeira da linguagem (não apenas números) tenha sido inventada independentemente em pelo menos dois locais: na Mesopotâmia (especificamente na antiga Suméria), em torno de 3.200 AC, e na Mesoamérica, por volta de 600 AC”⁶.

Mas o homem sempre cultivou formas de comunicação, desde as palavras oralizadas e desenhos rústicos, de forma que não se pode desprezar a história anterior à escrita como a conhecemos hoje.

De qualquer forma, a ética e a moral “são dois aspectos diferentes do mesmo assunto: o comportamento humano e a convivência entre as pessoas”⁷.

Então, nem tudo o que podemos materialmente fazer, como pedir a inteligência artificial que escreva um poema de amor, ou uma crônica sobre o ódio, deve eticamente ser feito, pois desborda daquele comportamento humano honesto que constrói e fundamenta a sadia qualidade da convivência entre as pessoas, no caso escritor/leitor.

A partir do momento em que nossa única preocupação é apresentar como de nossa autoria textos literários produzidos pela IA, rompe-se um liame fundamental na relação com nossos leitores, que é a confiança.

Ao escrevermos, assumimos o risco de sermos flagrados como fraudadores de outros escritores e traidores da confiança que nossos leitores

⁶ **História da escrita.** Site da internet: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_escrita. Acesso dia 4 de agosto de 2025.

⁷ **Ética e moral.** Site da internet: <https://humanidades.com/br/etica-e-moral/>. Acesso dia 4 de agosto de 2025.

depositam em nós, e o uso de recursos escusos, como cópia ou plágio, produz escritores intelectualmente antiéticos e imorais. E estando registradas nossas palavras, como autores de texto alheio, o retorno ao regaço do leitor, como pessoas idôneas, é quase impossível.

13. Limites ao uso de IA

Em se tratando de textos literários, nunca se deve usar a IA, por ser ela uma mera cópia das ideias e das palavras de outros e, por isso, uma fraude legal e social.

Mas se estivermos redigindo um texto técnico, talvez, com muita parcimônia, possamos usar a tecnologia para pesquisar informações, tal qual estamos fazendo neste texto, mas sempre com as devidas referências, de forma destacada e honesta.

Como já dito, tudo o que escrevemos é, de uma certa forma, a repetição de conhecimentos adquiridos por leituras, por experiências próprias, ou por ouvir dizer, mas isso deve ficar claro para o leitor.

É uma pena que, nos dias de hoje, não haja tempo para folhear livros impressos e de lá retirar informações, porque isso nos impulsiona a digitar o assunto em ferramentas de busca, encontrar o que procuramos, copiar o que nos interessa e colar.

No entanto, temos que treinar nossa mente na redação do texto, assumindo ideias e construções próprias, mesmo que baseadas em ideias encontradas em outras fontes.

Então, havendo necessidade invencível de acesso e tempo, podemos buscar a informação nos meios digitais, que foram criados pela mente e o engenho humano, como uma ferramenta de apoio, nunca como única fonte.

14. Perspectivas da literatura no mundo da tecnologia

Notícia publicada pela CNN Brasil⁸ revela estudo feito pela gigante de tecnologia Microsoft acerca das profissões que serão **mais ameaçadas** pela inteligência artificial.

Observe-se que a Microsoft não é uma “estranha no ninho”, uma empresa fora da bolha da tecnologia de IA, de forma que seu estudo deve ser levado a sério.

Na relação das 40 profissões mais ameaçadas pela IA estão, entre outras, historiadores, redatores e **autores**, cientistas políticos, jornalistas, redatores técnicos, revisores, produtores de texto e **editores**!

Por evidente que, entre as 40 profissões **menos ameaçadas pela IA**, não consta nenhuma ligada às letras, à literatura ou às artes, e sim apenas aquelas que dependem do **esforço físico**, como operador de draga, operador de ponte e eclusa, operador de estação de tratamento de água, fundidor e moldador, operador de máquina de instalação e manutenção de trilhos, lixador e acabador de piso.

Não se trata de hierarquizar as profissões como mais ou menos importantes, nem desconhecer a necessidade dos trabalhadores braçais, mas de deixar claro que sem a intelectualidade, que pensa, organiza, planeja, pesquisa e publica ideias e resultado de estudos, o futuro do mundo será a automação da vida, o fim do espírito humano.

Sabemos que, ao longo do tempo, diversas profissões simplesmente sumiram ou, pelo menos, sofreram significativas alterações em seus

⁸ Estudo feito pela Microsoft destaca as 40 profissões mais ameaçadas pela IA. Site da internet: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/estudo-feito-pela-microsoft-destaca-as-40-profissoes-mais-ameacadas-pela-ia/>. Acesso dia 5 de agosto de 2025.

fundamentos e forma de atuação, de forma que os escritores não estão imunes a essas mudanças.

Mas o que mais preocupa é observar que alguns autores importantes já têm manifestado sua desilusão com a atividade, sentindo-se inúteis num mundo que não pensa, só copia.

Talvez o retorno ao mundo das ideias originais se dê quando a IA se esgotar, não tiver mais ideias novas para copiar, tendo que buscar os escritores humanos para se reabastecer.

De qualquer forma, tudo que a IA não deseja é que paremos de escrever. Se pararmos, de onde ela copiará as ideias?

Apesar da sombra ameaçadora da IA, e talvez por isso mesmo, não podemos esmorecer, devemos insistir e mostrar à sociedade a importância do escritor humano como fonte de ideias originais, sabedoria, informações qualificadas, pesquisas fundamentadas, sentimentos e defesa da dignidade.

15. Meios de evitar ou reduzir a prática predatória do uso da IA na literatura

Ante as notícias de que se estaria usando IA em concursos, alguém sugeriu que os candidatos fossem colocados em uma sala e vigiados. No entanto, isso determina uma dificuldade intransponível: como colocar 900 candidatos em uma sala, sem computador e celular, para garantir que ninguém irá produzir um livro usando a IA? Quanto tempo deveria durar a vigilância para produzir e corrigir um livro com 300 páginas?

Que tipo de escritor honesto não se sentiria constrangido em ser vigiado como se fosse um bandido? Se achamos que todos os candidatos em um concurso de literatura são desonestos, porque aceitaríamos a inscrição deles?

Mas se temos a ingenuidade de que todos são honestos, não estaríamos abrindo espaço para os desonestos?

Vencidos todos esses pruridos, mas sobrevivendo à realidade de que podem existir escritores desonestos, que não se importam em arriscar a ser desmascarados como farsantes e criminosos, resta examinar algumas possibilidades práticas de evitar (dizem que é impossível), ou pelo menos reduzir, as possibilidades e os casos de uso da IA na elaboração de textos literários.

Pode parecer ingênuo, mas, como já dito, os bons e verdadeiros escritores sentem o texto, a construção honesta e humana das frases, a alma do redator, e devemos acreditar que tenham condições suficientes de identificar a **falsa literatura**, produzida pelas plataformas de IA.

Alguns cientistas, dados como criadores da IA, têm manifestado, nos meios de comunicação, sua preocupação com o mau uso dela em algumas áreas do conhecimento, mas a ferramenta é tão difundida, e geralmente grátis ou muito barata, que não se sabe de algum sistema de controle, de limitação.

Mas ainda bem que já existem diversas ferramentas que facilitam a verificação e a constatação de uso da IA na produção de textos literários, mas como são também fruto de IA (!), apenas indicam possibilidades, percentuais maiores ou menores de uso, nunca uma certeza absoluta⁹.

Não são ferramentas difíceis de usar, basta colar o arquivo do texto no sistema da ferramenta, e ela, de forma bem rápida, vai informar qual é o percentual de possibilidade de que o texto tenha sido gerado pela IA.

Para evitar injustiças, uma vez que, como dissemos, essas ferramentas podem errar, é aconselhável que, dependendo do resultado, busque-se outras formas de verificação, como conversas honestas e diretas com o autor indicado, por mais difícil que isso possa ser.

15. Conclusão

⁹ YORK, Alex. Testamos as 10 melhores ferramentas de detecção e verificação de IA em 2025. Site da internet: <https://clickup.com/pt-BR/blog/112097/ferramentas-de-deteccao-de-ia>. Acesso dia 5 de agosto de 2025.

Falar abertamente sobre a possibilidade de alguém pedir a uma plataforma de IA que redija um poema, uma crônica, um conto, um ensaio e até mesmo um livro e apresentá-lo como sendo resultado de seu espírito criativo ainda é um tabu.

Temos a tendência a acreditar que somos todos honestos, que só desejamos atender ao nosso lindo e maravilhoso espírito criativo, que o fato de ganharmos algum (ou muito) dinheiro é só uma consequência de nosso esforço literário, que a eventual fama em rádio, jornal e televisão é um prêmio sempre merecido.

Os escritores vivem num mundo de fantasia, e isso é bom, negando-se a descer à Terra, à vida real, ao difícil terreno do mercado editorial, e isso é muito ruim.

Assim, falar de textos copiados, de poemas plagiados, de falsos escritores, de gente que só deseja ficar rico (quanta ingenuidade!), de pessoas que não se constrangem em enganar o leitor e os “colegas” de escrita é um risco de, no mínimo, perder a amizade.

Mas é necessário!

Ou nós encaramos já – e com seriedade – esse assunto, ou seremos um dia acusados e justamente condenados por **omissão**.

Esse trabalho de estudo da IA, da identificação e da eliminação dos maus escritores do mundo das letras é de todos, mas notadamente das associações e academias de letras.

Não é justo que os bons e honestos escritores, que se dedicam à leitura, à pesquisa, ao trabalho sério, mediante renúncia de horas e dias de convívio familiar e social, sejam substituídos pelos maus, pelos fraudadores, pelos criminosos da literatura.

Como pode ser visto, usamos como referências fontes eletrônicas, devidamente creditadas, sem que tal prejudicasse nosso espírito de escritor, o que demonstra que, havendo honestidade de propósitos, o resultado da

soma da tecnologia com o raciocínio humano pode resultar em produção intelectual.

A propósito, esse ensaio não foi produzido pela IA.

O JUDICIÁRIO NÃO É APENAS O STF

Começo dizendo que não aceito acusação de estar defendendo essa ou aquela pessoa, deixando claro que tenho relação com Poder Judiciário desde 1975, quando ingressei na Faculdade de Direito, me formei, atuei como advogado por dois anos, como Promotor de Justiça por trinta anos e novamente como advogado há quatorze anos.

Assim, eu tenho queixas do Poder Judiciário, mas tenho certeza de que, mesmo eu tendo feito tudo sempre certo (eita!), o Poder Judiciário também tem queixas de mim, mas nenhum de nós trabalha para destruir o outro.

Apenas no Rio Grande do Sul existem 13 milhões, isso mesmo, 13 milhões de processos em andamento! Tal volume exige muito do sistema e das pessoas que operam o sistema, porque, mesmo sendo digital, quem despacha são pessoas, não máquinas.

Quando o juiz prolata um despacho ou uma sentença com a qual eu não concordo, eu o xingo na minha cabeça até passar a raiva e recorro, às vezes ganho, às vezes perco. Assim é o jogo.

Nunca pensei em invadir fisicamente o Tribunal, sentar na cadeira do Presidente e vestir a sua toga, porque respeito a pessoa e o sistema do qual vivo.

Mais, nunca pensei em chantagear o Tribunal para que ele dê uma sentença num ou noutro sentido, porque sei que não seria civilizado e porque prezo demais a independência do Judiciário.

Sempre digo que o juiz independente deve interessar pra mim quando ele dá uma sentença a meu favor e quando dá uma sentença contra mim. Um juiz sem independência é um juiz morto.

Por mais publicamente relevante que seja o STF, não podemos esquecer que existem milhares de juízes estaduais, federais e do trabalho em milhares de comarcas, que representam, também, o Poder Judiciário.

Se o STF pudesse ser reduzido à vontade de uma pessoa, o que aconteceria nessas milhares de comarcas e a esses milhares de juízes? Seriam reduzidos a nada. Seria o fim do Poder Judiciário.

O fim do Judiciário implicaria em barbárie, em retorno à época da vingança privada, da justiça pelas próprias mãos, pelo caos social e pela extinção da civilização moderna como a conhecemos.

Ah, mas a Justiça erra! Ok.

Ah, mas a Justiça não é suficientemente justa! Ok.

Ora, então vamos trabalhar para melhorar a Justiça, não para extingui-la, reduzi-la a instrumento de um ou meia dúzia de cidadãos. Simples, assim.

Quem tem interesse na extinção do Judiciário?

Quem acertar a resposta ganha um pirulito, sem pauzinho.

AGRESSÕES ÀS MULHERES, CRIANÇAS E IDOSOS

Pensei em intitular essa crônica como “agressões aos desvalidos”, mas isso colocaria as mulheres, já tão vitimadas, em posição de inferioridade injustificada.

Eu que vivo com esposa, três filhas e cinco netas, sei que elas “não são fracas, não”, mas ouço e leio todo dia notícias de mulheres agredidas por maridos e companheiros de forma absolutamente selvagem, como se viu do caso da mulher morta com 127 facadas!

No que se refere às crianças, não resta dúvida que são mais fracas, física e psicologicamente, que seus agressores, e muitas vezes submetidas ao silêncio sob ameaça de novas agressões.

Nas guerras, antigas e atuais, as maiores vítimas da selvageria humana são os idosos e as crianças, que morrem de fome, de doenças e de ferimentos por armas manejadas por homens fortes e saudáveis, à mando de chefes desalmados, mais interessados em ganhar a próxima eleição do que promover a paz.

As últimas notícias são de que nos últimos seis anos houve um aumento de 55% nos casos de maus tratos a idosos no Rio Grande do Sul, que se apresenta como um respeitador do outro, o que parece não ser verdade.

Dias atrás soubemos do caso de duas irmãs idosas que moravam sozinhas em um apartamento. Os vizinhos estranharam o silêncio de vários dias e chamaram a polícia, que as encontrou subnutridas, porque a dieta básica delas era ração de gato. Ambas não tinham parentes.

Quando um homem mata uma mulher com 127 facadas, fica claro que a ideia não era apenas matar, mas matar humilhando, demonstrando poder de destruição, de eliminação, o que para mim mais parece selvageria, absoluta ausência de empatia, crueldade máxima.

Parece uma perda de tempo ficar falando nisso, principalmente eu, que sou um escritor paroquial e que tem poder limitado de influenciar, mas é certo que se todos falarem, haverá resultado, algum dia.

Os antigos diziam que “uma andorinha só não faz verão”, hoje sabemos que “um sonho que sonha só, é só um sonho, mas um sonho que se sonha junto, pode se tornar uma realidade”.

Assim, é necessário que todos que possuem voz, que todos que possuem algum espaço na mídia, que todos que têm quem os ouça, deve falar e protestar contra essas violências cotidianas, que não podem ser normalizadas, banalizadas e esquecidas.

Abaixo qualquer violência!

DIA DOS AVÓS

O dia 26 de julho foi escolhido pelo papa Paulo VI, no século XX, para homenagear os pais de Maria, mãe de Jesus, chamados Ana e Joaquim.

Claro que estou advogando em causa própria, pois eu e minha esposa somos avós de cinco lindas meninas que só nos dão alegrias.

Sei que parece uma posição egoísta (e é!), mas os netos são o renascimento, a reposição do carinho dos filhos que saíram de casa (deixando o ninho vazio), nos dando a certeza de que tudo o que fizemos valeu a pena!

Estamos, com certeza, muito longe da santidade de Ana e Joaquim, mas cada neto é, para nós, um anjo de luz, uma fonte de carinho e amor, uma certeza de atenção e valorização.

Penso, talvez exageradamente, que somos importantes para nossos netos, mas tenho certeza que eles são fundamentais para nossa vida.

Claro está que isso não significa que os filhos que optaram em não nos dar netos sejam desimportantes, pois são escolhas que devemos respeitar, mas que faz uma falta danada, ah, isso faz.

Nesses tempos em que cada vez mais as pessoas vivem mais e, evidentemente ficam mais velhas, idosas, maduras (seja lá o nome que se dê a essa fase da vida), não é incomum que sejam física, psicológica e socialmente abandonadas, de forma que o carinho dos netos é a redenção, o máximo, uhu!

Aquelas mãozinhas pequenas, os primeiros passos, a primeiras palavras, ouvir delas “oi vovô Adede, oi vovó Loreci” enche nossos corações de alegria.

São ciclos maravilhosos da vida, que se desenrolam com mais ou menos saúde, com envolvimento sociais e culturais diversos, mas que só são importantes porque somos amados e respeitados por nossos netos.

Temos consciência que, em razão da idade e das doenças naturais ou adquiridas, podemos nos transformar em um baita de um problema para os filhos e netos, mas, que diacho, não queremos isso, talvez tenhamos culpa por trabalhar demais e nos cuidar de menos, mas somos o que somos.

Nossos defeitos estão aí, só podemos lutar para reduzi-los, mas eles não vão desaparecer só porque queremos, então, nos deem chance de sermos os avós imperfeitos que somos.

Apesar dos defeitos, nós amamos os filhos e netos, e por isso, por si só, não merecemos absolvição, porém aceitamos uma condenação a uma pena reduzida, proporcional aos nossos crimes.

Uma vez eu disse, na apresentação de um dos meus livros, que não pretendia que meus filhos tivessem orgulho de mim, mas que morreria de tristeza em saber que eles têm vergonha de mim.

Agora eu digo às minhas netinhas:

- Vovô te ama!

Elas me abraçam e eu choro, como um bobão.

Não sabemos viver sem vocês, nossas lindas princesas.

ESTELIONATÁRIOS DA LITERATURA

Lá vem o louco, preocupado com essas bobagens de plágio e cópia de textos literários assinados alegremente por “escritores” e aceitos irresponsavelmente por “editores”!

Já faz um tempo que tenho manifestado, sem nenhuma repercussão, minha angústia quanto à possibilidade, real, de receber, publicar e ler textos que foram gerados pela inteligência artificial sem informação dessa circunstância.

A notícia mais recente é de uma editora de Curitiba que se viu obrigada a anular concurso porque identificou mais de 40, entre cerca de 900 textos inscritos, com sinais evidentes de que teriam sido gerados por ferramentas de inteligência artificial.

A cara de pau dos estelionatários é tão grande que alguns alegaram, candidamente, que o edital não proibia a prática!

Ora, o Código Penal também não proíbe matar, roubar e caluniar, apenas diz “matar alguém: pena de ...”, então estamos autorizados a matar! Valha-me, Deus!

Alguém sugeriu que se colocasse os candidatos em uma sala de aula e fosse informado que eles teriam tantas horas para escrever o texto, sob fiscalização.

Como se instrumentalizaria um concurso nacional que conta com milhares de candidatos que escrevem livros com 200, 500 páginas? Quantos dias os meliantes teriam que ser fiscalizados?

Nessas circunstâncias, eu sugiro reunir todos os “escritores” no pátio do presídio e, à medida em que forem sendo flagrados no crime de estelionato literário, seriam recolhidos às celas, onde naturalmente não teriam acesso ao celular ou ao computador, para evitar que “escrevam” um livro denunciando as condições do cárcere.

Sei que sou muito pretensioso, mas eu posso garantir com minha honra que os meus textos “meia-bocas” saíram de minha cabeça burra e avariada pela idade, e não da inteligência artificial.

Aceito ser preso por dizer bobagens, mas não por apresentar como meus textos gerados por inteligência artificial.

Se aqueles que recebem textos para publicação não tomarem medidas sérias e imediatas (não me perguntem quais, porque não sou técnico na área), será a morte da literatura como manifestação da sensibilidade e da criatividade do escritor.

Adede, seu ridículo, porque não te calas? Não seja bobo, em dez segundos tu viras um poeta, tu escreves um livro de 200 páginas em 3 minutos e vais vender adoidado. Para de bancar o soldadinho de passo certo.

Isso é muito triste!

SOBERANIA

Começo dizendo que não aceito rótulos ou etiquetas de direita ou esquerda, pois não tenho partido e não pretendo ter (não que isso seja um mérito, é só um defeito de caráter), para falar de um assunto inevitável: a soberania dos Estados Nacionais.

Meu professor de Direito Internacional do Mestrado dizia que “a diplomacia é a guerra com outras armas”, no sentido de que, por mais civilizados e educados que sejam os métodos de relacionamento entre as Nações, sempre há um percentual de pressão.

Claro que ninguém entra numa negociação desarmado, mas também não há a necessidade que se chegue a ela já expondo as bombas e os fuzis, basta ser firme, sem ser grosseiro, e contundente, sem ser agressivo, manejando argumentos verbais fundamentados e demonstráveis.

Sempre há um grau de intervencionismo em qualquer relação entre Nações, mas há que se cuidar para não ultrapassar limites que o bom senso determina e que preserve a possibilidade de ajuste civilizado.

“Bom senso”, essa mercadoria cada vez mais escassa no mundo, onde estás, minha linda?

Será que perdemos também a noção de “civilidade”? Sabemos, ou devíamos saber, que civilidade não é aceitar tudo que o outro quer, mas respeitar posições e reconhecer os limites do vizinho, sem que precisemos abrir mão de nossos interesses e convicções.

Alguém já disse, também, que não há amizade entre países, apenas interesses, no que não vejo problema, pois todos nós, o tempo todo, temos interesses, os mais diversos.

Porém, o certo que, em algum momento da história da humanidade, não haviam países delimitados, a terra era de todos, com todos os problemas que isso causava, mas havia liberdade de locomoção e autodeterminação.

A partir do momento em que os Estados se estabelecem, que fixam seus limites territoriais e que aprovam suas regras internas de convivência, o que chamamos soberania, cabe aos demais respeitar isso, como forma de conviver civilizadamente.

No momento em que um Estado interfere na soberania do outro, tentando alterar por pressão indevida e agressiva a lei, o sistema judicial e as decisões, certas ou erradas do outro, estabelece-se o caos, e isso não é bom.

Então, o momento é de “bola no chão”, muita calma e consciência de que a melhor solução é sempre através do diálogo educado e respeitoso.

Mas, uma coisa é certa: não aceitar ataques a soberania de um país é uma obrigação dos governantes e do povo.

É o que penso, do alto de minha ignorância.

FRIO

Sei que já tratei desse assunto em outra crônica, mas as condições climáticas dos últimos dias e as previsões para os próximos meses de frio intenso me obriga a insistir.

Não digam que eu não tenho “lugar de fala” para escrever sobre frio e ausência de condições mínimas de agasalho, alimentação e moradia, porque só eu sei da minha infância e adolescência em que, apesar de todo o esforço de meus pais, senti muito frio.

Nunca passei fome, nunca morei na rua e nunca fiquei sem vestimentas, mas as minhas condições nessas áreas eram precárias e, talvez muito menos por interesse e muito mais por necessidade, jurei que faria tudo o que pudesse (e que fosse honesto) para dar aos meus filhos uma vida confortável.

Garanto, de experiência própria, que não existe coisa mais angustiante e dolorida (até fisicamente) do que passar frio.

O frio entorpece o corpo e embota a mente, nos joga numa situação de medo da morte ou dano físico e mental irreparável, é como se o mundo tivesse nos esquecido.

Não é admissível que em pleno século 21 e num país tão rico (sim, rico!) ainda existam pessoas em situação de rua, dormindo pelas calçadas, embaixo de marquises e cobertas com trapos.

Somado à falta de abrigos, essas pessoas que não tem nada estão mal alimentadas e desprovidas de cuidados médicos, sendo enxotadas pelos que tem tudo para lá e para cá, como se fossem lixo.

Nos tempos modernos, nem mesmo o lixo de nossas casas e indústrias recebe tratamento tão desprezível como os moradores de rua, havendo notícias de autoridades que, em vez de trabalhar para ao menos reduzir a pobreza, preferem expulsar os mendigos de suas cidades, desprezando qualquer ideia de tratamento digno.

Somos hoje, em Santa Maria, quase 300 mil habitantes.

Presumindo que pelo menos a metade desses 300 mil habitantes pertença às classes média e alta, imagino que, se cada um desses retirasse de seu guarda-roupa um agasalho em boas condições (não trapos, por favor!) e o encaminhasse à uma pessoa em situação de rua, poderíamos evitar sofrimento para pelo menos 150 mil pessoas!

Sei que não é distribuindo esmolas que resolvemos a pobreza, mas pelo menos poderemos salvar a vida de um cidadão, de um irmão nosso.

Faça isso, se você não ganhar o céu, pelo menos não irá para o inferno.

Eu, por mim, já me satisfaço com o purgatório!

CONCURSO DE LITERATURA INFANTIL

Em vista das notícias da redução significativa do número de leitores, a Academia Santa-Mariense de Letras – ASL, tem intensificado seus esforços para incentivar a produção de obras literárias, no que tem alcançado enorme êxito.

Sabemos que o saudável hábito da leitura de textos impressos é formado a partir do ambiente familiar, na convivência da criança com livros de qualidade adquiridos pelos pais e na escola, com a orientação dos professores.

Por isso, a ASL realiza o XIII Concurso de Literatura Infantil Ignez Sofia Vargas, com os objetivos de contribuir para a valorização da arte literária e sua leitura, incentivando a criação de obras de literatura infantil, revelando novos autores locais de literatura infantil, tanto na escrita quanto na ilustração e promovendo o enriquecimento do acervo bibliográfico para o público infantil.

Podem se inscrever brasileiros natos ou naturalizados, residentes no município de Santa Maria, com idade mínima de 18 anos e que não tenham publicado obra infantil de sua exclusiva autoria, sendo vedada a participação, como concorrentes, de integrantes da ASL e seus parentes até o 2º grau.

Os textos inéditos, escritos em língua portuguesa, deverão ser limitados entre 45 e 60 linhas digitadas, com linguagem destinada a crianças entre 6 e dez anos, apresentados até o dia 10 de julho de 2025 na Biblioteca Pública Municipal, sita na Av. Presidente Vargas, 1300, Santa Maria.

Após a publicação do texto selecionado, abrem-se as inscrições para a segunda fase do concurso, entre 23 de julho a 15 de agosto de 2025, destinada aos ilustradores, que devem ter idade mínima de 18 anos e serem brasileiros natos ou naturalizados residentes no município de Santa Maria, também na Biblioteca Pública Municipal de Santa Maria, sendo vedada

participação de vencedores de edições anteriores, a integrantes da ASL ou seus parentes até 2º grau.

Escritores e ilustradores serão premiados com a publicação do livro, R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais) cada um, 50 exemplares do livro publicado para cada um e ainda participação em dois eventos de lançamento promovido pela ASL, que fará ampla divulgação da obra.

A premiação do escritor e do ilustrador e o lançamento da obra ocorrerá dia 5 de dezembro de 2025, durante jantar em local a ser divulgado e posteriormente na Feira do Livro de Santa Maria em 2026.

Os livros serão distribuídos gratuitamente aos interessados durante os lançamentos e também doados a bibliotecas de escolas públicas e privadas, como forma de dar ampla divulgação e chegar ao maior número possível de leitores, contribuindo para a formação cultural de nossas crianças.

Está feito o convite, escreva!

DIA DOS NAMORADOS

Segundo informações não oficiais, a data é uma referência à véspera do Dia de Santo Antônio – 13 de junho – considerado o santo casamenteiro, mas seria uma estratégia publicitária, em que naturalmente se faria aumentar as vendas no comércio.

Mas, eu não me importo que seja uma estratégia publicitária para vender presentes nas lojas, jantares nos restaurantes, joias e, se tudo der certo, uma noite no motel.

Todo movimento que incentive os sentimentos de atenção, de cuidado com o outro é bem-vindo, num mundo em que o as demonstrações de ódio, inveja e desrespeito é a tônica.

Por outro lado, mal algum há em que o comércio venda mais nesse dia, afinal isso determina aumento da renda e, por consequência, das condições de vida e de dignidade de todos!

E, já viram se o dia dos namorados fosse comemorado dia 13 de junho, uma sexta-feira, como acontece hoje? Para os supersticiosos, seria um prato cheio.

Mas, voltando à importância dessas datas, como dia dos pais, dia das mães e outras, eu digo que são importantes para despertar as oportunidades de demonstrações de amor pela esposa, pela namorada e até pela amante, afinal, todas são filhas de Deus, gente.

Muitas vezes o mundo moderno atropela os casais, toma seu tempo e não permite muitas demonstrações de carinho, sendo o dia dos namorados uma boa desculpa para abraçar, beijar e, sim, todo o resto.

A compra de flores ou outros presentes é uma forma de dizer “eu te amo, eu lembrei de ti, você é importante pra mim”, desde que, claro, isso seja verdadeiro, sincero, e que as demonstrações de carinho não se limitem a lembranças com valor patrimonial.

É comum que homens e mulheres se queixem da falta de atenção um do outro, que o outro está “frio comigo”, esquecendo que a “quentura” do relacionamento nasce de uma boa convivência diária, pois só essa vai criar as condições ideais para o fogo do amor.

Se você despreza sua companheira ou companheiro, se você a agride física, moral e financeiramente, não há dia dos namorados que faça renascer o carinho, pois esse deve ser resultado de uma boa relação.

Não existem relacionamentos perfeitos, sempre existem possibilidades de brigas e discussões, e não há mal que as pessoas sejam diferentes, ao contrário, essas diferenças podem ser o motor do amor, a causa de interesse do outro, desde que não sejam inconciliáveis.

Vamos falar do assunto, do amor e do dia dos namorados, do carinho, da atenção, do respeito entre as pessoas, notadamente os casais, pois gente para agredir é que não falta.

Não se constranja em dizer a ela/ele “eu te amo”, de forma que ela/ele acredite e diga a mesma coisa a você.

Ivan Lins e Vitor Martins já nos disseram em Iluminados: “O amor tem feito coisas, que até mesmo Deus duvida, já curou desenganados, já fechou tanta ferida”.

O amor constrói, acredite nisso.

É GOLPE!

É muito difícil passar uma semana sem que se tenha notícia de um novo golpe contra clientes e escritórios de advocacia, através de mensagens por redes sociais pedindo dinheiro para taxas judiciais.

Hoje em dia copiar a logo de um escritório de advocacia é brinquedo de criança, exigindo quase nenhum conhecimento técnico e a facilidade para acesso à processos digitais públicos mais ainda.

Quando os processos eram físicos, para que alguém pudesse pegar os autos e copiar dados era exigido a comprovação de que era advogado ou parte. Hoje, qualquer um acessa o site do Tribunal e consulta processos públicos por nome da parte, pela OAB ou nome do advogado, por CPF e outras facilidades.

E, de posse desses dados, os golpistas escolhem os processos que envolvem valores em dinheiro, como ações de indenização, e mandam mensagem às partes dizendo que é necessário pagar essa ou aquela taxa, normalmente de valores reduzidos, mas que, somados, significam ganho indevido de milhões, ou pedindo adiantamento de indenizações inexistentes.

O que recomendamos é que o recebedor da mensagem não clique em nenhum link, não forneça dados pessoais ou bancários e não faça pagamentos de espécie alguma antes de ligar diretamente para o número que possui como de seu advogado, para confirmar.

A orientação para o escritório é que, havendo necessidade de pagamento de taxas judiciais, se ligue diretamente ao cliente, sem prejuízo da mensagem eletrônica, pois ao conversar com a parte é possível deixar claro que não se trata de um golpe e, de preferência, encaminhar a guia a ela, ou seja, nunca receber dinheiro com esse propósito.

É simples notar que é golpe quando o número do telefone indicado é diferente daquele que já se conhece e quando se tenta dar retorno, não completa a ligação.

Existem bons e maus profissionais em todas as áreas, mas é certo que os escritórios de advocacia têm gasto energia, tempo e dinheiro tentando se defender desse fenômeno criminoso, tanto quanto o cliente. Ou seja, todos somos vítimas.

Talvez seja ilegal e signifique uma “reserva de mercado” para os advogados, mas chegará um tempo em que os Tribunais terão que bloquear os acessos públicos aos processos, limitando-o aos profissionais do Direito.

Quando o advogado acessa informações judiciais, tem de fornecer login e senha, ficando registrado no sistema, daí se fizer mau uso dos dados obtidos, pode ser responsabilizado criminal e civilmente, reduzindo em muito os riscos para as partes.

Convoco os especialistas em Lei Geral de Proteção de Dados para que se manifestem acerca da responsabilidade do Poder Judiciário quanto ao acesso indiscriminado de qualquer um aos processos, notadamente dos não sinalizados como em segredo de justiça.

Honestamente, não sei qual a solução ideal, pratica e legalmente falando, mas é certo que assim como está não pode ficar, sob pena de desmoralização total do sistema e da advocacia.

Que cada um assuma suas culpas e pague por elas, mas me nego a ser jogado em “um saco de gatos”, assumindo responsabilidade que não tenho, navegando num mar revolto de canalhices.

Estarei tão errado assim?

ESPERANÇOSO

Quando digo que acredito que alguma coisa vai dar certo, sou “acusado” de ser crente, e quando dá errado meus amigos “caem de pau” dizendo que eu fui um ingênuo.

Provavelmente meus amigos estão certos, mas eu prefiro achar que sou “esperançoso”, porque acredito na boa-fé das pessoas e que qualquer erro de percurso pode ser ajustado.

Já quebrei muito a cara por ser crente, ingênuo ou esperançoso, mas não me arrependo disso. Seria muito triste se eu desacreditasse sempre das pessoas, achando que se elas erram por má-fé, a culpa é delas, não minha.

Mesmo quando o sujeito tem um histórico de erros graves, a ponto de não ter credibilidade nenhuma, gosto de acreditar que ele pode mudar, que ele pode usar dos erros do passado para mudar, para arrependido lutar pelo acerto.

Isso porque acredito, firmemente, que o homem é naturalmente bom, mesmo quando constrói uma vida toda de erros e maldades. No fundo do mau sempre habita um homem bom e correto que, em algum momento desperta e se revela para o mundo.

Não existem pessoas totalmente más, a ponto de nos surpreendermos com certas atitudes boas absolutamente imprevisíveis. Não tenho dúvidas de que vale a pena acreditar, esperar e crer nas pessoas, mesma as reconhecidamente más. Não fosse assim, estaríamos decretando a falência da espécie humana.

Em geral, aqueles que desconfiam de tudo são exatamente os que não merecem confiança. Olham os outros com base nos seus critérios distorcidos, exigem do outro, atitudes que não praticam, se imaginam melhor que todos, detentores da verdade absoluta, e essa, sabemos, não existe.

Isso se aplica, ou não, a todas as pessoas, inclusive àquelas que vivem da política, pois essa é absolutamente necessária para organizar e gerir a sociedade. Afinal, os políticos saem do meio de nós, e nós, sabemos, somos cheios de defeitos, ou não?

Assim, tenho esperança, não certeza.

MAIS UM TRENZINHO DA ALEGRIA?

Pode-se defender que o tema de aumento do número de deputados federais de 513 para 531 é matéria *interna corporis* da Câmara, mas positivamente não é.

Tal medida, já aprovada na Câmara Federal, implicaria em aumento da despesa anual em 64 milhões de reais, sob a alegação de que o país é muito extenso e precisa de efetiva representação legislativa.

A representatividade de um parlamentar se mede por seu número, ou seja, quanto mais legisladores, maior a representatividade? Duvido.

Vivemos em um país territorialmente imenso, é verdade, mas a realidade dos dias modernos não é a mesma de cinquenta anos atrás, quando o legislador só alcançava o eleitor através do rádio ou em viagens cansativas, meses a fio.

As facilidades para alcançar o povo estão aí, não só pelas ondas mágicas do velho rádio, mas também pela televisão e, sem dúvida, pela internet.

É sabido que em alguns poucos lugares o povo continua isolado, pois não tem acesso à internet, mas isso é insignificante.

Sou do tempo em que a comunicação direta só se dava pelo contato pessoal “ao vivo” ou pelo telefone fixo, e apenas pessoas ricas o tinham, sendo um luxo para a maioria. Hoje quase todo mundo tem telefone celular, uns melhores, outros piores, mas é comum que em uma casa com cinco pessoas se tenha pelo menos cinco aparelhos.

Praticamente não existem mais barreiras de comunicação entre as pessoas, de forma que um legislador pode representar, sem dificuldade, cinco ou seis vezes mais cidadãos que antigamente.

Por outro lado, aquele legislador que trabalhava sozinho em seu gabinete também não existe mais, pois conta com dezenas e até centenas de

auxiliares, que fazem contatos, anotam necessidades, ajudam na elaboração de textos, etc.

Ah, mas cargos significam poder e todo mundo gosta de ter um pra chamar de seu.

Sei que eu não deveria me meter nessa encrenca, mas é difícil ver os recursos públicos se escoando em atividades não essenciais e os governos “chorando as pitangas”, reclamando que não têm verbas para isso, para aquilo.

Já imaginaram o que seria possível fazer, por exemplo, na área de saúde pública, com 64 milhões de reais por ano, ou R\$ 256.000.000,00 (duzentos e cinquenta e seis milhões) em quatro anos, ou R\$ 512.000.000,00 (mais de meio bilhão de reais) em oito anos?

Não tem dinheiro para segurança, não tem dinheiro para educação, meio ambiente, infraestrutura, não tem dinheiro pra nada, mas para aumentar o número de deputados federais, tem!

Não se mede a qualidade da representação popular pelo número de deputados, mas pela qualidade deles, pela dedicação e pelo interesse efetivo em favor da causa pública.

Agora, pergunta se alguém está preocupado com qualidade de seus representantes?

Cruel.

A esperança é que o Senado barre esse trenzinho da alegria.

PORQUE ELES MATAM?

O mundo dos homens, aí entendido aqueles que representam o gênero masculino, mudou tanto assim e ninguém me avisou? Pensei, ingenuamente, que o assassinato de mulheres por homens tinha acabado há pelo menos uns vinte anos, já que a sociedade tem deixado bem claro que não existem justificativas para a violência doméstica.

O que liga um homem a uma mulher, ou uma pessoa a outra pessoa (eita, aí está a resposta!) é um sentimento de amor ou, na pior das hipóteses, de carinho ou amizade, ou camaradagem, qualquer coisa menos o ódio. Se um amigo me decepciona, despreza a minha amizade, não corresponde à altura de minhas expectativas o sentimento que dispenso a ele, eu não o mato, não o agrido fisicamente. No máximo, fico chateado e me afasto.

Então, porque eu devo matar a mulher com quem vivo porque ela me trocou por outro, ou porque eu acho que ela está apaixonada por outro? O lógico não seria eu ficar chateado e me afastar, dando espaço para ela viver a outra relação, sendo feliz ou infeliz?

Mas os meus amigos vão achar que sou c....(aquilo mesmo que você pensou), praticamente me exigindo que eu faça alguma coisa, que aja como um homem, que não deixe por isso mesmo. E como os meus amigos mandam em mim, eu mato a safada. Qual é o problema se, para agradar quem não vive a minha vida e não paga as minhas contas, eu me transforme num assassino? Posso fazer melhor, quer dizer, pior, para me vingar dela eu mato o filho dela, afinal a criança teu toda a culpa do mundo, se eu sofro todo mundo sofre. Que barbaridade.

Aquele que é trocado não deve se sentir envergonhado, desde que esteja consciente que cumpriu com sua parte no trato de vida em comum e, mesmo que não tenha cumprido, aceite o fato como parte da vida.

Houve uma minissérie de televisão em que a chamada era “eles se amam tanto que se matam”. Não, quem ama não mata, quem ama protege,

quem ama respeita, quem ama reconstrói a sua vida quando o outro decide seguir em frente, sozinho ou acompanhado.

O que determina a morte do outro não é amor, é ódio, é barbarismo, ignorância, egoísmo e brutalidade, falta absoluta de civilidade, inapetência e despreparo para viver em sociedade.

Não se enganem, assim como muitos condenam essas violências, existem outros tantos que as aplaudem, mesmo que de forma discreta. Quem mata não só apenas busca atender seus mais nojentos sentimentos de vingança, mas também dar uma satisfação ao grupo em que vive, que tem tão maus sentimentos como ele.

Eu passo uma imagem de “gostosão”, bem-sucedido emocionalmente, e não posso assumir que talvez não seja assim tão macho como mostro ou como eu gostaria que pessoas achassem que sou.

Aliás, ser macho é aceitar a vontade do outro, por mais que doa, por mais que me faça sofrer. “Macheza” é levar g... e seguir em frente, pois a vida continua.

NÃO MATE O MENSAGEIRO

O mundo das redes sociais tem se caracterizado por discordâncias não fundamentadas, na verdade fundamentadas no ódio ao mensageiro.

Agredir, verbal ou fisicamente o mensageiro porque eu não gosto da mensagem, é uma forma muito vagabunda de encerrar a discussão, a não ser que o mensageiro se disponha a adentrar o terreno pantanoso e sem futuro dos xingamentos, das ofensas e da falta de raciocínio lógico e fundamentado.

Se eu não concordo contigo, mas não tenho argumentos para discutir civilizadamente e tentar te convencer, em vez que ficar na minha, eu te chamo de idiota, burro, ridículo e outros adjetivos mais pesados.

Não acho que eu tenha razão em tudo que digo e sempre estou aberto a conversar sobre o assunto. Mas, há muito perdi a paciência para discutir com ofensores, com agressores, com pessoas que não tem capacidade de raciocínio civilizado e racional ou que tem tudo isso, mas optaram em “lacrar” com palavras.

E isso é ruim, porque o ofensor sempre ganha, porque o ofendido não aceita a briga e cai fora, deixando o outro sozinho. Claro está que qualquer um com um mínimo de discernimento conclui que o ofendido não perdeu a briga, apenas não a aceitou usando as armas da calúnia, da difamação, da grosseria.

Assim, o ofensor, o agressor vai tomando terreno e acaba por ficar sozinho, convencido que matando o mensageiro resolve o problema da mensagem ruim.

O teor da mensagem é verdadeiro ou falso, simples assim. Claro que se deve tomar cuidado quando o mensageiro é reconhecidamente mentiroso, mas pode ser que a mensagem, num ou noutro caso, seja verdadeira, mesmo sendo trazida por um mentiroso.

Ah, mas identificar a verdade ou a falsidade é muito cansativo, assim é mais fácil descartar a mensagem como falsa sempre em razão da qualidade do mensageiro ou, mais simples ainda, a mensagem é verdadeira quando me beneficia, é falsa quando me prejudica.

Uma amiga disse que o problema do Brasil não era a inflação ou a bandidagem, mas “a interpretação de texto”, e cada vez mais acho que ela tem razão. O problema maior não é que alguns não saibam “interpretar a mensagem”, mas é o de que não querem saber interpretar a mensagem, pois correriam o risco de concordar ou gostar dela, e “assim não pode, assim não dá”.

Eu assumo uma tese, por mais absurda que seja, faço uma baita propaganda dela e, mesmo que existam argumentos sólidos que demonstrem que estou errado, morro abraçado nela. “Não me interessa o que os outros pensam de mim”. Está bom!

Vivemos numa sociedade multifacetada, o mundo não somos só nós e nossas teses, sendo possível, e até desejável, que outras pessoas e outras teses existam e sejam manejadas, vencendo quem tem razão, não quem tem

maior capacidade de ofender, mentir, difamar e destruir os argumentos alheios com ódio.

Abra sua mente, ouça argumentos contrários com respeito, argumente contra quando estiver sinceramente convencido.

Veja no outro a imagem e semelhança de Deus, não de um inimigo permanente.

OS CARA DE PAU DA PREVIDÊNCIA

Tecnicamente falando, “a crônica é um gênero textual discursivo que narra situações cotidianas da vida urbana”, o que nos obriga a abandonar manifestações teóricas e adentrar em notícias do dia a dia.

Mas, é claro que ao nos manifestarmos “em cima da notícia”, corremos o risco de dizer bobagens e cometer injustiças, porque a realidade posterior pode absolver o culpado ou condenar o inocente, de forma que excessos de cuidados não são desejáveis como característica do cronista.

Então, (seja o que Deus quiser!), é inevitável a manifestação acerca do lamentável episódio das fraudes aos aposentados e pensionistas da Previdência Social, em sua esmagadora maioria pessoas que recebem um salário mínimo e que teriam sido roubados (tecnicamente não é esse o termo correto, mas a gravidade do assunto não nos permite um termo mais delicado) por sindicatos e associações desonestas.

Como os valores apropriados são baixos (vinte, trinta reais por mês) e os atingidos são pobres e desprovidos de voz social, a Previdência teria recebido mais de 700 mil reclamações de desconto indevido e nada fez. Daí, foram se acumulando valores bilionários!

Está certa a Previdência em suspender preventivamente os descontos, mas dizer que os cofres públicos vão bancar a conta é uma loucura. Quer dizer, não é uma loucura, pois na história do Brasil, a “viúva”, ou seja, nós, vós, eles, sempre pagamos a conta da roubalheira.

Sabemos que existem pessoas que reclamam descontos autorizados, mas são uma minoria. No momento em que você tem mais de 700 mil reclamações, já era para o sinal vermelho ter soado, gritado, esperneado, mas nada, tudo normal.

Não tentem colar em mim interesse partidário, pois as notícias é de que tal esquema criminoso já vem de outros governos, infelizmente.

Não há justificativa aceitável para tal descalabro, nenhum “cara de pau” se sustenta em sua argumentação de que não sabia ou que achava que não era tão grave.

Ah, quem emprega tem responsabilidade pelos atos omissivos ou comissivos de quem é empregado. Esse é o preço de ser empregador público, da mesma maneira que em que o empregador privado paga pelos erros de seu contratado.

Pretender colher os louros da vitória e fazer ouvidos moucos para as derrotas é muito cômodo, mas não é “legal”, no sentido popular do termo e também no sentido jurídico.

Quando isso vai acabar, por Deus?

Como dizia o humorista, “fica vermelha, cara sem vergonha”.

DIA MUNDIAL DO LIVRO

Dados que eu não posso afirmar serem absolutamente corretos, pois obtidos em ferramenta de inteligência artificial, informam que “o faturamento do mercado editorial brasileiro cresceu 7,14% em relação a 2023, alcançando R\$ 2,23 bilhões, sendo que o volume de livros vendidos, no entanto, caiu 2,56%, passando de 45,2 milhões para 44,08 milhões de exemplares” e que “o preço médio dos livros subiu 9,96%, atingindo R\$ 50,74”.

Isso significaria que o brasileiro está lendo menos e pagando mais caro?

Parece que sim, mas é também possível imaginar que menos pessoas comprem livros e que outras que não comprem livros leem em grupos familiares ou em bibliotecas.

Um aspecto é o “preço” dos livros, o que não é irrelevante, mas que nos remete a necessidade de avaliar o “valor” deles, ou seja, o que eles representam, o que podem nos ensinar para a vida e para a profissão.

Compare o preço de um livro com o custo de uma cerveja ou de um cigarro (admitindo que sem uma cerveja e um cigarro ninguém segura esse rojão que é a vida moderna!), e você verá que não é caro.

Ferreira Gullar disse que ‘a arte existe porque a realidade não basta’, e eu emendaria para dizer que a cultura literária é uma necessidade porque a realidade é dura.

Claro está que nos números antes referidos estão incluídos livros técnicos, mas boa parte deles deve ser poesia, crônicas, contos, romances, ou seja, pura ilusão necessária para nos manter vivos.

Dia 23 de abril é considerado Dia Mundial do Livro, para nos lembrar da necessidade da leitura, do envolvimento diário permanente em imaginar, em sonhar, em acreditar que as palavras podem nos ajudar a ser felizes.

A personagem de Quino, a criança Mafalda, diz que ‘viver sem ler é muito perigoso, pois você tem que acreditar naquilo que os outros te dizem’.

Claro está que alguns que escrevem e vendem muito mentem, e muito, mas pelo menos eles assumem a mentiras que dizem e podem ser cobrados.

Então, escrever é como colocar vidros em uma janela, que nos expõe ao descortino de olhos alheios, o que nos impõe maior responsabilidade no que dizemos.

Como diz o lema da Academia Santa-Mariense de Letras, *verba volant, scripta manent* – numa tradução livre “as palavras ditas oralmente voam, escritas permanecem”, e essa seria a origem da ideia de imortalidade dos escritores.

Então, valorize os bons e honestos escritores, daí você terá melhores condições de distingui-los dos estelionatários das letras, dos gigolôs culturais, pois, acredite, eles existem.

Viva o livro e a literatura.

QUE MUNDO ESTAMOS CONSTRUINDO?

Sempre admirei os realizadores, aqueles que, munidos de ideias, fazem as coisas acontecerem, desde obras de engenharia até textos literários, mas nunca perdi de vista o fato de que alguém pensou, estabeleceu os critérios e os limites.

Então, unidos pelo mesmo interesse de construir uma realidade, idealizadores e realizadores fazem parte das famílias, das empresas, da sociedade, sendo peças indissociáveis de um todo orgânico.

Alguns defendem a globalização, que seria a existência de um mundo associado, interessado em dar a todos, ricos e pobres, poderosos e anônimos, as mesmas oportunidades mesmo que ao final os resultados sejam diferentes para cada um em razão de maior ou menor capacidade, de escolhas bem ou malfeitas.

Nunca haverá igualdade absoluta, porque as pessoas são diferentes, o que é importante para um é desimportante para outro, os desejos e necessidades de um não são os mesmos do outro, e está tudo bem.

Mas, o que temos visto no mundo moderno (bota moderno nisso!), é o direcionamento das vontades em um sentido sem nenhuma preocupação com as necessidades do outro, é o completo desprezo pela felicidade material ou espiritual do vizinho.

Alguns dirão que dizer isso não muda a realidade, mas talvez não seja assim, pois as ideias sempre foram importantes e tiveram um peso considerável na sociedade, alterando a história e determinando os rumos do mundo.

Por isso, e imaginando ingenuamente que o que digo possa ter alguma importância, mesmo que paroquial, insisto na ideia de que “homem algum é uma ilha” e que tudo que acontece com o outro me atinge, em maior ou

menor grau, de forma positiva ou negativa, e, ao menos por egoísmo, devemos repensar se devemos seguir só ou acompanhados.

Por maior que sejam as diferenças econômicas ou ideológicas que possamos ter com nosso vizinho, próximo ou distante, sempre haverá pontos de convergência que podem nos unir, e mesmo os defeitos do outro podem nos ser úteis para não os repetir.

Não é destruindo o outro que construímos o mundo, não é destruindo a célula que construímos o corpo, não é desprezando o outro que seremos mais felizes.

Uma coisa é certa: frente às guerras armadas e comerciais, ante os ódios raciais e culturais e às disputas sem trégua por hegemonias políticas, tudo que construiremos será um mundo inabitável, seco e infeliz.

Se você não importa com isso, ok, siga em frente, se puder.

REAJAM, MULHERES!

Sei que vou comprar briga com muitas pessoas, não me importo, não será a primeira vez, mas ante as notícias de que nunca tantas mulheres foram mortas por maridos e companheiros desde a edição da lei Maria da Penha como hoje, resolvi correr o risco de propor a legítima defesa pessoal como arma contra os abusadores.

Vemos que já na Constituição Federal, inciso V do artigo 5º - dos direitos e deveres fundamentais e coletivos, – *é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo*, e que o Código Penal, em seu artigo 23, inciso II, diz que *não há crime quando o agente pratica o fato em legítima defesa*, sendo que o artigo 25 conceitua que *“entende-se em legítima defesa quem, usando moderadamente dos meios necessários, repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem”*.

Quando, em algum momento, propus que as mulheres vítimas reagissem à agressão, como forma de defesa e de pôr um limite ao “poder masculino”, fui admoestado de que estaria propondo dispensar o Estado do seu dever de defesa e igualando-as aos agressores, estabelecendo uma guerra entre sexos.

Não desprezo os instrumentos de coerção e punição colocados pelo Estado à disposição das mulheres vítimas de violência, mas, aqui entre nós, não estão funcionando ou são flagrantemente insuficientes.

Tenho quase 45 anos de atividade jurídica e judicial, sendo trinta anos como Promotor de Justiça, e posso afirmar, sem medo de errar, que para muitos agressores, comparecer à presença de uma autoridade é irrelevante e, até motivo de piadas. Sim, muitos saem rindo e debochando da audiência em que foram proibidos de se aproximar da vítima tantos metros!

É muito comum que homens com tornozeleira eletrônica para controle de aproximação de suas vítimas simplesmente a ignorem ou a rompam, voltando a agredi-las, na cara da autoridade.

Eu sei que uma reação à agressão pode determinar ainda mais violência, mas me parece que chegou a hora das vítimas assumirem esse risco e mesmo acreditando nas autoridades, não renunciem ao seu direito de defesa pessoal.

Os bons pais antigos diziam “não criei filha para ser agredida por malandro”, sendo inaceitável que, com ou sem razões, o homem use de força física, psicológica, financeira ou sexual para agredir a mulher.

A legítima defesa é um direito constitucional e legal de todo país civilizado e as mulheres a detêm, como qualquer outro cidadão vítima de agressão.

Reajam, mulheres, preparem-se física e psicologicamente para mostrar ao agressor que chega, que o reinado da violência acabou.

FALTA DE SANEAMENTO BÁSICO

A imprensa nacional informa que a ausência de saneamento básico causou a internação hospitalar de mais de 300 mil pessoas em 2024, com quadros de diarreia, verminoses, doenças de pele e a proliferação de mosquitos, como dengue e Chikungunya.

Veja-se que, quando se fala de saneamento básico, estamos nos referindo a redes de coleta e tratamento de esgotos cloacais, aquele proveniente de banheiros públicos e privados, sem desprezar as milhões de residências que não contam com rede de água tratada e recolhimento regular de lixo doméstico.

Imagine-se quantos milhões de reais foram gastos em recursos públicos para atendimento dessa necessidade de internações hospitalares e pense-se que outros milhões foram gastos em atendimentos em postos de saúde e dispensação de medicamentos.

Não estou reclamando, porque cabe ao Estado prover esses recursos, mas não há dúvida que um dos princípios constitucionais é que a administração pública deve atuar com eficiência.

Então, no momento em que o Estado (aí compreendido a União, o Estado Federado e o Município), não cumpre com sua obrigação de prover a população de água de qualidade, redes eficientes de coleta e tratamento de esgotos cloacais, está simplesmente deixando o problema se criar e, mal e porcamente, dando atendimento médico e hospitalar aos milhares de doentes que daí surgem, desprezando o princípio da eficiência.

Não é desprezível o sofrimento de milhares de pessoas com a convivência malcheirosa dos esgotos a céu aberto, com a falta de água de boa qualidade e com a ausência de recolhimento e tratamento adequado do lixo doméstico.

Em maior ou menor grau, todos contribuem com os cofres públicos, porque mesmo o feijão e o arroz trazem embutidos em seus preços uma carga fantástica de tributos, sendo obrigação do Estado retribuir com serviços de qualidade.

Claro está que os mais bem aquinhoados economicamente tem melhores condições de se precaver, evitar e tratar os males do mau serviço de saneamento, sem esquecer que quem tem mais poder econômico tem mais poder político e de pressão por serviços públicos de qualidade, desequilibrando ainda mais a balança da justiça social.

Esse desequilíbrio de tratamento é injusto e eterniza as diferenças, gerando classes com muito e outras com nada.

Ah! Não podemos desprezar as péssimas consequências ambientais que o lançamento de esgoto sem tratamento causa, considerando sempre que o maior prejudicado é o ser humano, que vê sua qualidade de vida sendo cada vez mais deprimida.

Eu não acredito, mas tem quem diga que a alguns administradores não interessa instalar redes de coleta de esgoto, porque ficando escondidas não rendem votos! Interessaria muito mais atender as pessoas doentes pela exposição ao esgoto, o que acho uma afirmação injusta para com os bons administradores.

Não me digam que não há grana para atender tais necessidades, porque essa é uma questão de gestão e, por evidente, de vontade política de destinar os recursos para prioridades públicas, em vez de atender interesses privados com emendas secretas ao orçamento!

A propósito, não sou candidato, porque não tenho voto e nem capacidade administrativa, mas ainda enxergo e ouço.

PORQUE NÃO ME CALO

Oficialmente não existe a profissão de escritor, mesmo que alguns vivam exclusivamente dessa atividade, por isso me arrisco a me apresentar como tal.

Mas, de fato, sou só alguém que escreve e publica, por vezes recebe algum elogio verdadeiro (outros nem tanto), por pura teimosia e verdadeira compulsão. Nem bem termino um texto e o publico em forma de livro, sinto uma necessidade irrefreável de colocar no papel (ou na memória do computador), outras ideias, apresentadas através de crônicas ou de personagens mais ou menos possíveis em textos longos.

Dessa forma, não é a convicção de que alguém vai me ouvir que me move, mas essa ânsia de pensar e exprimir meu pensamento, o que nem sempre tenho possibilidade de fazer na relação com as pessoas.

Por isso, fico espantado quando vejo um líder mundial assistir passiva e flagrantemente satisfeito quando um opositor que se manifesta contra suas ideias ser expulso do plenário e, logo em seguida e repetidamente, defender o direito à liberdade de expressão.

Ora, ele também falou em paz e ameaçou tomar território de outra país “de um jeito ou de outro”, falou em respeitar a natureza e defendeu a indústria automobilística altamente poluente, manifestou grande preocupação com a justiça e ameaçou prender todos que desejam apenas ficar vivos morando em seu país, pediu igualdade de tratamento comercial e ao mesmo tempo ameaçou com retaliações sem negociações, e por aí vai.

Bom, dirão todos, tu não és aquele cara, que é bilionário e tem poder político, financeiro e militar, mas um simples advogado de província que se acha no direito de falar e, pior, escrever e, por consequência, registrar para todo o sempre, tuas ideias.

Tu és do povo, tu és um João-Ninguém. Certo, mas eu tenho boca e falo, até que eu morra e, espero, alguém leia o que escrevi e publiquei.

É demais pedir aos líderes um pouco de bom senso, de razoabilidade, de respeito pelo outro e pelo ambiente?

Cala a boca, Adede, tu não és ninguém, o cara aquele nem sabe que tu existes. Mas eu sei que eu existo, e penso, e escrevo, e penso.

Estupidamente, achei que alguém do partido do cara aquele iria colocar-lhe algum freio, que alguém tivesse um mínimo de bom senso, mas não, o aplaudiram de pé inúmeras vezes, o que quer dizer, ao menos externamente, que concordam com todas as grosserias e mentiras evidentes que ele proferiu.

O mundo precisa de paz verdadeira, não da paz dos mortos e dos desaparecidos, da dominação de um pelo outro pela força e pela ameaça constante de agressões, de uma relação minimamente civilizada, com discordâncias respeitadas, com discussões fortes, mas honestas.

Já me flagrei cometendo grosserias, porém sei que não o fiz por dolo, má-fé e intenção de ferir, e sempre que possível, tentei me corrigir, recriar as pontes que meu voluntarismo derrubou.

Sei que não existe amizade entre países, porém mesmo uma relação de interesses comerciais pode ser decente, honesta e produtiva.

Por isso que eu falo, por isso que eu escrevo. Adianta para alguma coisa? Não sei, mas que eu me sinto bem, ah, isso sim.

SOMOS TODOS IMIGRANTES

“Tenho um filho dessa terra, foi amor sem passaporte, se o gestar foi brasileiro, não me chame de estrangeiro, cada pedra, cada rua, tem um toque de imigrantes”, dizem Enrique Bergen e Tony Osanah em “Fruto do suor”, interpretado por Raices de América.

É ingenuidade imaginar que seja possível administrar uma cidade, um Estado ou um país sem um mínimo de controle de ingressos nas fronteiras, mas é absolutamente desumano dizer que “estamos tirando o lixo das ruas” ao comentar políticas de deportação de pessoas pobres, perseguidas e, na maioria dos casos, não criminosas.

Nem mesmo uma casa pode receber indefinida e descontroladamente visitas, pois tem limites de espaço, de alimentação, água, luz e outras necessidades humanas, mas existem meios minimamente civilizados de receber pessoas e mandá-las embora.

Não resta dúvida que ingressamos num período negro dos direitos humanos, patrocinado por um grande país e aplaudido por meia dúzia de puxa-sacos que morrem de medo dele e amam a ideia de ficar na aba dos poderosos.

Ninguém desconhece que cerca de cinco milhões de indígenas viviam no Brasil na época da chegada dos portugueses e que quase outros cinco milhões de negros escravizados, retirados mediante violência de seus lares na África, foram incorporados à força de trabalho de nosso país, sendo explorados e maltratados.

Aí seguem-se italianos, alemães, japoneses, turcos, libaneses e um sem número de nacionalidades que vieram fazer parte de nosso país, ajudando a moldar essa sociedade diversa.

Então, quem é “brasileiro puro”? Ninguém, e isso é muito bom, pois é na diversidade que crescemos, na troca de ideias, experiências e

capacidades, na aceitação de todas as limitações que construímos um país que não tem dono, tem cidadãos!

Não é à toa que a Constituição Brasileira proíbe expressamente “guerras de conquista” de territórios alheios, até porque espaço físico é que não nos falta para crescer e problemas temos de sobra.

Criminosos existem em todos os países, de todas as cores, de várias idades, pós doutores e analfabetos, gênios e idiotas, porque quebrar regras não é privilégio de uma raça, mas de pessoas, humanas que são.

Dizer que “o Brasil é dos brasileiros” é uma bravata, uma bobagem típica de populistas, uma frase que só divide, não constrói, porque o país é de todos, inclusive dos não brasileiros. A convivência com outras culturas é salutar e desejável, apenas sendo exigível que “os estrangeiros” cumpram nossas leis, como qualquer um.

É nossa obrigação acompanhar e lutar contra esses acontecimentos que buscam dividir o mundo entre os que concordam comigo e os demais que, por discordarem de mim devem ser eliminados, reduzidos e esquecidos.

Não existe mundo perfeito, tipo os personagens de “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley, porque as pessoas são diversas na formação cultural, religiosa e social, e isso é muito bom, pois errando e acertando vamos crescendo, aprendendo e vivendo feliz.

Não me acusem de ser de direita, nem de esquerda, sou apenas um ser que luta desesperadamente para não perder a capacidade de pensar, aceitando seus muitos erros e sabendo reconhecer no outro a possibilidade de ele estar certo.

Sejamos humanos.

UMA COISA É UMA COISA

Algumas pessoas dizem que a expressão “uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa” é uma bobagem, mas, respeitosamente, não concordo.

A sabedoria popular que criou a expressão desejou, com sucesso, passar uma ideia de que nem tudo é “oito ou oitocentos” (outra!), ou seja, de que “nem tudo que reluz é ouro”, mas que algumas coisas que reluzem são ouro, outras tem um percentual de ouro e outras ainda só tem a cor do ouro.

Eu, quer dizer, o povo em geral, diz que “não existem meias verdades”, e eu me animo a dizer que nem todas as mentiras evidentes são totalmente desprovidas de um fundo de verdade. Num saco de mentiras pode existir, bem no fundo, uma verdade, basta procurar bem.

Toda essa conversa mole para dizer, afinal, que devemos nos esforçar, sincera e dedicadamente, para examinar “as coisas” em todos os seus ângulos, sem preconceito e abertos à novas possibilidades.

Um mentiroso contumaz pode, surpresa! estar, em algum momento de sua vida, falando a verdade. Alguns dizem que se nos notabilizarmos por mentir, chegará um dia em que falaremos a verdade e ninguém vai acreditar em nós, o que é uma pena, pois estaremos perdendo a oportunidade de conhecer a face boa do mentiroso.

Não é fácil, e eu sou “testemunha ocular da história”, que estar aberto para ouvir, examinar e concluir positiva e honestamente sobre as várias faces dos fatos, separando as verdades das mentiras, as verdades absolutas das meia verdades, as mentiras absolutas das meia mentiras, não é fácil e exige um certo treinamento mental e uma enorme dose de boa vontade.

Assim, em geral é mais cômodo acreditar em tudo ou desacreditar em tudo, e pronto! Essa história de ouvir tudo, pesar tudo, considerar todas as possibilidades e aceitar que podemos estar errados, mesmo que em parte, dá muito trabalho e “cansa nossa beleza”.

Pode ser mais cômodo, mas não constrói nossa consciência, nos apequena enquanto pensadores e nos coloca na vala comum daqueles que “sabem tudo”.

As discussões políticas atuais, notadamente aquelas rasas das redes sociais, absolvem com paixão ou condenam com igual força, mas não resistem a cinco minutos de uma argumentação minimamente racional.

Provavelmente eu estou errado, mas não existem anjos ou demônios, existem pessoas, com toda uma história de vida familiar, social, religiosa, acadêmica, econômica e uma série interminável de fatores, quer dizer, eu sou eu e as minhas circunstâncias, como já disse Ortega y Gasset, ou como refere John Donne, “nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente...”

Certamente que, ao longo de meus sessenta e oito anos, eu já disse muita coisa do qual hoje me arrependo, assim como acho que deveria ter dito alguma coisa e me calei, ou falei e deveria ter dito de outra maneira, mas “não sois máquinas, homens é que sois” (Charles Chaplin em O Grande Ditador).

“Se a morte faz parte da vida, e se vale a pena viver, então morrer vale a pena, se a gente teve o tempo para crescer”, nos versos de Gilberto Gil.

É isso!

Aos meus seis leitores, eu digo, sem medo de errar, que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa.

Desconfio que depois desse texto, meus seis leitores se transformarão em dois, no máximo, mas, fazer o quê?

CÉREBROS PODRES

Esta crônica não se trata de uma crítica destrutiva, mas de uma tentativa pouco convincente de provocar alguma discussão acerca do termo “brain rot”, expressão do ano eleita pelo Dicionário Oxford que se refere à deterioração mental causada pelo excesso de conteúdos superficiais e pouco desafiadores, como os de redes sociais.

Ninguém vive só de informações “profundas e desafiadoras”, porque essas, por vezes, são maçantes e muito chatas, tornando nosso dia a dia pesado e até insuportável.

Sempre houve e sempre haverá a necessidade de ouvirmos piadas, histórias engraçadas e leves, assuntos irrelevantes que só servem para nos distrair e nos fazer desviar de guerras, fomes, assassinatos, ódio e destruição da natureza, mas é certo que algumas pessoas (não sei se a maioria ou a minoria), dedica cem por cento de seu tempo lendo e falando bobagens.

Em Amor pra recomeçar, de Frejat, vemos que “rir é bom, mas que rir de tudo é desespero”, e tem gente que não se dispõe a discutir nada sério, nada relevante, nada que a comprometa.

Por isso, se você quiser fazer sucesso nas redes sociais, esqueça discussões sobre a fome, sobre a má política, sobre a infelicidade e outros temas pesados, mas sinto informar que eles vão continuar existindo.

Meu filho disse uma vez que “ninguém lê mais que três linhas nas redes sociais”, e cada vez mais acredito que o meu futuro, como escritor de dois mil e seiscentos caracteres ou de livros com cem ou mil páginas é bem ruim. E o pior é que só trato de “assuntos desafiadores”, ou seja, sou um chato.

Agora, além de aplicativos gratuitos de inteligência artificial que escrevem textos por encomenda, como crônicas, livros, teses e letras de músicas, acabaram de inventar uma máquina que “escreve com a sua letra”, como mais uma forma de enganar o leitor.

Então, pensar pra quê? Todos os dias vemos nas redes propagandas de sistemas de “leitura” de livros em que o mote é “você nunca mais precisará ler um livro”! Eita.

Uma máquina pensa o texto e outra máquina escreve o texto com a sua letra, para não deixar dúvida de que você é um canalha literário e cultural completo.

Então, não precisamos pensar mais, não precisamos escrever mais, basta passar o dia ouvindo bobagens no tik tok e outras plataformas de irrelevâncias.

Sinto que um dia o termo “cérebro podre” não será apenas uma “expressão”, mas uma realidade, e poderemos sentir o mau cheiro do “não pensamento” à distância.

Espero estar errado.

DEZ PLANOS QUE (NÃO) VOU REALIZAR EM 2025

Com a troca de calendário, costumamos parar para relacionar os planos para o novo ano.

Uma amiga colou na parede da sala uma lista de cerca de trinta planos de gastos a realizar no ano que se iniciava e um último de “depositar uma grana na poupança”. Os planos de gastança foram realizados com folga, de maneira que o da poupança “dançou” feio, mas dava para observar que ela foi feliz nesse período, que é o que interessa, no “frigir dos ovos”.

Estando eu com 68 anos e mais preocupado em me manter vivo do que em planejar o futuro, resolvi fazer uma lista de projetos que eu tenho certeza, ou pelo menos uma forte desconfiança, que **não vou cumprir**, porque sei que sou teimoso:

1. **Deixar de comparecer às urnas eleitorais em 2016**, já que com 70 anos estaria dispensado de assim fazer, porque não quero dar aos maus políticos o prazer de não mais ver a minha cara de desprezo pela sua falta de projetos viáveis;

2. **Abandonar minhas preocupações com a Academia Santa-Mariense de Letras**, a qual tive o prazer de presidir por cinco mandatos e que, pretensiosamente, desejo ajudar a crescer mais e manter-se como um exemplo de dedicação à cultura literária;

3. **Parar de sentir enorme orgulho de ter atuado como Promotor de Justiça Estadual por trinta anos** e, em momento algum, ter me omitido, estando até hoje a pagar o preço por ter cumprido com minhas obrigações, o que acho absolutamente justo;

4. Ter certeza de que, mesmo estando em campo oposto, ao advogar de forma honesta por treze anos, **continuo a ser um elemento importante e indispensável à realização da justiça**;

5. **Não estar preocupado com a vida e o bem-estar de minha família**, de minha companheira de 37 anos, de meus cinco filhos e minhas

cinco netas, a quem tenho certeza nunca envergonhei com comportamentos ilegais e imorais;

6. **Me omitir de colaborar**, mesmo que de forma discreta e modesta, **pelo bem-estar da comunidade de Santa Maria**, que me recebeu em 1975, me permitiu a formação acadêmica e depois me acolheu como profissional do Direito;

7. **Parar de escrever e publicar textos técnicos e de ficção** sem a preocupação de venda (mas sem desprezar alguma grana que possam render), reconhecendo que sou um escritor paroquial, mas honesto em minhas manifestações;

8. **Abandonar o trabalho** para que meus poucos amigos (e alguns desafetos, sem dúvida), concordando ou não com o que penso, acreditem que **nunca agi e nunca agirei de má-fé**, pois tenho boas intenções em tudo o que faço;

9. **Olhar com indiferença o sofrimento das pessoas** pobres, dos idosos, das crianças e dos animais, as guerras e a fome.

E, para encerrar, acrescento à lista dos **planos que não cumprirei em 2025**, o de:

10. **ser infeliz**, pois a felicidade é tudo de bom.

O ANO DE 2024

Pessoalmente não posso me queixar do ano de 2024 (até porque ele não daria a mínima pra mim!), pois, apesar de alguns perrengues, consegui me manter vivo e com saúde, minha família cresceu, minhas netas só me deram alegrias, continuo trabalhando na advocacia e escrevendo sobre o que gosto.

Mas, os eventos de início de maio de 2024 me impactaram e continuam a me impactar até hoje, mesmo não tendo sido diretamente atingido com alagamentos, quedas de pontes e estradas, destruição de casas e mortes.

Bueno, mas estás reclamando do quê, então?

Explico, eu estava fora de Santa Maria, com dia marcado para voltar e empreender uma viagem ao exterior quando o evento climático das enchentes me manteve isolado e impedido de me locomover.

Sofri muito em frente à televisão, na leitura de jornais e nas conversas com amigos do local onde estava, sabendo que meus filhos e netas estavam bem em Santa Maria e que também não foram atingidos enquanto a tragédia se abatia sobre o Estado quase como um todo, e eu estava protegido e em segurança em outra cidade.

Acabei partindo para a viagem ao exterior por meio de aeroporto de Santa Catarina, com o coração apertado, porque às vezes parecia que eu estava “fugindo da raia”, que a tragédia não tinha nada a ver comigo.

Sei que, em razão da minha idade e dos males físicos que me afligem há anos, dificilmente poderia ajudar em resgate de pessoas, por isso acabei por fazer doações em dinheiro, muitas e variadas, para pessoas e animais, como a única forma de compensar minha forçada ausência física.

Somente quando voltei, depois de ausência de quarenta e cinco dias, é que tive contato direto com a tragédia ao trafegar por estradas, pontes e casas

destruídas e confesso que chorei, imaginando a dor e o sofrimento daquele povo atingido.

Ok, sei que chorar não ajuda em nada, e isso me magoa, pois não pude fazer outra coisa.

Até hoje, quando viajo, vejo casas destruídas, pontes substituídas por estruturas provisórias e estradas desviadas, e não consigo deixar de me impressionar.

Eu queria, juro, ter a mesma resistência do cavalo Caramelo, a quem considero como o símbolo da resistência de nosso povo.

Então, por mais que eu reconheça que pessoalmente o ano de 2024 não foi ruim, não consigo esquecer que as imagens da tragédia não abandonarão minha memória tão cedo.

Não podemos esquecer que de 2020 até 2022 sofremos com a Pandemia, tivemos um ano de 2023 de relativa folga e 2024 fomos afogados, massacrados e destruídos pelas águas.

Mas, “não podemo se entregá pros home, de jeito nenhum, amigo e companheiro, não tá morto quem luta e quem peleia, pois lutar é a alma do campeiro”, como disse meu saudoso amigo Humberto Gabbi Zanatta.

Então, viva 2024 e que venha 2025, estamos de pé para abraçá-lo e viver melhor.

O PRAZER DE ESCREVER

Um amigo me contou, todo orgulhoso, que estava na fila do caixa de um restaurante da cidade quando ouvi, atrás de si alguém dizendo “esse é o fulano de tal, escritor!”.

Ele olhou pra trás e viu um homem, acompanhado de uma criança, com cerca de 10 anos de idade, que lhe sorriu. Meu amigo cumprimentou o desconhecido e ele repetiu para a criança “esse é fulano de tal, escritor!”.

Quase babando, meu amigo me contou esse “causo”, dizendo-se orgulhoso por ter sido reconhecido e apontado como “escritor” por pessoa desconhecida quando, na verdade, ser escritor é apenas uma de suas atividades.

Ele, ao mesmo tempo, estava constrangido por ter ficado feliz com o fato, e eu lhe disse que ele tinha razão em estar em êxtase, pois sempre escreveu de maneira honesta e, apesar de ter recebidos uns “caraminguados” de direito autoral, nunca escreveu com intenção de ganhar dinheiro, mas porque tinha prazer de escrever.

Eu lhe disse, e ele concordou, que mal algum há em receber alguma grana ou muita grana para escrever, mas que esse não deve ser nosso objetivo de vida, sob risco de desvirtuarmos a função social do escritor para transformá-lo em um operário (sem ofensa aos operários!) das letras, alguém que depende da atividade e que escreve aquilo que os eventuais leitores querem e não aquilo que lhe dá prazer.

Não devemos desprezar as matérias que interessam aos eventuais leitores, mas ao mesmo tempo nunca devemos nos transformar em escravos deles, porque sabemos que certos assuntos que dominam as redes sociais são rematadas bobagens, evidentes lixos da cultura de massas, assuntos requentados e gastos.

Penso que não devemos nos pautar pelos interesses alheios, pois sempre defendi minha liberdade de escolha de temas e assumi meus erros, negando-me a ser patrulhado pelo interesse de momento.

Aí é que reside o segredo do respeito que um e outro pode nos dedicar, sendo absolutamente prazeroso ser reconhecido em público e apontado como exemplo para as crianças. Afinal, um pai não apontaria meu amigo à filha se não o admirasse!

Então, viva os escritores.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A CRIAÇÃO LITERÁRIA

Ao ver e ouvir falar sobre inteligência artificial (que alguns técnicos dizem não existir, pois seria apenas e tão somente uma compilação técnica da inteligência humana), usada na criação de textos técnicos em minutos, fico muito preocupado com a arte e a cultura.

Sempre digo, com orgulho, que não sei se meus escritos são bons, mas tenho certeza absoluta que são meus, que saíram da minha cabeça e da minha experiência pessoal e profissional. Quer dizer, eu assumo pessoalmente meus muitos erros, mas reivindico meus raros méritos literários.

É evidente que a gente escreve sobre o que sabe e o que sabemos é resultado do que vimos, do que ouvimos, do que nos contaram, do que lemos e do que vivemos, de forma que a escrita literária nada mais é do que a reprodução da realidade, às vezes com uns toques de fantasia (porque a vida real pura é muito chata!).

Mas, mesmo assim, é resultado da criação de nossas mentes, e não de uma compilação preguiçosa e estelionatária de um conjunto espantoso de informações e dados depositados em um programa de computador que atende nosso pedido e escreve um livro de duzentas páginas em quinze minutos, quando nós, simples e honestos humanos, levamos dois anos para obter tal resultado.

Não discuto a utilização da inteligência artificial em outras áreas que não domino, como a medicina e a ciência da matemática, mas confesso que estou muito preocupado com o futuro da literatura, das crônicas, dos versos, dos contos, dos ensaios e outros estilos de escrita que vão acabar sendo apresentadas como fruto da imaginação de bandidos da cultura.

Talvez a literatura técnica não seja tão prejudicada com o uso da IA, pois é resultado da transpiração, da organização e do método, mas na literatura de ficção será um desastre.

Não se enganem, já giram por aí textos de literatura de ficção, contos, crônicas e poesias produzidas por IA que são alegremente assumidas como de autoria de “escritores” que deveriam estar presos e não sendo festejados como se vê.

Eu uso a tecnologia para as tarefas técnicas, mas ainda acho que nos dá muito prazer ler uma peça que tenha sido produzida pela mente humana, com todos os seus defeitos e erros, porque afinal, “não sois máquinas, homens é que sois”. O erro, a imprecisão e o equívoco de interpretação é o tempero do escritor, que escreve e publica assumindo riscos, pois somos humanos.

Sei que estou lutando contra a maré, estou na contramão da história, mas não me importo, porque “prefiro morrer lutando do que viver ajoelhado”.

Pensar não paga imposto, ou é mais fácil concordar com tudo?

UMA BANANA PARA A FOME

Claro está que cada um faz o que quer com o dinheiro que tem, e que muitos vão entender essa crônica como uma manifestação de inveja de um pobre. Eu não me importo, porque respeito opiniões contrárias, mas ninguém patrulha meu pensamento.

Pois bem, dias atrás ouvimos e vemos a espantosa notícia de que um “artista” teria comprado uma banana em uma feira de rua por centavos de dólar, fixado-a a uma tela com fita adesiva e colocado-a a venda em uma galeria de arte famosa no mundo.

O que em situação “normal” de racionalidade teria sido motivo de chacota e desprezo, transformou-se em disputa encarniçada que resultou na venda da “obra de arte” pela bagatela de trinta e cinco milhões de reais!

Em termos brasileiros, esse valor significa mais de vinte e quatro mil salários mínimos. Ou seja, um trabalhador levaria dois mil anos para amearhar tal valor.

Considerando que no Brasil teríamos mais de dez milhões de pessoas em estado de extrema pobreza, o que significa “viver” com pouco mais de duzentos reais por mês, não é difícil avaliar o impacto social positivo que esse valor de trinta e cinco milhões de reais teria se fosse distribuído entre aqueles que vivem na miséria.

Ah, mas a venda não foi feita no Brasil. Ok, ok, porém o mundo não é uma ilha, tudo que acontece lá repercute aqui, mas, quem se importa?

Penso que talvez a ideia do “artista” tenha sido exatamente essa: expor a “escravidão cultural” ou a pobreza intelectual de alguns endinheirados que vivem num mundo da fantasia e que dão uma banana para a fome dos outros.

Vejam que a banana da “obra de arte” apodrece, como toda fruta, e deve ser substituída a cada quatro ou cinco dias.

Pergunto: o sujeito que, a serviço do dono da “obra de arte” retira a fita adesiva e substitui a banana podre por outra não podre, também é um artista? Não, é apenas um operário que ganha um salário mínimo por mês.

Eu sei, eu sei, toda forma de expressão do pensamento é cultura, mas não vamos exagerar, por favor. Um pouco de racionalidade na arte também não mata ninguém e talvez seja suficiente para nos salvar da idiotia absoluta.

Mas, como vimos tempos atrás no Brasil, uma exposição de arte era apenas e tão somente o espaço vazio de uma galeria, com paredes brancas que mereceu filas de pessoas que não têm coragem de admitir sua ignorância cultural, paradas, com uma cara séria de entendedor, olhando para as paredes durante horas. Por Deus!

Não posso acreditar que o cidadão que pagou trinta e cinco milhões de reais pela banana na parede não tenha um mínimo de consciência social.

Para, essa história de consciência social parece coisa de comunista.

Quem nunca passou fome não sabe como dói.

TER OBJETIVOS É MUITO BOM PARA O IDOSO

A proximidade das festas de Natal e fim de ano acende uma luz amarela nas famílias quem têm idosos, pois é comum se abater sobre eles uma melancolia cruel.

Claro que nem todos os idosos, aí considerados os maiores de sessenta anos, sofrem com a aproximação do Natal e Ano Novo, exatamente porque mantêm bom relacionamento com amigos e familiares, sendo a presença desses a certeza que serão dias felizes.

A necessidade de aquisição de bens materiais fica reduzida ao essencial para alguns que conseguiram construir sua casa e ter uma renda que lhes permita viver dignamente, mas outros lutam todo dia como se estivessem iniciando a vida adulta para sobreviver, e aí “a coisa pega”.

Uma parcela da população idosa até pode querer ter outros objetivos de vida senão o de sobreviver com dignidade, mas as condições de saúde física e mental não permitem que os realize.

Mas, posso estar errado no conceito e afastado da realidade, por mais humildes que sejam os objetivos de vida, se eles existem, a vida fica mais fácil.

Então, não se exige que o idoso queira se formar em medicina, construir um prédio de quatrocentos metros ou dar a volta ao mundo, mas se ele se planejar para ler um bom livro, visitar os parentes no interior ou participar de uma caminhada de dois mil metros, já está valendo.

A partir do momento em que reconhecemos nossas dificuldades físicas ou mentais e não temos vergonhas delas, podemos estabelecer nossos próprios limites e partir para a execução de nossos planos de vida.

Quando não temos planos de vida, só nos resta morrer, e isso quase ninguém quer, apesar de inevitável.

Aos amigos que me perguntam porque continuo advogando, escrevendo e participando de atividades culturais, digo que estou vivo e sou teimoso, do que me orgulho.

A minha hora vai chegar, mas não sou eu que a escolho, de forma que, na dúvida, faço de conta que tenho dezoito anos e sigo em frente!

Acabo de encaminhar mais um texto para publicação. Há muito perdi a esperança de ser um escritor famoso, optando, ante a falta de qualidade literária, em ser apenas um escritor paroquial.

Cada amigo generoso que diz (tenho certeza que apenas por gentileza), que leu um livro meu e gostou, me garante uma semana de bom sono e um sorriso tímido no rosto. Assim, se forem cinco os amigos generosos, já tenho mais de mês de satisfação.

Mantenha planos, sonhe que é possível fazer coisas prazerosas (inclusive aquilo que você está pensando!) e não tenha constrangimento de ser um “velho assanhado”, pois os jovens amados, lindos e cheios de futuro de hoje bebem na sua fonte de experiência e conhecimento, mesmo que não admitam.

Mesmo mancando, vamos em frente!

TENS MEDO DA IGUALDADE DE GÊNERO?

Está certo que não sou um especialista na matéria, mas se é verdade que igualdade de gênero nada mais é do que é um princípio que visa garantir que homens e mulheres tenham os mesmos direitos, oportunidades e tratamento em todas as esferas da vida, porque tem gente que tem tanto medo dele?

É evidente que homens e mulheres possuem diferenças físicas, formas de agir e de pensar diversas, mas isso é bom, pois um completa o outro, tornando o mundo mais justo e digno para todos.

Nunca vi problemas no fato das mulheres que desempenham as mesmas funções que os homens sejam remuneradas de forma igual, nunca achei que a mulher, pelo singelo fato de ser mulher fosse inferior ao homem, e nunca me achei mais inteligente que uma mulher pelo singelo fato de ser homem.

Temos, nós homens, qualidades e defeitos, assim como as mulheres, e isso não chega a ser um problema, mas uma realidade, uma característica facilmente compreensível e tranquilamente aceitável. Assim é a vida!

Ah, mas não estamos falando desse gênero, seu bobão, mas daqueles seres que, sendo homens não se identificam como homens e sendo mulheres não se identificam como mulheres. E isso, é, meu Deus do céu, muito perigoso!!

Com todo o respeito, apenas aqueles que pouco leem, pouco pesquisam e pouco ouvem sobre a história do mundo, se apavoram com essas situações que sempre existiram e sempre existirão.

A história do mundo está repleta de heróis consagrados, reis e rainhas admirados, políticos de todas as tendências, cidadãos comuns respeitados que, declarada ou discretamente, possuíam essa condição, e, pasmem, o mundo não acabou por causa disso.

O que destrói o mundo, o que causa tristeza, fome, guerras e fim de civilizações é o ódio, o desrespeito, a incompreensão, a ausência de aceitação das condições alheias e a falta de empatia humana, não a condição sexual de um e outro.

Alguns referem a ideia de “banheiros unissex” como uma coisa horrível, mas nas nossas casas os banheiros são unissex, em milhares de estabelecimentos comerciais como lojas, restaurantes e escritórios os banheiros são unissex, e não se tem notícias de homens atacando mulheres só por causa disso!

O que vai garantir respeito mútuo não é o fato de existir dois banheiros, dois ônibus, duas ruas e dois bairros, um para cada sexo, (ou talvez duas cidades), mas a civilidade, a formação cultural e o respeito entre as pessoas.

Então, porque tens medo de igualdade de gênero?

Será porque não te garantem enquanto homem?

Ou será porque teu egoísmo é mais forte que tua civilidade?

Me poupem.

ABSTENÇÃO ELEITORAL

Confesso que já manifestei, várias vezes, meu desencanto com a situação político eleitoral atual e ameacei deixar de votar logo que completar “a maioria” de 70 anos (faltam apenas dois anos!).

Para ser honesto, não sei se vou, mesmo, cumprir com a ameaça, por dois importantes motivos: um, sou de rompantes e arrependimentos a seguir e dois, ninguém está dando bola pra mim, meu voto ou não voto é indiferente para quase todos.

Mas, o que eu tenho certeza é que estou cansado de ouvir discursos de que o eleitor não comparece às urnas porque é desinteressado, porque é um mau cidadão e que por isso não pode reclamar depois.

Também já disse e não me arrependo, que nessas quase sete décadas de vida e cerca de cinco décadas de eleitor, sempre votei, mesmo não tendo participação política eleitoral, sempre me manifestei oral e por escrito sobre os problemas da comunidade, reclamando soluções e cobrando posicionamentos firmes daqueles que escolheram ser políticos.

Pretensiosamente, sempre trabalhei, do meu jeito, pela comunidade, nunca roubei dela e nunca incentivei atos contra o interesse público, de forma que não aceito que me digam que, caso materialize a vontade de deixar de votar depois dos setenta anos, perco o direito de reclamar, porque tenho crédito social e como cidadão.

O que me irrita, profundamente, é que sempre buscam no cidadão, desiludido com a política, as culpas, as responsabilidades pelos erros de quem se ocupa da atividade eleitoral.

Não vi, até agora, nenhuma pesquisa séria e abrangente sobre as causas da abstenção eleitoral, porque é mais fácil dizer que a culpa é do mau cidadão, do eleitor sem consciência de suas responsabilidades.

As autoridades, inclusive do Poder Judiciário Eleitoral e do Ministério Público Eleitoral, fazem campanhas para que o eleitor vote, mas nunca vi nada para que o candidato e os partidos melhorem a qualidade de seus quadros, que apresentem propostas sérias e exequíveis, que se comportem, antes e depois da eleição, nos exatos termos do que defenderam durante a campanha.

Nunca vi nenhum candidato eleito ser responsabilizado por estelionato eleitoral, por ter feito promessas mirabolantes e nunca realizar nenhum esforço real para cumpri-las, de simplesmente desprezar os

objetivos inscritos no estatuto do partido pelo qual concorreu (e que muitas vezes nunca leu).

Então, não incentivo a abstenção eleitoral e não a defendo, mas também não aceito que a culpa pela ausência seja apenas do eleitor.

Já passamos, há muito, da hora de pensar porque o eleitor não comparece às urnas, abandonando a ideia simplista, reducionista e cômoda de que os candidatos e os partidos não têm responsabilidade alguma nessa questão.

Estou tão errado assim?

FAMÍLIA

Sem dúvida que o conceito e a forma das famílias têm se modificado ao longo dos tempos, mas a instituição continua sendo a base da sociedade, a “cola” que une pessoas e permite uma convivência harmônica.

Alguns dirão, com razão, que não existe família perfeita e eu respondo que a ideia não é essa, mas de valorizar o grupo que se forma por escolha e por descendência.

É certo que existem problemas, mas esses estão presentes em outros grupos sociais, como empresas comerciais e industriais, escolas, bairros e cidades, mas nem por isso deve-se abandonar a ideia de viver em grupo.

Mesmo aqueles que, pelos mais diversos motivos, decidem viver sozinhos, sem uma esposa/esposo, sem um companheiro/companheira, participam, em maior ou menor grau, de algum tipo de “família”, mesmo que essa possa ser entendida com um grupo, grande ou pequeno de amigos, colegas de trabalho, etc.

Não existe isolamento total, nem mesmo em situações de doenças físicas ou mentais, pois em algum momento estaremos em contato com outras pessoas ou seres vivos.

E essa inevitabilidade de contatos e troca de interesses, perspectivas de vida e desejos materiais, físicos e mentais, nos leva a buscar formas de conviver, de fugir da briga, de encontrar formas de ser feliz.

As vezes parece mais fácil aceitar os “defeitos” de estranhos e compreender suas razões do que fazer o mesmo com pessoas da família, mas é certo que com “os nossos” temos obrigação de nos esforçar mais e mais para conviver com eles, pois são “nossos” para sempre.

Alguns dizem que “parente a gente não escolhe”, como se isso fosse um determinismo, uma espécie de sentença, o que, com todo o respeito, acho uma bobagem. Afinal, muita coisa vem pra nós ou contra nós sem que

escolhamos e, com maior ou menor esforço, as aceitamos e seguimos em frente.

Uma coisa é certa, se não estivermos sinceramente interessados em aceitar, perdoar e admitir que também erramos, e muito, fica mais difícil conviver em família. Por outro lado, também os maus momentos nos pertencem e devem ser encarados como aprendizado de vida.

Quem escreve corre sempre o risco de parecer pretensioso “sabe tudo, ele”, mas isso é o que penso.

Minha família é perfeita? Não, mas é minha e tenho muito orgulho dela.

Uma vez eu disse na dedicatória de um de meus livros:

“Não tenho a pretensão de que meus filhos tenham orgulho de mim. Mas, morro de medo que eles tenham vergonha de mim”.

Então, tudo que faço é para não os envergonhar, de não os colocar em situações constrangedoras em razão de meus maus comportamentos.

Sei que é pouco, mas é a forma que encontrei de preservar minha família de meus erros.

VIVER É CONVIVER

Nessa sociedade cada vez mais polarizada, em que alguns não aceitam pensamentos e agir diferentes, gostos e hábitos diversos, faz-se necessário parar e pensar (pensar parece uma mercadoria cada vez mais rara no mercado!).

Existem alguns importantes e necessários princípios a serem observados, dos quais não podemos abrir mão, mas mesmo esses podem ser adaptados para as situações específicas, de forma que nos permita conviver.

Afinal, viver nada mais é do que conviver, viver com, viver juntos, “repartir no paradoro a mensagem”, as ideias, as formas de pensar e de agir, aceitar que pessoas pensam diferente, o que é muito bom.

É através de pensamentos diversos que crescemos, que nos vemos desafiados a examinar nossos comportamentos, a alterar nossa forma de agir.

A frase “posso não concordar com o que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo”, cuja autoria é motivo de discórdia entre os estudiosos, exprime exatamente aquilo que deveria nortear nosso dia a dia, nossas relações sociais e políticas.

Mas, esse é um sonho de um democrata, de alguém que acredita na possibilidade de viver em paz, em harmonia, com respeito às crenças alheias, por mais estranhas e divergentes que sejam das nossas.

Não me importo de sonhar, ao contrário, desejo manter minha capacidade de acreditar na humanidade e na sua possibilidade de evoluir da barbárie para a paz, em convivência pacífica e construtiva, em vez da guerra e da destruição.

Ah, mas isso é pura teoria!

Sim, mas também é forma de manifestar respeito pelo pensamento alheio.

Podemos refutar tudo o que o outro pensa e diz, mas devemos respeitar o direito de ele pensar e dizer de forma diferente.

Por mais que nos incomode o pensar do outro, o fato é que ele tem direito de pensar diferente. Nunca houve e nunca haverá unanimidade de pensar, até porque alguém já disse que “toda unanimidade é burra”, talvez nem toda, mas pode ocorrer que a unanimidade não represente concordância real, mas pura preguiça mental.

Eu digo que, por mais que me incomode às vezes, prefiro acreditar sempre nas pessoas e me dar mal eventualmente do que nunca acreditar nas pessoas e me dar mal sempre!

Viver, além de conviver, é correr riscos.

Aceite que dói menos.

VIVENDO E APRENDENDO A JOGAR

É impressionante a quantidade de post's nas redes sociais de candidatos que se submeteram ao processo eleitoral e que não obtiveram êxito, falando sobre os resultados.

A maioria, graças a Deus, agradece os votos recebidos, apesar de não terem sido considerados eleitos, como uma demonstração de confiança, mas alguns disparam mágoas e até raiva de quem, na sua opinião, foi ingrato, pois prometeu voto e não cumpriu.

Eu me pergunto como é que o candidato sabe quem votou e quem não votou nele, quem cumpriu e quem não cumpriu a promessa, se o voto é secreto?

Por outro lado, parece que eram mais de trezentos candidatos a vereador e apenas vinte e uma vagas a serem preenchidas. Então, “alguém” ia ter que ficar de fora, ou seja, pelo menos duzentos e oitenta.

Ora, se duzentos e oitenta devem ficar de fora, porque acho que eu, obrigatoriamente, devia estar entre os vinte e um e não os outros? Egoísta!

A eleição é um jogo democrático. Lembram disso ou era apenas uma expressão vistosa para enganar bobos?

Se temos em Santa Maria cerca de 209 mil eleitores e dividirmos esse número por 21 vagas de vereador, um partido necessita juntar 9.952 votos para obter uma vaga. Assim, se a soma de todos os votos dos candidatos do partido do “maguadinho” obteve apenas 20 mil votos, por exemplo, terá duas vagas e se ele obteve mil votos, está matematicamente fora.

Dessa forma, o que determina a eleição não é apenas o número de votos individuais, mas o fato de que o partido tem consistência eleitoral.

Quem fez essa regra não foi eu nem tu, mas o legislador desde quase sempre! Ah, também não foi o eleitor “ingrato”.

Parece que se todo mundo sabe que cada eleitor tem só um voto, como ele poderia agradar a todos os candidatos se não tem trezentos votos?

Mas, é mais fácil reclamar do eleitor que, pressionado, acabou por admitir voto em diversos candidatos, do que pensar um pouco no sistema eleitoral e, pasmem, que o candidato talvez não merecesse mesmo o voto, que não fez o suficiente para se eleger, quer dizer, que a culpa é dele.

Ninguém joga para perder, mas no momento em que lançamos nosso nome a escolha popular, é sempre bom considerar todas as possibilidades, inclusive a de não obter nenhum voto ou obter votos insuficientes.

Vivendo e aprendendo a jogar, nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar! Quem sabe, na próxima...

Então, vai chorar na privacidade do teu quarto, que é mais quentinho e te preserva do constrangimento público de não saber perder.

GUERRAS

O Brasil se declara, artigo 4º da Constituição Federal, em suas relações internacionais, como defensor da paz, da solução pacífica dos conflitos e do repúdio ao terrorismo, com o que concordo plenamente.

Mas, desde sempre e especialmente a partir do ataque terrorista do Hamas contra Israel há pouco mais de um ano, com o assassinato de mais de mil e sequestro de mais de duzentas pessoas, todas civis, com a consequente reação do atacado, tento entender aquela bronca centenária e confesso que cada vez sei menos.

Tenho participado de debates na imprensa em que, sempre que surge esse assunto, eu me calo, porque prezo pela verdade e pela opinião

minimamente abalizada, o que não consigo ter nesse caso, porque são muitos os conflitos, enormes os massacres de lado a lado, horríveis as carnificinas de crianças, idosos e pessoas doentes.

Assim, prefiro deixar o julgamento de quem iniciou e de quem é culpado por tudo isso aos expert's, considerando os fatos desde sempre e não apenas a partir de outubro de 2023, porque isso seria reduzir as razões e a história.

Ante minha ignorância em política externa e conflitos no Oriente Médio e minha já confessada incapacidade de julgar tais fatos, me limito a dizer que sofro, me angustio e me revolto ao ver imagens de gente inocente, que não é soldado e nem terrorista (aí cabe às autoridades examinar e decidir), que já vive numa miséria de dar dó ser obrigada a fugir para lá e para cá, como ratos, caçados ora por um, ora ou por outro exército.

As notícias são de que dois milhões de pessoas já foram deslocadas pela guerra, passam fome e frio e são expostas aos perigos das estradas, sujeitas às bombas que caem aqui e acolá, sendo famílias inteiras dizimadas.

As pessoas correm para lá e para cá a pé, de carroça, de cavalo, em carros velhos caindo aos pedaços, carregados com colchões e cobertores, panelas, tristezas, desilusões, raiva, desejo de vingança, crianças esqueléticas, mulheres grávidas e idosos doentes. Quem se importa?

Isso é muito triste.

Cada um tem as suas razões para fazer ou não a guerra, mas o que é certo é que quem “se ferra” é o povo pobre, já sofrido, sem assistência médica, sem alimentação e sem futuro.

Alguém já disse que “a guerra é um lugar onde jovens que não se conhecem e não se odeiam se matam entre si, por decisão de velhos que se conhecem e se odeiam, mas não se matam”.

Ou seja, quem decide a guerra está protegido em gabinetes fortificados e com ar condicionado, enquanto os soldados se matam e matam o povo desprotegido para atender muito mais aos orgulhos pessoais e interesses eleitorais dos chefes dos que aos interesses dos Estados.

A guerra é uma tragédia para todos.

Não tenho mais idade para ser ingênuo, mas continuo acreditando na possibilidade de Paz no mundo.

É pedir demais?

ANGÚSTIA DE ESCRITOR

Está bem, já falei desse assunto várias vezes, mas não tenho culpa nem controle dos sentimentos que me tomam logo após terminar de escrever e corrigir um texto que pretendo publicar como livro.

Acabo de escrever um texto com o título provisório “Invisível”, que conta a história de um profissional do Direito que não é visto, como eu.

Sempre acho que poderá ser melhor, e sempre pode ser melhor, mas isso depende da capacidade do escritor, o que nem sempre se manifesta em mim.

Penso em voltar a ler, fazer acréscimos e cortar outros trechos, mas parece que estou desprezando meu bebê, que estou achando que ele tem orelhas grandes demais e boca pequena, que as pernas são desproporcionais e que falta um dedo na mão direita.

Anos depois de publicado o livro, concluo que fui um pai irresponsável em deixar um filho tão cheio de defeitos sair para o mundo, mas daí é tarde demais, só me restando escrever outro texto, sempre no desespero de buscar o texto perfeito.

Cada vez mais concluo que o texto perfeito não existe e que eu, por mais que me esforce, nunca vou nem me aproximar dele.

Quando leio um texto de outro autor que me impacta pelo conteúdo e pela forma perfeita, entro em crise existencial, tenho vontade de parar de escrever, mas sou muito teimoso e mais burro ainda para isso, e me sento para escrever, de novo e de novo. Azar de quem me lê!

Confesso que essa vontade de escrever um texto meu que eu mesmo, por mais exigente que seja, considere bom (não mais que isso, excelente, não, bom está ótimo!) me angustia, mas, ao mesmo tempo, me joga para a escrita, me incentiva a tentar de novo. Quem sabe um dia...

O problema dessa angústia é que, por vezes, sugere ao meu espírito fraco que eu escreva texto que venda, que seja sucesso, que renda muitos comentários, o que me obriga a puxar as próprias orelhas e espancar a cabeça: Adede, não te mixa, não se submeta ao mercado, seja honesto.

Ainda bem que minha ideia de honestidade e trabalho tem vencido a batalha entre o desejo de ser lido por muitos e a aceitação de que sou um “escritor paroquial”, que o mais importante é que poucos sinceros me leiam, que eu durma com a consciência tranquila de ter vencido os medos e não ter me deixado ser explorado por meus maus sentimentos, que eles existem, infelizmente.

Assim, meus “filhos tortos” vão nascendo e se espalhando pelas ruas da cidade.

ÉTICA

Meu amigo e colega de Academia Santa-Mariense de Letras, Valdo Barcelos, defende que o mal do mundo é a competição, porque determina que os participantes se disponham a fazer qualquer coisa, inclusive as mais condenáveis, para obter a vitória.

Diz Valdo que o ideal é que ajamos para atender nossos interesses legítimos e socialmente aceitos de forma honesta e sempre considerando que “nem sempre ganhamos, nem sempre perdemos, mas aprendemos a jogar”, como diz Guilherme Arantes em música consagrada na voz de Elis Regina.

Claro que esse meu querido amigo é um sonhador e é muito bom que existam pessoas como ele que acreditam que podemos viver, ganhar e perder sem passar por cima dos outros, como um trator desembestado e sem controle.

Como profissional do Direito, admito que “já me passei” algumas vezes, notadamente quando a manifestação foi oral, e sei que “as palavras ditas voam como penas ao vento, depois de proferidas dificilmente podem ser recolhidas”, mas sempre é tempo de me arrepender e, principalmente, não repetir os mesmos erros.

Então, ética, na minha humilde concepção, mais do que um conjunto de formas de agir segundo determinados princípios, é a consciência de que nem tudo que podemos materialmente fazer estamos moralmente autorizados a fazer.

Ética é a vontade firme e honesta de atuar na sociedade de forma a, mesmo quando realizamos nossas vontades e nossos interesses, não prejudicar os demais, pois esses também têm direitos a serem preservados, havendo limites em que as regras e o bom senso claramente nos exigem submissão.

Mesmo as teorias “anarquistas”, que defendem o fim do Estado e a destruição das estruturas então existentes seguem uma regra: “não há governo, não há Estado, todos são livres para agir conforme suas vontades individuais”.

Ou seja, mesmo numa sociedade sem regras, há regras, e a principal é que não há regras! Não é espantoso isso?

Temos que aceitar que podemos, no calor do debate, ultrapassar certos limites de educação e civilidade, por mais profundas que sejam nossas divergências conceituais ou de interpretação dos fatos, por mais sérias que sejam as diferenças conceituais entre nós e nosso adversário, sendo ele um cidadão como nós.

E, quando observamos que ultrapassamos os limites da educação e da civilidade, devemos ter capacidade de admitir e recuar, sem vergonha de ser honesto, por mais difícil que possa parecer.

Claro que existem pessoas que se acham superior a todos, pois “sou a única opção, sou a pessoa mais preparada, todo mundo está errado menos eu” e outras babaquices do gênero, mas elas sabem que isso não é verdade, só não admitem em público. Tenho pena delas.

Ser firme e contundente num debate de qualquer espécie não significa ser estúpido, deseducado e irracional. Isso não constrói, ou melhor, constrói os idiotas de hoje e de amanhã, que entrarão para o lixo da história, que é o lugar onde merecem estar.

Valdo, é uma honra e um privilégio ser teu amigo!

SELVAGERIA ELEITORAL

Confesso que, num primeiro momento, pensei em titular essa crônica como Violência Política, mas logo me dei conta que isso seria muito “light”, muito generoso com os acontecimentos eleitorais envolvendo candidatos de Estados-chave e influentes econômica e politicamente.

Não sou ingênuo para imaginar que a selvageria eleitoral seja um fenômeno moderno, pois a história está recheada de episódios de tiros, facadas, ofensas graves e absoluta falta de argumentos e propostas minimamente factíveis e exequíveis.

Vivemos num mundo permanentemente envolvido em disputas de toda ordem, em que o objetivo é ganhar e, a princípio, perder não é bom, para ninguém.

A questão é saber até que ponto eu estou disposto a avançar em argumentos falsos, mentiras, invenções e agressões físicas com o objetivo de garantir uma vitória?

A ética, esse princípio desgastado e meio esquecido no mundo político eleitoral, determina que nem tudo que podemos física e mentalmente fazer, devemos fazer!

Estupidamente, pensei uma vez que as agressões e ofensas entre políticos e de políticos contra o cidadão fosse uma espécie de “ato falho”, uma reação impensada e irrefletida de momento determinada pelo calor dos debates, mas hoje sei que se trata de movimento orquestrado e organizado de destruição da democracia e implantação de ditaduras e autocracias, de regimes autoritários e pouco dados ao respeito ao cidadão.

Algumas pessoas, parece não ser tão poucas assim, adoram um ditador de plantão, um salvador da pátria, um cara que fala pouco e mete o pé na porta, que despreza essa bobagem de discussões respeitosas, “essa coisa de democracia é muito complicada e demorada, não tenho paciência para esse mimimi”.

Para quê vou ficar gastando argumentos que eu não tenho, que exigem que eu pense, que eu admita que o outro possa estar certo, se eu posso dar uma cadeirada na cabeça dele, se eu posso acusar falsamente o oponente de coisas que talvez ele não tenha feito, mas que rende indignação de outros falsos moralistas que votam em mim, se eu posso dar um soco na cara dele?

A “política tradicional” tem seus defeitos, mas quem não os tem? Eu não tenho, sou um anjo ungido pela bondade, pela certeza, pela beleza e pela graça de um deus (com letra minúscula porque não sei de que diabo de deus estou falando), tenho razão em tudo, tudo o que o outro faz está errado, enquanto tudo que eu faço é lindo e maravilhoso.

Simples assim!

Ah, mas e a civilidade? Besteira, isso é coisa de fracos, de gente que não tem o que fazer a não ser pensar. Eu sou um homem de ação, não de pensamentos e civilidade.

Uma coisa é certa, enquanto estivermos aplaudindo os eleitoralmente selvagens, nosso futuro enquanto civilização (de novo esse papo?) será incerto.

Tenho medo, muito medo, do que estou vendo e ouvindo.

INFLUENCIADORES DIGITAIS

Sempre existiram pessoas que, por meio de suas palavras oralizadas, livros, jornais, rádio, televisão e até mesmo de conversas informais, influenciaram, positiva ou negativamente, a outras.

Eu posso dizer que quando escrevo esse artigo quero apenas expressar minha opinião, em vez de guardá-las para mim em minha cabeça, mas na verdade exerço alguma influência sobre outras pessoas. Claro que minha capacidade de influenciar é minúscula frente aos “papas” da internet que tem milhões e até bilhões de seguidores, mas eu “dou os meus pulinhos”.

Então, mal algum existe na manifestação de ideias ou publicação de notícias e imagens nas redes sociais, porém o que me preocupa é que alguns influenciadores ganham muito dinheiro (eu, quase nenhum), mas tanto dinheiro, que não se constrangem em inventar fatos, destruir reputações e exercer atividades reconhecidamente ilegais.

Sabemos da força e do alcance planetário das redes sociais, que podem ser usadas para angariar recursos financeiros que salvam pessoas, incentivar doação de sangue e órgãos para transplante e outras iniciativas de interesse público, geral e absolutamente louvável.

O problema (ou “o pobrema”, como diz um amigo brincalhão), é que alguns (alguns, viu!) influenciadores, normalmente aqueles menos qualificados tecnicamente, menos “apetrechados” intelectualmente e absolutamente desinteressados pelos princípios da ética e da honestidade, pois se movem apenas pelo som do “vil metal”, não conhecem fronteiras e agredem, ofendem, mentem, inventam fatos graves, com seríssimas consequências pessoais e sociais.

Estamos em uma era totalmente tecnológica da comunicação interpessoal, a respeito da qual não tenho nada contra, porque a uso diariamente no trabalho e nas relações com amigos e clientes, mas é preciso limites.

Dessa forma, quando se defende alguma maneira eficiente de controlar a internet, não se está pensando em ditadura da comunicação, mas de estabelecer limites claros, garantindo-se a liberdade de expressão com responsabilidade.

Não existe direito sem dever, liberdade sem consequências, dano sem punição, sociedade sem regras.

Se não concordamos com as regras existentes, lutemos para, de forma responsável e democrática, alterá-las, limitá-las, esclarecê-las, permitindo uma convivência saudável em sociedade.

Não endeusemos pessoas, reais ou imaginárias, físicas ou virtuais, conhecidas ou estranhas. Tenhamos capacidade de ouvir, ler e avaliar, com calma e coragem, para saber quem mente e quem fala a verdade.

Não seja um influenciador do mal.

Mais cedo ou mais tarde (espero que no tempo certo), a casa vai cair para os mentirosos, enganadores, falsários e estelionatários da internet.

PERMUTANDO LIVROS

Tenho diversos amigos que compram um livro, leem esse livro e o doam para outras pessoas, em verdadeira demonstração de desprendimento e camaradagem, auxiliando o movimento de aumento do número de leitores.

Gostaria de ser igual a esses queridos amigos, mas não consigo.

Tenho um amor e um ciúme tão grandes pelos meus livros que os leio e os guardo, resistindo bravamente até a ideia de emprestá-los. Como diziam os antigos, com adaptação aos termos modernos, “espingarda, cavalo de montar e livros não se empresta”, porque, em regra, nunca voltam!

Confesso que já peguei livros emprestados, em geral eu devolvo, mas muitos eu incorporei ao meu patrimônio, em verdadeiro usucapião de bem móvel, e torço para que o dono os tenha esquecido ou seja desses donos desprendidos.

Podem acreditar que não se trata de “muquiranice” financeira, mas verdadeiro amor pelo livro, apego literário. Talvez eu seja um chato, mas assim é que sou.

Se tenho um amigo que gostaria de ler um livro que eu comprei e que não tem condições de adquiri-lo, prefiro comprar outro e doar a ele, mas aquele meu, não mesmo.

Já fui chamado, justificadamente, de egoísta, mas me dói o coração ver o livro que eu comprei e gostei saindo porta afora, como um filho que abandona a casa para nunca mais voltar.

Tenho um prazer enorme em ter o livro, folhar o livro, acariciar o livro, vê-lo na minha prateleira (que minha mulher diz, com razão, que nunca limpo) a minha disposição para ser lido novamente, novamente e novamente.

Me desfazer do livro parece que o estou desprezando, que não gostei dele e que, se um dia resolver lê-lo novamente, não o terei à mão.

Então, gosto da ideia de permutar livros que tenho em duplicata, e isso tem acontecido, pois por vezes compro-o mais de uma vez porque simplesmente esqueci que já o li.

E, essa ideia de permutar livros, será colocada em prática, em algum momento, pela Academia Santa-Mariense de Letras que tive a honra de presidir por dez anos, incentivando a troca gratuita de obras próprias do participante ou de terceiros.

Será uma oportunidade de divulgação gratuita de nossas obras e de outros autores e trocar livros, conversar sobre as ideias do autor, fazer amizade em torno de um produto que constrói, que edifica, que educa e que nos faz crescer como pessoas.

Claro que vou levar os livros que eu escrevi (submetendo os leitores presentes ao constrangimento de ter que aceitá-los, mesmo não tendo o mínimo interesse por eles!) e alguns que eu, de antemão, sei que tenho em duplicata (e até triplicata).

Agora, os “filhos únicos”, esquece, esses não saem da prateleira nem por decreto. Papai Adede não aguentaria se despedir deles.

ARISTILDA, COMO ESTÁS, GURIA?

A Comissão Editorial pediu-me para escrever um texto acerca da nossa querida Aristilda Antonieta Rechia.

Pensei, num primeiro momento, em fazer uma espécie de biografia dela, mas concluí, sem grande dificuldade, que ela merecia um texto que partisse do coração. Afinal, quase todo mundo sabe que ela nasceu em Santa Maria, que era professora famosa e que foi da cabeça iluminada e privilegiada dela a ideia de criar a Associação Santa-Mariense de Letras, mais tarde transformada em Academia Santa-Mariense de Letras, instituições que presidiu com admirável aptidão e êxito; que ela foi igualmente Coordenadora de Cultura, Diretora da Biblioteca Pública Municipal, Patrona da Feira do Livro de 2006, autora do Hino Oficial de Santa Maria, da Canção da Brigada Militar e da Canção da ASL, e também dos Hinos de Faxinal do Soturno, Dona Francisca, São Pedro do Sul, Ivorá, Silveira Martins e Não-Me-Toque, tendo publicado, inclusive, onze livros e centenas de poemas e crônicas em obras coletivas.

Mas eu me lembro que ela sempre me recebia com a expressão: “Adede, como estás, guri?”—, com um sorriso no rosto e um abraço carinhoso e perfumado. Mesmo em momento em que mais sofria com doença física, Aristilda não deixou de receber-nos em sua casa, com um chá maravilhoso e muitas histórias reais e, suspeito, algumas inventadas. Afinal, ela era uma artista das letras, que encantava como declamadora brilhante, além do seu imenso talento musical e teatral.

Não me perdoo por, no dia em que ela nos deixou, eu estar viajando e não ter podido dar o último adeus a essa querida amiga, que sempre vai estar em meu coração. Confesso que chorei, como se tivesse perdido, mais uma vez, a minha mãe.

Mas, em algum momento, após inúmeras recriminações pessoais, entendi que ela não morrerá, não só porque viverá para sempre em nossos corações e mentes, mas também porque confirmou sua imortalidade pelas obras que publicou.

Cada vez que abrirmos um dos muitos livros *Em Prosa e Verso*, da ASL, veremos sua sensibilidade, sua inteligência e seu humor, sua alegria e sua delicadeza.

Cada vez que ouvirmos os hinos referidos, lembraremos dela, de sua musicalidade e consciência cívica e lírica, de sua capacidade literária e de sua grandeza como pesquisadora de história, e do orgulho que temos em com ela ter convivido.

Acreditem, após o susto de ter sido convidado para escrever uma homenagem a Aristilda e de acreditar que outras pessoas estariam mais preparadas para a empreitada, entendi que tinha muito o que dizer sobre ela.

Mas nada mais direi, apenas perguntarei: – Aristilda, como estás, guria?

Tenho certeza de que está com Deus, pois era uma alma boa, iluminada e generosa.

Beijos, querida!

ARISTILDA

Falar de nossa querida e inesquecível Aristilda Antonieta Réquia, ou simplesmente Aristilda, não é uma tarefa difícil, pois ela deixou muitas pistas de seu trabalho e de sua personalidade espalhadas por Santa Maria e pelo Rio Grande do Sul.

Mas, sem dúvida, falar da Aristilda sem se emocionar é um desafio que eu me propus com o coração aberto.

Aliás, Coração Aberto poderia ser o apelido de Aristilda, pois nunca conheci pessoa mais carinhosa, atenciosa e participativa que ela.

Antes mesmo de ser convidado a participar da Academia Santa-Mariense de Letras já tinha dela as melhores referências, por seu trabalho incansável na área da cultura, da literatura e da vida comunitária.

Confesso que temi não estar à altura de sua capacidade técnica e de não conseguir minimamente acompanhar o seu raciocínio brilhante, lúcido, correto e justo.

Mas, ah! Ela era uma mãezona, que me recebeu de forma tão carinhosa, com um abraço e um beijo tão quente e sincero que senti que tinha encontrado uma pessoa luminosa, muito mais que iluminada!

A partir dali e sempre que precisava dela, era atendido com tanta atenção e de uma forma tão natural que parecia que a conhecia desde sempre.

Eu ligava para ela e era atendido com tanta atenção que parecia que estávamos no jardim de sua casa, e às vezes ela estava na cama de um hospital, o que eu só descobria depois, e me sentia muito culpado. Para ela, falar com os amigos não era um evento, mas uma situação normal do dia a dia.

Pensei em falar da Aristilda relevando seus muitos livros de poesia dotados de enorme sensibilidade, suas pesquisas históricas riquíssimas que já se tornaram referência e em seus lindos hinos, inclusive da Academia

Santa-Mariense de Letras, mas esses ricos detalhes devem ser motivo de destaque por outras pessoas.

Isso porque eu não consigo pensar nela somente como uma das maiores poetisas gaúchas, dona de um estilo primoroso na crônica e de uma precisão técnica extraordinária em seus trabalhos históricos, porque a emoção de tê-la conhecido e ter com ela convivido por tantos anos é maior.

Obrigado, querida, por ter me permitido contigo conviver, por ter me iluminado com tua sabedoria e teu talento, de ter me permitido ser teu amigo, de ter repartido comigo, de forma tão generosa, teus conhecimentos da língua portuguesa.

Todas as homenagens que forem feitas a querida Aristilda não serão protocolares, mas fruto de sincero reconhecimento da grande profissional das letras que ela foi e da cidadã incrível que se destacou na cultura de nossa região e do Estado do Rio Grande do Sul.

Obrigado, querida!

Fique na Paz do Senhor.

ESTATUTO DE DEFESA DO ESTUPRADOR

Começo deixando claro que não defendo o aborto, pois todos que me conhecem sabem que sempre defendi a vida. Mas, é certo que a vida que defendo é a vida com plena dignidade.

Vejam que a dignidade não é um favor legal, mas um direito humano fundamental reconhecido pela Constituição Federal e pelos sistemas civilizados do mundo todo.

Como se vê de dados cientificamente coletados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2022 ocorreram no Brasil 56.620 estupros de vulnerável, que são aquelas vítimas menores de idade ou portadoras de alguma deficiência mental, sem capacidade de plena defesa própria.

Desse verdadeiro flagelo social, 68,3% dos estupros ocorreram na residência da vítima, praticados por pais, padrastos, irmãos, tios ou pessoas próximas, abusando da relação de confiança daí nascida. Não bastassem esses números estarrecedores, temos ainda que 61,4% das vítimas são crianças com idade entre 0 e 13 anos de idade, sendo 10,4% menores de 4 anos de idade!

Ora, essa tentativa esdrúxula de mudar o Código Penal, que diga-se de passagem não libera indiscriminadamente o abortamento, limitando-o à casos em que a vítima restou grávida em razão de estupro, em que haja risco à vida da mãe e quando o feto é anencéfalo (sem condições físicas de sobreviver fora do útero) pode levar ao absurdo de punir a mãe maior de 18 anos com pena de até 20 anos de prisão, enquanto a pena para o estuprador, em geral, não passa dos 10 anos.

Se quase 70% dos estupros acontecem dentro da casa da vítima, não é difícil compreender a enorme pressão sofrida por ela para não denunciar o pai, o padrasto ou o irmão, que em geral mantêm financeiramente a família. Sem desprezar, é claro, a vergonha na comunidade de ter tido uma filha estuprada e engravidada pelo pai ou outro familiar.

Então, ao impor pena de até 20 anos de prisão para a vítima, estar-se-ia punindo-a duplamente, pois já sofreu a violência do estupro e não é justo que seja punida novamente.

Fala-se que não é justo o aborto para o feto, com o que concordo, mas também não é justo que a vítima de legítima defesa seja morta pelo agredido, porque a morte nunca é justa.

Vivemos em um mundo real, em que há agressões que justificam reações que implicam em dano para um ou pra outro, ou seja, que exigem certas escolhas que não são justas, mas absolutamente necessárias.

Como se pode imaginar uma criança de oito anos de idade tendo um bebê resultado da agressão sexual perpetrada pelo próprio pai? Como é possível essa convivência embaixo do mesmo teto? Qual preparo físico, psicológico e moral tem uma criança de oito anos para ser mãe?

Dizer que essas crianças fruto de um estupro pode ser dadas em adoção é fazer de conta que não se conhece os dados absolutamente estarrecedores da adoção no Brasil, que dispõe “em estoque” de quase 5 mil crianças, mas apenas 8% dos candidatos a pais estão dispostos a receber crianças não brancas.

Não posso dizer que a intensão dos autores da proposta de lei visem proteger os estupradores, mas não tenho dúvida que esse projeto é o sonho dourado deles, com a garantia de impunidade.

Lamentável.

SR. CANDIDATO (A), QUAIS SÃO SUAS PROPOSTAS?

Como sabemos, a função dos agentes políticos eleitorais é representar os legítimos interesses da comunidade, no que se refere à saúde, segurança, transporte, educação, meio ambiente, família, etc.

Todos os cidadãos em dia com suas obrigações eleitorais e que preencham as condições da Constituição Federal e das leis ordinárias podem se apresentar como candidatos, ou seja, nomes que podem ser votados.

Claro está que alguns já são muito conhecidos do público em geral, para o bem ou para o mal, mas a maioria é ilustre desconhecida, o que não é ruim, uma vez que existe, sempre, a necessidade de renovação dos quadros de representação popular.

Em vista disso, é importante que o (a) candidata (a) se apresente dizendo quem é, onde nasceu, qual a sua formação cultural e acadêmica, qual sua história de vida pessoal e pública e, mais importante, o que pensa acerca dos temas relacionados acima e como propõe resolver as mazelas sociais acerca deles.

Não se exige que o candidato ou candidata seja um salvador da Pátria!

Aliás, tudo o que não precisamos é de salvadores da Pátria, porque esses só existem na imaginação criativa dos escritores e nas mentes perniciosas dos mentirosos, o que as vezes encontramos na mesma pessoa.

Não se trata de promessas, porque dessas estamos repletos e cansados, mas de ideias factíveis, ou seja, com um mínimo de possibilidade de realização.

Sempre digo que quem vende sonho é a padaria ou a carrocinha da esquina, o resto é pura enganação.

Mas, para que servem as propostas? Ora, no mínimo para que nos enganemos com nossos próprios olhos e ouvidos, para que possamos apostar nas ideias boas e não nos gritos e xingamentos entre os candidatos.

Ah, também para que possamos cobrar dos “promitentes” durante os quatro anos seguintes e para que não os reelejamos.

Sei que existem pessoas que adoram uma briga, com ofensas pessoais, com acusações falsas e verdadeiras, que se divertem com o “barraco”.

Eu, como sou um “chato de galocha”, prefiro um debate sonolento, mas recheado de ideias que possam ser realizadas, que não sejam apenas fruto da imaginação, do delírio de alguém em busca do meu voto.

Adoro sonhos, mas com os pés na realidade.

De que adiante dizer que todos os serviços públicos serão totalmente gratuitos para todos se sabemos que alguém terá de pagar a conta? Quem mais paga o serviço público gratuito é quem menos pode, pois o mais pobre é quem mais utiliza o serviço público.

Não existe almoço grátis em uma sociedade capitalista. Isso é bom? Não, mas é a realidade.

Propostas, candidatos, propostas, por favor!

Transformemos os debates e os discursos em plataformas de ideias factíveis, não em “ringues” de luta livre.

É pedir demais?

DESCASO NO RECOLHIMENTO DE RESÍDUOS DAS INUNDAÇÕES E A SAÚDE PÚBLICA

Tenho plena consciência dos esforços que a sociedade e as autoridades estão fazendo para encaminhar soluções a esse grave problema das inundações históricas que se iniciaram no mês de maio.

Admito que como cidadão, meu conhecimento da questão acerca das montanhas de resíduos de casas e móveis depositados nas vias públicas se limita às notícias de jornais, televisão e rádios, mas, como vivemos em um país democrático, tenho direito de ter opinião e, até mesmo, cometer erros de avaliação.

Bueno, colocadas essas restrições pessoais, não me parece haver dúvida que a sociedade e o poder público atuaram adequadamente no socorro às vítimas, mas que está falhando vergonhosamente no recolhimento desses resíduos.

Não podemos esquecer que as autoridades orientaram expressamente o cidadão a limpar suas casas e depositar os resíduos nas calçadas, ante a promessa de que seriam recolhidos.

No entanto, já se passou mais de trinta dias que as águas baixaram e, em inúmeros lugares, nenhum grama de resíduos das inundações foi recolhido, tornando certas ruas intransitáveis e colocando em risco a saúde pública, pois a eles se soma o lixo doméstico do dia a dia, como alimentos, papel higiênico usado, animais mortos e caixas de mercadorias.

Nesses locais, o cheiro de podre é insuportável, tornando-os inabitáveis e determinando doenças das mais variadas, entre elas a leptospirose, que “é uma doença infecciosa causada pelo contato direto ou indireto de urina de animais infectados pela bactéria *leptospira*, como ratos,

principalmente, cães e gatos”, e que “acontece mais frequentemente em épocas de muita chuva, pois devido às enchentes, poças e solos úmidos, a urina dos animais infectados pode facilmente ser espalhada e a bactéria infectar a pessoa por meio das mucosas ou feridas na pele, provocando sintomas como febre, calafrios, olhos avermelhados, dor de cabeça e náuseas”.

Para situações excepcionais com danos excepcionais, exigem-se medidas excepcionais, o que parece não estar acontecendo nessa situação do evidente descaso no recolhimento de resíduos e destinação adequada deles, cabendo a responsabilidade às autoridades públicas de todos os níveis da federação.

Meios de comunicação dão conta que “o número de mortes por causa de leptospirose aumentou mais de 70% nos últimos dois anos”, sendo que “a água das enchentes é a principal causa de contaminação”, e que no Rio Grande do Sul as ocorrências ligadas a essa doença já determinaram a morte de 20 pessoas!

Ao afrouxamento das regras de proteção das áreas de preservação ambiental às margens de cursos d’água, que se verifica a décadas, deve-se somar as mortes por doenças causadas pelas inundações em razão do descaso com o recolhimento dos resíduos dali decorrentes.

É o que penso.

RECONSTRUÇÃO DO RS: EM QUE BASES

Passados mais de três meses da tragédia climática que destruiu cidades, estradas, pontes e matou dezenas de pessoas no Rio Grande do Sul, já é possível, afirmar, sem risco de ser linchado moral e fisicamente, que a culpa é do homem.

A simples observação da localização de cidades, ruas e casas às margens de cursos d'água, a centenária realidade do desmatamento de morros e encostas, já permitia dizer que se tratava de uma tragédia anunciada.

Mas, somada à observação leiga, todos os cientistas e especialistas em meio ambiente (afora os negacionistas de sempre), disseram o óbvio: o excesso de chuvas e as consequências catastróficas foram provocadas pela ação e pela omissão de todos nós.

Claro que existem razões de natureza econômica e social que determinam que pessoas pobres se obriguem a construir casas em áreas de risco de desabamento, mas não é difícil avistar, nos morros que cercam Santa Maria, casas que devem valer milhões de reais para recreio.

Infelizmente, esse caos urbano não é um privilégio de nossa cidade, pois basta nos deslocarmos algumas centenas de quilômetros em direção à serra para observar milhares de casas, prédios públicos e empresas construídas em áreas de preservação permanente em razão de sua inclinação.

Sempre me pergunto, sem nenhuma resposta, como as autoridades municipais e ambientais autorizaram e permitiram a construção de prédios localizados em terrenos flagrantemente proibidos de ocupação pela legislação?

Será que eu estou errado?

Alguém me diz: Ah, se não pudermos construir nas margens de morros e encostas, onde construiremos?

Eu respondo: Bom, essa resposta não depende de mim, mas do legislador e do Poder Executivo.

Não quero ser pessimista, mas aposto que, passados mais uns três meses, as casas e prédios estarão reconstruídas nos mesmos lugares e, daí, só nos resta rezar para que não chova e que as encostas não desmoronem sobre as pessoas, matando-as.

Na música “Sou uma criança, não entendo nada”, o grande compositor Erasmo Carlos diz “rezo muito, mas eu não me iludo”, ou seja, coloquemos o joelho na terra e ergamos as mãos para os céus quantas vezes quisermos, se não nos emendarmos, estaremos mortos.

Só o uso correto e responsável da ciência nos salva de um novo desastre.

É muito caro cumprir a legislação?

É, mas é muito mais caro enterrar pessoas e reconstruir prédios, indústrias, comércio e outras atividades culturais e econômicas.

Como diz o ditado espanhol: “No creo en brujas, pelo que las hay, las hay”.

DEMOCRACIA

Numa terra tão, tão distante, em uma época tão, tão, tão, tão distante (isso é conversa de quem se aproxima perigosamente dos setenta anos de idade!), um professor de Educação Moral e Cívica propôs à turma de alunos com menos de quinze anos de idade que respondessem à seguinte questão:

A DEMOCRACIA É A VONTADE DA MAIORIA?

Para aquelas cabecinhas jovens e habituadas a não pensar fora da caixa, parecia que a resposta era óbvia: claro que a maioria desejava a democracia, até porque ainda se vivia resquícios da ditadura!

Mas, decepção geral, o professor não queria saber se a maioria desejava a democracia (apesar de saber que uma parcela significativa da sociedade adorava a ideia de ter um ditador para chamar de seu), mas se tudo o que a maioria quer é democrático, já que o sistema usa a contagem matemática de opiniões para decidir os seus rumos.

Ficaram os alunos impactados com a ideia de que o sistema de contagem matemática de opiniões nem sempre leva a sociedade a decidir questões sociais de forma democrática.

Afinal, as eleições periódicas para escolha de prefeitos, vereadores, deputados estaduais e federais, senadores e Presidente da República, é apenas uma das formas de exercer a democracia.

Em sociedades civilizadas como a nossa, existem princípios constitucionais, escritos e não escritos, como os da igualdade, da dignidade, da liberdade, da responsabilidade, da moralidade, do respeito, etc., de forma que não podemos encarar como democrática uma decisão, por exemplo, que trate de forma desigual o negro, a mulher, o idoso, pelo simples fato de sua condição pessoal, sem considerar as circunstâncias que os cercam.

Assim, se uma decisão, for tomada por cem por cento dos legisladores, sem nenhuma manifestação em contrário e com absoluta

aprovação da sociedade, negar um desses princípios civilizatórios, será antidemocrático.

Bem, e aí, como se decide, então, se não for pela contagem dos votos?

Não existe uma solução matemática para problemas e questões sociais, e isso é bom, pois as pessoas não são números, mas corpos e almas com desejos, expectativas e sonhos que não podem ser desprezados.

Não me peçam para conceituar a democracia, porque eu, ignorante total, não saberia fazê-lo, mas, pretensioso como sou, digo com toda certeza que, seu ver algum ato ou comportamento antidemocrático, saberei identificá-lo!

Como diz um amigo psiquiatra, nós temos uma mania horrível de tentar apresentar soluções fáceis para questões difíceis, por preguiça mental (aí já é o que eu penso), e para mostrar para o outros como somos inteligentes.

Ter dúvidas é normal, viu?

Viva a democracia.

ETARISMO É PURO PRECONCEITO

Quando me aposentei como Promotor de Justiça, já fazia mais de vinte anos que lecionava em curso superior e como me sentia bem de saúde (apesar de alguns “perrengues” naturais da idade), achei que o lógico seria advogar, que era o que eu sabia fazer.

Então, uma aluna, tenho certeza que sem maldade alguma, me disse que eu devia ficar em casa, plantando couve! Na minha cabeça ela me mandou “plantar batatas”.

Bom, sempre fui péssimo nessa área de plantar algum vegetal, e acho que era mais ou menos bom na operação do Direito, de forma que optei em continuar fazendo o que sabia, advogar.

Já estou aposentado há 12 anos e já atuei em centenas de processos, escrevi dezenas de livros, li algumas dezenas de outros, fiz júri e participei de inúmeras audiências presenciais ou virtuais, com relativo sucesso e nunca apresentando falhas cognitivas comprometedoras.

Fui Presidente da Academia Santa-Mariense de Letras por dez anos e sou membro da diretoria até hoje, e acho que nunca fiz nada de tão ruim que pudesse prejudicar a instituição.

Completo em agosto 68 anos de idade e me sinto física e mentalmente bem, escrevo artigos que recebem alguns elogios sinceros e, tenho certeza, muitas críticas desfavoráveis e veladas.

Então, porque devo ficar em casa olhando para o horizonte?

Compreendo e concordo com a necessidade de renovação de cérebros em todas as áreas de conhecimento e atuação, mas não é justo e nem cientificamente adequado “aposentar” aqueles com idade superior a 60 anos apenas e tão somente em razão da idade, quando eles apresentam total condições de continuar produzindo, física e mentalmente.

Mas, mesmo aqueles que, em razão de problemas sérios e incapacitantes de saúde física e mental, devem ser valorizados e estimulados a continuar em atividade, na medida de suas possibilidades. O máximo que pode acontecer é que eles não produzam nada, mas não devemos desprezar o exemplo de vida que eles podem nos transmitir.

Negar emprego ao idoso pelo simples fato da idade, não reconhecer ao idoso o direito de se relacionar amorosamente e até mesmo ter atividade sexual é preconceito, falta de humanismo e crime.

Respeito à vontade do idoso, por pior que sejam suas condições físicas e mentais, é negar o passado, relegar sua história de vida ao esquecimento, deixar de considerar que todos, isso é certo, serão idosos um dia.

Concordo que é natural que jovens prefiram conviver com jovens, mas não devem desprezar a experiência de vida dos idosos e a possibilidade de eles somarem conhecimento e facilitarem a solução de problemas comuns a todos.

Ah, isso é conversa de velho!

É.

Mas, eu não vou me calar somente porque você, jovem, não quer me ouvir.

Quero que você, jovem, me ouça e me leia, mas tenho certeza que existem muitos velhos como eu que estão olhando pra mim e me considerando.

Estou vivo, produzindo e esperançoso de que um dia todos sejamos iguais, inclusive os velhos.

O FRIO DÓI E MATA

Vitor Ramil, na música “Joquim”, diz:

"Me dê apenas mais um tiro por favor,
Olha pra mim, não há nada mais triste
Que um homem morrendo de frio".

Nunca figurei naquilo que modernamente chamam de “extrema pobreza”, mas como filho de família numerosa com pais trabalhadores remunerados com salário mínimo, passei mais frio de que gostaria e merecia, por falta de roupas adequadas, e sei do que estou falando, ou seja, tenho “lugar de fala”.

Por isso, quando leio ou ouço notícias de políticos propondo leis que punam com multas altíssimas aqueles que, fazendo o que o Estado não faz, aquelas pessoas que pensam no próximo distribuindo comida e agasalhos para irmãos de rua, fico a pensar que ou nunca passaram frio ou esqueceram de onde vieram, o que é muito mais grave, ainda.

De um jeito ou de outro as pessoas em situação de rua conseguem, aqui e ali, alguma coisa para comer ou coletam comida no lixo, o que de qualquer forma, é indigno e inaceitável.

Mas, já debilitados pela alimentação deficiente, a exposição do corpo sem vestimentas adequadas aos fios extremos, impõe ao cidadão um sofrimento absolutamente insuportável.

Não importa se estão na rua por opção (!?) ou porque foram expulsas de casa pelos pais ou familiares, o frio é o mesmo. A dor no corpo em razão do fio extremo é lancinante, e eu respeito quem suporta o frio.

Já pararam para pensar, antes de dizer que as pessoas em situação de rua estão ali porque querem, que elas podem ser vítimas de agressões físicas ou sexuais, da doença da bebida alcoólica ou das drogas, do desemprego e da falta de condições de pagar um aluguel?

Antes de culpar a vítima do frio, procure entender porque estão nas ruas e, suprema dúvida, porque não aceitam ser recolhidos a abrigos públicos ou privados. Talvez seja porque não querem se separar de companheiros e companheiras e até mesmo de animais de estimação, o que é uma demonstração extraordinária de amor.

Ah, mas os caras fedem! Claro, quem se sente disposto a tomar banho frio na fonte da praça em cidades com um grau de temperatura, sem sabão e sem ter onde lavar as roupas?

Por isso é que admiro os governantes que, de forma honesta, desenvolvem políticas públicas permanentes de redução da pobreza, aumento da empregabilidade, assistência à saúde e disponibilização de habitações dignas.

Aos que sentem frio, pouco importa qual seja a inclinação partidária do governo, não lhes interessando a cor da bandeira ou se o governo é de esquerda, de centro ou de direita.

Porque, como diz Vitor Ramil, é preferível levar mais um tiro do que passar frio, coisa mais triste do mundo.

Pense nisso.

NÃO VACINAR OS FILHOS MENORES É CRIME

Quando a lei dá aos pais o que se chama “poder familiar”, não os está liberando para fazer ou não fazer o que bem entenderem, sem cumprimento de nenhuma regra de segurança pessoal ou saúde dos filhos menores.

Assim como os adultos, as crianças, assim entendidas os menores de 12 anos, também estão submetidas a obrigações legais e sociais, mas como a lei não lhes reconhece capacidade plena para decidir sobre seus interesses, impõe aos pais tal mister.

Assim, alguns pais acham que podem simplesmente negar aos filhos o direito de se submeter às vacinações recomendadas pelas autoridades de saúde, em verdadeira atuação irresponsável.

E, o pior, é que quase sempre as “razões” dos pais é um conjunto de “não razões”, para não dizer absoluta ignorância técnica sobre o medicamento, todos amplamente testados ao longo de décadas, sob o falso argumento que “fazem mal”.

Por evidente que toda medicação apresenta algum efeito colateral, mas a regra é que as autoridades de saúde não aprovam a submissão de crianças ou adultos a vacinas cujo grau de custo-benefício seja insuportável, acima da capacidade da ciência de evitar os riscos e tratar as consequências.

Afinal, viver é perigoso, o que não nos autoriza a desistir de viver antes a simples possibilidade de morte ou dano físico!

Por outro lado, quando os pais deixam de vacinar os filhos menores, estão descumprindo o disposto no artigo 7º do Estatuto da Criança e do Adolescente que determina que “a criança e o adolescente têm **direito a proteção à vida e à saúde**, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”.

Além disso, estão cometendo o crime do artigo 132 do Código Penal, ao “expor a vida ou a saúde de outrem a perigo direto e iminente”, com penas de detenção, de três meses a um ano, se o fato não constitui crime mais grave.

Não se pode esquecer que ao não vacinar os filhos menores, os pais estão colocando em risco o Sistema Único de Saúde, pois é comum que, doentes, as vítimas acabam por ser levados a tratamento com recursos públicos, até porque não se pode abandoná-las, de novo.

Agora, quando a negativa de levar filhos menores à vacinação, além de ato de extrema crueldade, é ditada por posições político-partidárias, chegamos ao cúmulo do fanatismo e da ignorância, para atender interesses de pessoas que não nos merecem.

Movimentos negacionistas, infelizmente, sempre existiram no mundo em todas as épocas, mas nossos filhos são mais importantes que a eleição desse ou daquele.

Interesses políticos passam, nossos filhos ficam para sempre.

LITERATURA INFANTIL

Notícia recente dá conta que existem sistemas de inteligência artificial disponível sem custo algum na internet que permite que o usuário crie história infantil em poucos segundos, bastando introduzir algumas ideias soltas.

Não sou contra a tecnologia, pois tenho ciência que ela pode auxiliar o homem na solução rápida e eficiente de problemas diários, como a construção de um prédio ou o tratamento de uma doença, o que é muito bom.

Aqui entre nós, escrever não é um ato de tecnicismo, mas de pura inspiração, e tenho certeza que máquina alguma, por mais moderna que seja, supera o cérebro e a sensibilidade humana.

Entendo que mesmo um texto técnico exige criatividade humana, sensibilidade humana, a mão e a cabeça humana, pois mesmo os dados técnicos devem ser dispostos de forma a capturar nossa atenção humana, de forma a permitir a compreensão dentro de um ambiente humano.

Claro que se o “escritor” não se importa de ser desonesto e apresentar um texto escrito pela máquina como se fosse resultado de sua sensibilidade e capacidade criativa, vale tudo, inclusive copiar, fraudar, plagiar.

Os bons escritores, que tenho certeza são maioria, não se submeterão a essa “esparrela”, essa enganação, esse estelionato, esse logro.

Ferreira Gullar já disse que “a arte existe porque a vida não basta”, ou seja, os escritores honestos sempre querem mais, criar mais, elevar mais a alma, sonhar mais, acreditar mais do que a dura realidade da vida nos oferece.

Os bons escritores, apesar dessa enganação de “inteligência artificial que escreve histórias infantis” não esmorecerão e continuarão a pensar, a escrever o que Deus os inspira, a reescrever, a apagar, a se emocionar com o

que escreveram, a se arrepender amargamente por terem, algum dia, escrito alguma coisa, defendido alguma ideia, porque assim é a vida!

Me valho, ainda, do que disse Charles Chaplin em O Grande Ditador: “Não sois máquinas, homens é que sois”, de maneira que continuaremos a escrever o que pensamos, não o que a máquina dita.

Sempre digo que não tenho certeza de que tudo que escrevo é bom, mas não tenho dúvidas que mesmo aquilo que um dia me arrependi de ter escrito, fui eu que escrevi.

Me declaro culpado das asneiras que disse e assumo os erros que cometi ao escrever e nunca vou abrir mão dessa responsabilidade para transferi-la à uma máquina, à um programa de computador.

À propósito, os escritores de verdade estão convidados a participar do XII Concurso ASL de Literatura Infantil Ignez Sofia Vargas, que abre suas inscrições dia 2 de maio de 2024.

Os bons escritores serão bem-vindos, como sempre.

As crianças agradecem.

FOME

No mundo da internet é muito comum que alguns, que se julgam donos da verdade, reclamem de outros porque acham que esses “não têm lugar de fala” acerca desse ou aquele assunto porque não viveram a experiência sobre qual se manifestam.

Por evidente que, no mundo ideal, seria muito bom se nós entendêssemos de tudo, sobre tudo e dominássemos todos os assuntos, mas isso não existe no mundo real.

Então, assumindo todos os riscos de ser criticado negativamente por “não ter lugar de fala” no que se refere à fome porque fui servidor público e exerço a profissão de advogado (de forma que devo ser muito rico!), digo que, afora o frio, não existe sofrimento maior que a fome.

Não estou falando da fome que sentimos minutos antes de sentarmos à mesa do restaurante, mas daquela de dias ou semanas, sem perspectiva de saciá-la.

Fome não é apenas falta de alimentos, mas também falta de alimentos em quantidade e qualidade suficiente para suprir nossas necessidades de manutenção da vida com dignidade.

Dessa forma, encher a barriga com alimento jogado no lixo, provavelmente deteriorado, não equivale a “não fome”, pois normalmente não atende as necessidades básicas do corpo e menos ainda do espírito, pois alimentar-se com dignidade é um direito humano fundamental.

Dias atrás foi publicado na imprensa que pesquisa da ONU indicou que cerca de um bilhão de refeições em condições perfeitas de consumo são jogadas no lixo todos os dias, por erros na colheita, no transporte, no depósito e na venda, quando existe no mundo cerca de oitocentos milhões de pessoas passando fome.

Ou seja, o desperdício apontado daria para alimentar todos os famintos do mundo se ainda sobraria alimentos!

Assim, temos um desastre humanitário e ambiental, exigindo maior produção e, por conseguinte, maior quantidade de terras plantadas. Nos mercados, o comprador exige frutas, verduras e legumes bonitos e lisinhos, o que, sabemos, implica em uso maior de defensivos agrícolas.

Não bastasse tudo isso, muitos alimentos adquiridos em mercados em quantidades acima da capacidade de consumo são mal armazenados ou mal aproveitados, gerando despesas desnecessárias para as famílias.

Virou motivo de orgulho ter uma mesa farta, mas em regra a maioria dos alimentos não são consumidos e, por evidente, são descartados no lixo.

Nos restaurantes encontramos bufês com centenas de opções, quando todos sabemos que vamos colocar em nossos pratos quatro ou cinco espécies de alimentos. Sabemos que quanto maior o bufê, maior o preço! Daí, pagamos por uma variedade que não vamos consumir e pelos restos que vão para o lixo.

Se não dividirmos os alimentos com os que têm fome (o que não é nem um pouco cristão), ao menos não sejamos burros de jogar fora o que temos, o que é absolutamente antieconômico, dando um tiro no nosso próprio pé.

A propósito, vim de família pobre, nunca passei fome, mas tenho que admitir que passei muito frio e muita vontade de comer coisas que os coleguinhas de escola esbanjavam.

Então, isso me dá “lugar de fala” ou terei que ficar quieto?

VÍTIMAS INOCENTES DAS GUERRAS

Em razão da complexidade das razões que envolvem a guerra entre Rússia e Ucrânia, e notadamente entre o Hamas e Israel, prometi para mim mesmo que não me manifestaria, ante o risco de cometer enormes injustiças.

Estamos, a maioria de nós, muito longe, fisicamente, dos cenários dos conflitos, dependendo de informações de terceiros, o que sempre está sujeito à interpretações e avaliações que podem ser influenciadas por interesses políticos e preconceitos.

Dessa forma, temos que nos munir de enormes cuidados ao expor opiniões a respeito do assunto, mas não estamos proibidos de pensar acerca, manifestando nossos sentimentos pessoais, que é o que faço agora.

Esses conflitos só podem ser honestamente analisados a partir de uma perspectiva histórica, tanto naquela que os antecedeu por décadas e até séculos, como daquela que o sucederá.

Mas, como não sou historiador e sim mero e humilde observador que ouve e lê notícias diariamente, não consigo silenciar acerca das crianças, vítimas de qualquer conflito que não criaram e que não perpetuaram.

Não podemos ser ingênuos a ponto de achar que a mortandade de civis, homens, mulheres, crianças e idosos que não desejaram, não pediram e não tem interesse direto nas guerras, só ocorre nesses conflitos referidos, mas é certo que esses estão invadindo nossas salas de visita, nossas mesas de refeições e nossos dormitórios, por força dos meios de comunicação de massa e das redes sociais, tirando-nos o apetite e o sono.

É comum pedirmos que sejam obedecidas as normas de direito internacional que regulam as guerras, como se se isso pudesse reduzir ou eliminar os horrores, mas é preferível isso do que a selvageria de uma guerra sem ética alguma.

Então, independente das razões de um e de outro, nada justifica o massacre de crianças, idosos, pessoas doentes e civis inocentes, cabendo aos Senhores das Guerras a responsabilidade pessoal pelo que estamos vendo.

Alguém desconhecido já disse que “a guerra é um lugar onde jovens que não se conhecem e não se odeiam se matam entre si, por decisão de velhos que se conhecem e se odeiam, mas não se matam”.

Alguns líderes mundiais, com claros intuitos meramente eleitorais, não se envergonham de declarar guerras inúteis e manter conflitos facilmente domináveis, com falsas declarações de defesa da pátria.

Não estamos autorizados, em razão de quase sete décadas de vida, a nos apresentarmos como ingênuos, mas ninguém pode nos impedir de chorar e lamentar qualquer conflito, interno ou externo, justo ou injusto, em razão das consequências nefastas às pessoas que, por evidente, são mais importantes que os governos e os interesses políticos passageiros.

Tudo muito triste.

CÂNCER DE PROSTATA

Estou muito distante de ser exemplo de cuidados físicos pessoais, recebendo o tempo todo a cobrança de minha esposa, que me lembra as datas de consultas médicas e de realização de exames laboratoriais, sem esquecer de obedecer a dieta e a ingestão de medicamentos.

Mas, em meu favor, posso dizer que tenho consciência da necessidade de cuidar da saúde e manter a vida e a qualidade de vida, não só para atender meu interesse pessoal, mas também para garantir aos que eu amo e que me amam a minha presença saudável o maior tempo possível.

O mês de novembro foi instituído como aquele em que se reforça a necessidade de cuidados com a próstata, que é “uma glândula que faz parte do sistema reprodutor masculino. Ela produz uma secreção que faz parte do sêmen e que ajuda, entre outras funções, na nutrição do espermatozoide. Apresenta um tamanho que varia de acordo com a idade, sendo possível observar, em vários homens, um aumento benigno na velhice”.

Os médicos recomendam que, pelo menos a partir dos 40 anos de idade, o homem se submeta a exames de toque, que nada mais é do que a introdução, pelo urologista, do dedo no ânus até encontrar a próstata e constatar, fisicamente, qualquer alteração de tamanho importante, mas sem desprezar os exames clínicos e laboratoriais.

E é esse exame de toque o responsável pelos maiores índices de rejeição ao procedimento, certamente ditada pela falsa ideia de que irá prejudicar nossa condição masculina. Isso é uma bobagem, própria de quem não tem segurança total da própria masculinidade.

Por outro lado, mesmo que ainda cultivemos a convicção absolutamente equivocada de que somos os provedores, devemos pensar que

é nos mantendo vivos e com saúde que conseguiremos cuidar e sustentar nossos filhos.

Assim, além de exames clínicos e laboratoriais na periodicidade recomendada por seu médico, não fuja do exame de toque, pois esse é absolutamente necessário.

Macho que é macho quer viver. Morrer é para os fracos.

SETE DE SETEMBRO

Quando eu era criança, e isso já faz mais de seis décadas, ninguém discutia a possibilidade de deixar de desfilar pela escola no Sete de Setembro.

Quem tinha condições vestia seu melhor uniforme, com sapatos pretos brilhantes, camisa branca e calça azul. Os pobres, como eu, recebiam da escola uniformes surrados, camisas espuídas e “ki chutes” desbotados.

Para muitos, todos estavam iguais, mas eu desfilava duro dentro da roupa emprestada que tirava assim que terminava o desfile, para me livrar da pecha de pobre, que é o que eu era.

Depois da dispersão da minha escola, eu ficava observando outros alunos de outras escolas públicas e conseguia distinguir, sem dificuldade, os pobres dos ricos, esses de cabelos brilhosos de xampu, aqueles com cabelos duros de sabão vagabundo.

Então, por maior que fosse o orgulho de desfilar pela Pátria, eu sentia que alguma coisa estava visivelmente errada, que uns tinham muito (à época, os filhos das professoras, bem remuneradas) e outros tinham nada ou muito pouco, mas todos eram expostos ao olhar público.

Nós cantávamos o hino nacional todos os dias, na fila antes de entrar na sala, mas era apenas uma imposição da direção, sendo comum que alunos chegassem atrasados, mesmo sob risco de castigos físicos (como ficar com a cara na parede em frente à turma), para não ser compelido a participar da cerimônia.

Quer dizer, nunca houve uma tentativa séria da escola em conscientizar-nos da importância de cantar o hino e de desfilar no 7 de setembro, de nos fazer acreditar no patriotismo como um valor humano nacional.

Com o passar do tempo, as crianças passaram a ser “convidadas” a desfilar, convite esse que muitos hoje declinam, sem nenhum constrangimento.

Passamos de uma época de imposição mediante castigo à uma liberdade sem compromisso. Esqueceram de nos conscientizar, pois isso dá muito trabalho.

É uma pena, eu gostaria muito de me emocionar com os desfiles da Pátria.

O VALOR DAS IDEIAS E DOS QUE A EXECUTAM

Sempre pensei que dividir pessoas em classes intelectuais e trabalhadoras não constrói uma sociedade livre, justa e solidária, servindo apenas para criar ódios e incompreensões.

O conflito entre os que pensam e os que executam, entre os ideólogos e os que “botam a mão na massa” é milenar, mas não há motivos racionais para isso.

Deus criou a todos e a todos dotou de inteligência, que é a capacidade de ver, aprender, imitar, executar ideias alheias e melhorá-las, não sendo correto classificar um como importante e outro como ninguém.

Toda atividade de execução foi precedida de um planejamento, baseado em técnicas teóricas e experiências práticas, em conjunto com a ideia de que a soma dessas realidades pode determinar um resultado bom para todos.

A atividade de advogado só é possível porque alguém, com base na realidade factual, estabeleceu as regras teóricas, outro forneceu a experiência prática, alguém as interpretou e as aplicou em decisões de casos concretos.

Não se pode esquecer que a matéria prima do profissional do direito nasceu da sociedade, da observação do cidadão sem formação jurídica e a aplicação do texto legal deve se dar em benefício desse mesmo cidadão.

O agricultor criou as técnicas de plantio e criação de animais para consumo humano, daí vieram os estudiosos e as melhoraram, especializaram as formas, de maneira a aumentar a produtividade e reduzir os custos, inventaram máquinas e equipamentos, mas sempre inspirados nas experiências e necessidades dos primeiros, procurando facilitar o trabalho e reduzir gastos desnecessários de energias.

Ainda é comum que se diga que o homem da cidade é alimentado pelo homem do campo, o que não deixa de ser verdade, não se pode olvidar

que, em geral, as máquinas usadas pelo segundo são projetadas e fabricadas pelo primeiro, com base na experiência comum de todos.

Os pedreiros constroem casas e edifícios, mas sempre vão depender, para maior segurança de suas obras, dos cálculos estruturais feitos pelos engenheiros e arquitetos.

Não é correto dizer que um pedreiro pode planejar e construir uma casa e que um engenheiro não saberá levantar a mesma obra, porque ambos têm condições de aprender a profissão do outros e juntos, realizar o interesse social.

Os enfermeiros são indispensáveis aos cuidados de saúde, mas não podem dispensar o trabalho do médico, e esses não desprezam a importância do pessoal da limpeza, da portaria, da farmácia, e por aí vai.

Alguns diriam que estou tentando ser simpático com todos, o que é verdade e absolutamente necessário, mas isso não retira do texto a importância de elemento agregador, manifestação de respeito tanto pelos que pensam e planejam, quanto pelos que executam as ideias.

Uma sociedade nada mais é do que um conjunto de diversidades econômicas, raciais e ideológicas (essa, ultimamente, demonizada por alguns), interesses pessoais e profissionais, o que é muito bom.

A questão de uma classe menos instruída ser contemplada com uma remuneração menor não dá aos mais instruídos o direito de desfazer dela, ao contrário, deve trabalhar que a todos seja dado ganhos adequados e justos.

Uma Pátria não é apenas um “amontoado de corpos sem alma”, mas uma reunião de pensamentos, aspirações, desejos, interesses e amor pelo território, cabendo a todos, ideólogos, pensadores e trabalhadores lutarem por um mundo em paz.

Quando entendermos a importância de todos, ideólogos e trabalhadores braçais, na construção da vida, teremos uma sociedade justa e equilibrada.

Não sendo assim, seremos apenas um ajuntamento de corpos, e não uma nação.

O ROSTO

O rosto de qualquer instituição cultural não é o do presidente ou de sua diretoria, não é aquela imagem pública que aparece em solenidades.

O rosto da instituição é a soma de todos os eventos de sua história, suas realizações, seus projetos, sua bandeira e símbolos, a importância social de sua existência, a necessidade de mantê-la em benefício da comunidade e, sem dúvida, seus membros.

Cada membro de uma instituição cultural representa, o tempo todo, o rosto dela, sua imagem social e sua importância comunitária, mas individualmente, nada significa.

Aquele que acha que é maior que a instituição a que pertence, que sua imagem pessoal, por si só, representada o todo, que tem capacidade isolada de mantê-la, está trabalhando para a sua destruição.

As pessoas, por mais importantes que sejam na constituição da entidade cultural, passam, pois são mortais. A entidade é permanente e maior que qualquer individualidade.

Não é por outra razão que entidades, formadas por indivíduos egoístas morrem. Os membros que não reconhecem a grandeza da entidade devem abdicar da entidade e permitir que ela siga seu caminho de representação coletiva da cultura.

Talvez eu esteja sendo muito duro e até cruel, mas é o que penso.

A ARMADILHA DA “LACRAÇÃO”

Sempre que lemos ou ouvimos uma notícia de um fato muito sério, tipo “mãe é suspeita de matar filho de dois anos a pancadas”, temos uma reação natural de revolta e indignação, e podemos escolher o caminho sensato de esperar pelas investigações ou o caminho mais fácil da “lacração”, que é sinônimo de “arrasar” ou “mandar bem” através de manifestação escrita cheia de certeza embasada em coisa nenhuma.

Os sensatos são chamados de omissos porque não se posicionam condenando a mãe e exigindo que ela seja espancada até a morte e tenha seu corpo incendiado, ou que “apodreça na cadeia”, essa desgraçada, vagab..

Os “lacradores” fazem sucesso porque não se omitem, porque tem coragem!

Agora, me perguntem onde estão os “lacradores” quando se comprova, sem sombra de dúvida, que a criança caiu de uma escada, apesar de todos os cuidados da mãe, essa vagab... que nos apressamos a condenar à uma morte cruel, atiramos pedras, cuspiamos e a expulsamos da cidade? Bem quietinhos, como se nada tivessem a ver!

Ou talvez os “lacradores”, em nome de sua coragem, venham a público lançar dúvidas sobre a seriedade da investigação “esse delegado foi comprado, o juiz é covarde” e outras assertivas tão idiotas quanto as primeiras acusações sem prova.

O mais incrível é que dias depois aparece outra notícia horrível e ele ataca novamente, porque faz parte de seu DNA doentio falar sobre tudo e ter certeza sobre tudo. Não sabe nada de medicina e fala parecendo um Prêmio Nobel, nunca leu a Constituição e discursa sobre o direito de liberdade de expressão e outras garantias.

Não advogamos a censura, apenas apostamos na capacidade do cidadão de saber reconhecer que nem sempre é sensato manifestar opinião sobre assunto que não domina, que recém começaram as investigações.

Acho que pedir calma e sensatez, respeito ao direito do acusado de ao menos tentar provar sua inocência, não é demais.

Não caia na armadilha da “lacração”, pois a possibilidade de você acabar sendo conhecido como o idiota, o bobo da corte, é enorme.

É o que penso.

ADVOGAR

Alguns amigos sabem que advoguei durante dois anos antes de assumir o cargo de Promotor de Justiça, que exerci por trinta anos. Daí, aposentado, voltei a advogar, o que hoje já soma 12 anos.

A Promotoria, na verdade, nada mais é do que uma advocacia pública, na defesa de interesses públicos, de forma que posso dizer que advogo há 42 anos.

Tenho orgulho dessa advocacia, pois ela se ocupa da liberdade e da defesa da democracia, que é muito mais que eleições, pois abarca todos os interesses individuais e coletivos, sem o que a sociedade retornaria ao estado do primitivo desforço pessoal e da violência individual.

O sistema frente ao qual exercemos nossas funções não é perfeito, mas nós também não somos, por mais que tentemos negar ou disfarçar, porém ainda é o mais importante e relevante instrumento de defesa dos direitos.

Alguns dizem que o sistema judicial não funciona, o que não é verdade, pois todos os dias recebemos intimações de despachos judiciais ou sentenças, a respeito dos quais nutrimos enorme simpatia e, às vezes, ódio incontido, mas que funciona, funciona.

Já escrevi que advogar é insistir, é resistir, nunca desistir, desde que haja possibilidade real de sucesso na empreitada.

Advogar é acreditar na Justiça, lutar pelo aumento dos meios de acesso integral aos seus serviços, criticar como forma de fomentar a melhoria da qualidade, e, principalmente, sempre falar verdade, por mais dura que seja.

Não me canso de repetir Abraham Lincoln: “É possível enganar algumas pessoas todo o tempo; é também possível enganar todas as pessoas por algum tempo; o que não é possível é enganar todas as pessoas todo o tempo”.

Então, meus queridos colegas advogados, vendam possibilidades, porque de sonhos as padarias estão cheias.

Feliz dia do advogado!

RESPONSABILIDADE DE AGENTES PÚBLICOS

Não se trata aqui de defender eventuais atos ilegais praticados por agentes públicos no exercício da função pública.

Mas, é necessário dizer que a responsabilidade civil por atos ilegais praticados por agentes públicos no exercício da função pública é do Poder Público, que pode agir regressivamente contra o servidor em caso de culpa.

Já a responsabilidade penal é pessoal, mas não se confunde com a responsabilidade civil, que é aquela de indenizar o prejudicado pelo ato ilegal praticado no exercício da função pública.

Faço questão de repetir *ad nauseam* que não se trata de defender o mau funcionário e dizer que ele é inocente, mesmo sendo culpado, mas de afirmar, com base em tudo que aprendemos de direito administrativo (aliás em direito do trabalho também) que o empregador, por ter selecionado o trabalhador, tem obrigação de fiscalizar seu comportamento profissional, pois, afinal, ele beneficia-se de sua atividade, sendo então o responsável pelo pagamento de indenizações por atos ilegais por ele cometidos.

No momento em que tribunais superiores passam a responsabilizar pessoalmente agentes públicos a pagar milhões de reais de indenização por dano material ou moral por atos cometidos no exercício da função, nada mais está fazendo do que intimidando-o, constrangendo-o, o, assustando-o e, quem perde com isso é a sociedade.

Por maior que seja o patrimônio do agente condenado, nunca será o suficiente para cobrir o débito, e o autor da ação sabe bem disso. Na verdade, ele não pretende receber o valor, mas apenas colocar o agente público “contra as cordas”, intimidá-lo, constrangê-lo para que nunca mais se atreva a processar corruptos.

Está-se estabelecendo o “reino da corrupção impune”, com o que se desmonta o sistema investigatório e processual vigente, em benefício dos ladrões e canalhas.

E tudo isso, pasmem, com o beneplácito de alguns tribunais superiores, que deveriam ser a última cidadela do direito e da defesa do cidadão.

Lamentável.

APROVEITAR A VIDA

Já começo dizendo que concordo com a afirmação que “devemos aproveitar a vida” porque ela é curta.

Como sou um chato, não falo nada, mas fico pensando o que é aproveitar a vida.

A maioria acha que aproveitar a vida é viajar pelo Brasil e pelo mundo, tomar um vinho, comprar o carro desejado, construir uma bela casa, conviver com as pessoas, rir muito, comer bem, etc.

Não vou discordar, mas me pergunto se tudo isso vai nos fazer viver mais ou nunca morrer. Claro que não, mas vale mais a pena viver bem do que viver mal!

Cada pessoa tem seus próprios critérios do que é aproveitar a vida. Para uns, fazer tudo aquilo que eu já disse antes, para outros é ficar em casa pensando, escrevendo, lendo, tentando entender o que os outros veem de tão interessante em viajar, comer, rir e ir ao cinema.

Uns amam ser jornalistas, outros apenas trabalham como jornalistas por interesses salariais. Uns amam ser advogados, outros apenas querem sobreviver na profissão. Acho que, havendo respeito, esses objetivos são válidos.

Algumas pessoas são apaixonadas por café, ou por vinho, ou por pizza. Outros, apenas tomam café e vinho e comem pizza, como forma de satisfazer uma vontade de alimentação.

Eu adoro ler e escrever, alguns me criticam porque perco muito tempo com “essas coisas que não rendem nada”. Ora, rendem alguma grana e muita satisfação pessoal. Afinal, a “gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão, balé”, como disse Arnaldo Antunes.

Aproveite a sua vida, do jeito que lhe parece mais prazeroso, não embarque nessas ideias massivas de que fazer isso ou aquilo é o certo.

Certo é aquilo que a gente gosta, mesmo que às vezes tenhamos que fazer a vontade dos outros, mas só de vez em quando, viu?

Abraços a todos.

NULIDADES PROCESSUAIS

Não existe, em parte alguma do mundo, e talvez em outros mundos, um sistema judicial perfeito, pelo singelo motivo de que ele foi criado, organizado e gerido por humanos, sempre imperfeitos.

Sempre que temos notícias de que algum ato processual e até mesmo o processo inteiro foi declarado nulo, determinando-se a repetição, ficamos a imaginar como isso aconteceu.

Os apaixonados por teorias conspiratórias juram que se tratou de movimentos calculados e dirigidos no sentido de causar a nulidade para garantir a impunidade.

Os ingênuos aceitam tudo passivamente por que “é assim e sempre será”, não há nada a ser feito.

Os profissionais conhecedores das regras processuais sabem que sem cumprimento da lei e todas as suas regulamentações não há justiça e irão requerer a declaração de nulidades, por mais antipático que seja para a sociedade em geral.

Não há segurança jurídica sem observação das normas processuais, que são de conhecimento de todos e a todos beneficiam, culpados, inocentes, autores, réus, sociedade em geral.

A ocorrência de nulidades processuais não deve acontecer, mas acontecem. Não podemos aceitar passivamente as nulidades, mas também não estamos autorizados a fazer do sistema judicial terra arrasada, em discursos irrazoados de que “a justiça não existe em nossos país” e outras afirmações que “lacram”, mas não representam a verdade.

O que podemos e devemos fazer é exigir mais e mais cuidado, mais e mais preparação técnica dos operadores do direito, juízes de direito, promotores de justiça, advogados, de maneira a reduzir ao mínimo possível, as nulidades.

Mas, não se iluda, isso acontece todo dia e aos milhares, só que você não fica sabendo.

Diria Chaplin acerca dos operadores do Direito: “Não sois máquinas, homens é que sois!”.

E, sendo homens e não máquinas (que tendo sido construídas pelos homens também falham e quebram!), as nulidades aos homens devem ser atribuídas e deles devem ser cobradas.

ANDAMENTO DA JUSTIÇA

Hoje travei contato eventual com um cidadão que, não sei se me reconheceu, mas desandou a falar mal da justiça em geral porque seu processo não andava.

Claro que ninguém está satisfeito com o andar das causas na Justiça, nem eu, mas dizer que cabe ao juiz apenas “assinar” é uma ingenuidade, porque ele tem que examinar alguns processos com 5 páginas e outros com 5 mil páginas em meio a 5 mil processos.

Mesmo que o juiz tenha assessores, quem é responsável pelo despacho, pela presidência das audiências e pela prolação da sentença é o magistrado, de forma que não basta “assinar”, tem que examinar folha por folha, ler palavra por palavra, verificar testemunho por testemunho, etc., etc.

De nada adianta dizer que o juiz ganha bem, pois isso não o torna um super-homem, com visão de raio x e ultra velocidade. Da mesma forma, dizer que ninguém o obrigou a ser juiz, então “que aguente”.

Basta olhar o site da Justiça Federal para descobrir que só na 4ª Região (RS, SC e PR) temos 9.163.715 (isso mesmo, mais de nove milhões) de processos, e na JF do RS 3.264.329 processos, sendo que só em 2022 ingressaram 82.388 processos novos, tendo sido prolatadas 88.845 sentenças.

Aí o cidadão diz “e eu com isso?”. Talvez nada, mas, infelizmente há justificativas para esse andar de tartaruga do sistema.

Então, não pare de reclamar, mas também não diga que o sistema não funciona e que basta o juiz assinar. As coisas são bem mais complexas que isso.

Também, sendo advogado, odeio quando o juiz demora a dar um despacho ou uma sentença, mas também não posso dizer ao cliente que tudo depende apenas de uma assinatura, pois essa só acontecerá após longo processo com oitiva de testemunhas, realização de perícias, juntada de documentos, vistorias e exaustivo exame de milhares de páginas.

Assim é que é, gostemos ou não.

EU CONFIO NAS URNAS ELETRONICAS

Participei, como Promotor de Justiça Eleitoral, de várias eleições em que o voto era em cédulas de papel que eram depois manuseadas por centenas de pessoas para efeitos de contagem durante dias e noites cansativas.

Confesso que experimentei um estranhamento quando foram implantadas as urnas eletrônicas, que de início recebiam os votos em disquetes que, após o encerramento da coleta, eram inseridos em um computador e “enter”.

Senti que minha fiscalização da contagem era meio ridícula, porque eu não via o voto, mas o tempo passou e todas as autoridades de informática serias do mundo sempre garantiram que o sistema era seguro.

De informática nada entendo, sou apenas um digitador “meia boca” de meus textos e petições, por isso acredito nos técnicos que dizem que o sistema é confiável. Não concordo com tudo que o TSE diz, mas me nego a acreditar que as urnas eletrônicas sejam uma conspiração para fraudar as eleições.

Afirmar que as urnas eletrônicas são inconfiáveis apenas porque “eu acho”, com base em coisa nenhuma, em ausência absoluta de prova técnica, serve apenas para “lacrar” na mente e na cabeça dos profetas insanos das teorias de conspiração e justificar eventuais derrotas eleitorais.

Tudo que o homem faz o homem pode desfazer, mas eu tenho que ter elementos técnicos sérios e cientificamente comprovados de que “o prédio vai cair”, sob o risco de não passar de um bobo alegre e mal-intencionado.

Eu sempre disse que o que mais me preocupava não era o ignorante, porque esse tem a desculpa da ignorância, mas sim os maus cidadãos, que têm ciência das bobagens que dizem e continuam dizendo-as por interesses escusos.

Eu confio nas urnas eletrônicas e na democracia do voto, mesmo quando eu não concordo com o resultado.

Não seja um dos que ficam repetindo teorias improvas nascidas na internet, a lixeira da sociedade.

ORGULHO DO MEU DIPLOMA DE DOUTOR

Mesmo quando eu era apenas graduado em Direito as pessoas tomavam a iniciativa de me chamar de “doutor”. Nunca exigi isso, mas também nunca coloquei em milhares de petições a expressão “Dr. Adede”. Quando me chamavam de Adede ou João Marcos sempre aceitei com naturalidade.

Concordo com o entendimento de que só podem ostentar o título de Doutor quem tiver feito Doutorado, mas acho uma canalhice dizer que quem detém o título tem vergonha disso.

Ora, se o indivíduo fez o Doutorado e recebeu o diploma, acho justíssimo que use o título, afinal foram anos de estudo e pesquisa, investimento em dinheiro, tempo e obtenção de conhecimento.

Não sou tão idiota a ponto de negar que alguns doutores fizeram o curso apenas para obter um título, ou talvez para poder lecionar em cursos superiores, mas garanto que não é o meu caso. De qualquer forma, não me cabe criticar negativamente os motivos dos outros.

Tenho orgulho do meu título de Doutor, não tenho vergonha do esforço que fiz em tempo, dinheiro, estudo, pesquisa e dedicação, enquanto alguns ocupavam seu tempo fazendo nada e criando aforismos, verdades absolutas totalmente mentirosas como a de que o detentor do título de Doutor tem vergonha disso!

Porque eu teria vergonha do estudo, da pesquisa, da escrita, da submissão de meu trabalho a banca extremamente exigente?

Se eu fosse um pouquinho mais grosseiro do que sou, diria que quem não tem o título de doutor morre de inveja de quem tem e faz afirmações injuriosas para justificar a sua falta de interesse e vontade de aprender.

A propósito, eu não me importo de que se refiram a mim como Adede, João Marcos ou Dr. Adede. Afinal, tudo vale a pena quando a alma não é pequena.

E a pequenez de alma não me pertence, isso eu tenho certeza.

HOMEM ALGUM É UMA ILHA

Escrevo apenas com a mão direita, porque a mão esquerda foi submetida a uma cirurgia e, portanto, estará fora de combate por uns dias.

Mesmo sendo uma incapacidade passageira, serve para fazer pensar sobre a dependência que temos de familiares e amigos para as atividades mais simples, desde passar margarina no pão até levantar a roupa e abotoar a camisa.

Thomas Merton escreveu o livro *Homem algum é uma ilha*, para dizer que, por mais independentes que sejamos, não vivemos isolados, mas em sociedade, o que nos enriquece espiritualmente e nos permite crescer enquanto pessoas do mundo.

Todas as pessoas, de todas as profissões, condições sociais e econômicas são relevantes. O ajudante de pedreiro é tão importante quanto o engenheiro, o estagiário quanto o dono do escritório, porque as atividades são resultado de um conjunto de competências que, somadas e em harmonia, fazem a máquina funcionar.

Não acredito em individualidades solitárias, descoladas e isoladas do resto do time, como uma equipe de futebol que conta apenas com atacantes, como um médico sem enfermeiros, como um ser humano sem seu companheiro de jornada.

Mesmo a porção de terra rodeada de água, a ilha, só é uma ilha em razão da água que a rodeia!

Antes que alguém conclua que a minha mão esquerda momentaneamente inútil e inoperante seja alguma referência política, aviso que em breve a mão direita será operada do mesmo mal.

Ou seja, ninguém é melhor que o outro.

Ufa, a mão direita cansou de trabalhar sozinha.

O que emociona os orgulhosos é a vitória.

O que alimenta os homens de bem

e os mantêm de pé,

com as armas na mão

e as vestes rotas da batalha,

é a certeza do dever cumprido com

honra e dignidade.

TRIBUNAL DO JURI

Em trinta anos como Promotor de Justiça, atuei em centenas de sessões do Tribunal do Júri. Agora, como advogado, volto, junto com meus colegas de escritório, a atuar nesse ambiente absolutamente único do mundo jurídico.

Nenhuma atuação jurídica, por mais prazerosa que seja, se compara ao Tribunal do Júri, em que temos contato direto e imediato com as dores das vítimas e suas famílias e as angústias dos réus.

Podemos atuar como assistentes à acusação ou defensores, sem nenhum preconceito, porque todos os atores do drama têm direito a ser representados por um profissional do Direito que lhes garanta tratamento digno, igualitário e justo.

O que determina a aceitação do caso não é a possibilidade de aceitação da tese acusatória ou defensiva, mas a consciência que a representação jurídica de todos, culpados ou inocentes, é um direito humano e constitucional.

Por mais difícil que seja para as vítimas e seus amigos e familiares, entendemos que todos têm direitos, inclusive os culpados, porque quando os retirarmos deles, não sobrar nada da sociedade civilizada que levamos milhares de anos para construir, e só restará a vingança privada e a barbárie.

“Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem: pisam as flores, matam nosso cão, e não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a luz, e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E já não podemos dizer nada” (No caminho com Maiakóvski – Eduardo Alves da Costa).

Não se engane, os tiranos só atacam as vítimas que se encolhem de medo e lhes tiram tudo, inclusive o direito de lutar por seu direito ante uma acusação.

Por isso, aceitamos e aceitaremos, sempre que solicitados, defender direitos no Tribunal do Júri que é, sem dúvida, o templo da liberdade no qual queremos navegar.

VIOLÊNCIA POLÍTICA É INACEITÁVEL

Não se constrói uma sociedade minimamente civilizada quando se incentiva ou se aceita como natural as agressões físicas e morais contra adversários políticos eleitorais.

Já tenho idade e experiência profissional suficiente para pretender ser ingênuo a ponto de entender que sempre foi assim, que são inúmeras as situações agressões físicas e morais de candidatos ou simpatizantes e que sempre será assim.

As pessoas de bem, que são aquelas que lutam pela paz, pela convivência entre adversários, que conseguem estabelecer diálogos construtivos e respeitosos, por maior que sejam as diferenças políticas, não aceitam, e não devem aceitar, as violências físicas e morais que temos observado há alguns anos no Brasil.

Escrevi uma vez que “1 erro + 1 erro = 2 erros e nunca 0 erros”, no sentido de que eventual agressão física ou moral de uma parte não justifica a agressão física ou moral da outra parte, a não ser que a pretensão seja a de destruir a sociedade civilizada que levamos mais de quinhentos para construir.

O Brasil não é uma sociedade perfeita e nunca será, mas é certo que não somos bárbaros, somos um povo acolhedor e pacífico que, inclusive, escreveu em sua Constituição Cidadã que não é admissível guerras de conquista.

Ora, se não estamos autorizados a promover agressões contra outros países, porque haveríamos de aceitar guerras internas entre grupos ou cidadãos com legítimos, mas passageiros, interesses eleitorais?

Não se iluda, eles passam e o país fica.

Assim, qualquer violência física ou moral de um candidato contra o outro, pessoalmente ou através de seus “apoiaadores”, é condenável e inaceitável.

Ah, não transformem os cadáveres das vítimas em troféus, porque isso é muita falta de capacidade de convencer o eleitor com ideias.

A não ser que vocês não tenham ideias!

ACADEMIA CENTRO-SERRA DE LETRAS

Sou filho de Sobradinho, onde vivi pelo menos até 1975, quando vim morar em Santa Maria por força do início de minha Faculdade de Direito. Formado, advoguei dois anos e nesse meio tempo fiz concurso para Promotor de Justiça, tendo sido aprovado e iniciado um périplo pelo Estado.

Após trinta anos de Ministério Público voltei, há dez anos, a advogar, morando em Santa Maria, mas nunca esquecendo da minha terra que amo, Sobradinho.

Em algum momento travei contato com os membros da Academia Centro Serra de Letras, com sede em Sobradinho, e confesso que morria de vontade de participar daquela tão importante, relevante e operante instituição de cultura.

Até que, nesse ano de 2022, fui convidado para ser Sócio Correspondente, o que aceitei de imediato, o que me encheu de orgulho e emoção. Muitos dos membros da Academia são meus conhecidos, e desconfio que a relação de amizade determinou o convite, mas eles juram, os mentirosos, que foi minha produção literária!

Agora tenho mais um motivo para voltar à Sobradinho, onde estudei até o ensino médio e fui homenageado como Patrono da Feira do Livro, o que me emocionou.

Por ora estou apenas acompanhando os excelentes trabalhos dos colegas de Sobradinho, mas se eles não me segurarem, vou incomodá-los muito com textos e, bobeando, com participação em reuniões e eventos culturais.

Sou um chato e não aceitei o convite para ficar apenas assistindo, porque acho que assumir a condição de sócio de uma Academia de Letras é muito mais que uma honra, é um COMPROMISSO.

Deus me permita e me dê saúde para que possa cumprir as ameaças que fiz.

LIVROS, RELAÇÃO DE AMOR

Dias atrás, li uma crônica de Jeferson Tenório, em que ele falava que seus amigos perguntavam, ao ver sua biblioteca, se ela havia lido todos. Quem nunca ouviu essa pergunta?

Disse o referido autor, e eu assino embaixo, em cima, do lado, no verso e onde mais for necessário, que alguns livros são lidos mais de uma vez com prazer, alguns com esforço mental, outros abandonados e ainda outros que ficarão na prateleira, para sempre, intocados.

Ah, mas isso não é racional! Claro que não, pois o amor pelos livros não resiste à racionalidade.

Alguns dizem que manter livros nas prateleiras, depois de lidos, é uma atitude egoísta, e eu concordo, mas não resisto a preocupação de vigiar os meus para que não saiam dali, a não ser por empréstimo criterioso, com data para retorno.

Os gaúchos antigos diziam que “espingarda e cavalo não se empresta” e eu digo “discos e livros não se emprestam”. Quem empresta o seu amor? Só quem não ama de verdade.

Eu sei que eles ocupam um enorme espaço físico, exigem limpeza constante, organização difícil e demorada e será um problema depois da morte da gente, porque não se sabe se os herdeiros quererão recebê-los no inventário.

Não importa o preço e a dificuldade de organização e depósito, quem ama os livros não resiste a um título novo. A “solução”, que a maioria odeia, é o livro digital, mas são formas diferentes e válidas para quem ama ler.

Então, não pergunte se eu já li todos os meus livros, porque a resposta não é fácil e provavelmente você vai achar que eu sou um idiota, o que na verdade sou no que refere a essas amantes exigentes.

VOLTANDO A “CRONICAR”

Quando decidi o título dessa crônica, jurava que estava inventando um termo novo, mas acabo de descobrir que ela já existe (droga!) e significa “escrever crônicas”.

Depois que começou a pandemia, quase nada escrevi em forma de crônica, mas escrevi diversos textos em forma de novela ou romance, com dezenas de páginas, sendo que o primeiro título “O quarto branco” já foi publicado pela Editora Juruá, e os demais quatro livros estão em produção, para os próximos meses.

Dizem, com uma certa razão, que quem não consegue dizer em poucas palavras o que pensa acerca de determinado assunto, é porque lhe falta capacidade de síntese. Eu não tenho nada contra a síntese, mas também acho que frases isoladas podem permitir interpretações equivocadas e pouco reveladoras, além do risco de significar “verdades absolutas”, o que não existe.

Por exemplo, quando alguém diz “não existe amizade, apenas interesses”, está querendo “cravar, lacrar” um pensamento que talvez não seja verdade. Afinal, na vida da gente conhecemos muitas pessoas interesseiras, mas sempre sobram bons amigos, que nos amam mesmo que não tenhamos condições de ajudá-los financeiramente.

Ou seja, nem tudo ao céu, nem tudo a terra.

Uma frase isolada pode ser impactante, mas talvez não explique suficientemente o que pensamos.

Positivamente, não sou um escritor de frases, e peço aos meus seis leitores (com dois leitores para mais ou dois leitores para menos) que não destaquem manifestações isoladas minhas, sem explicar o contexto geral em que foram escritas.

Meus personagens não são bons nem maus, são apenas humanos, com inúmeras qualidades e diversos defeitos, ou seja, são gente real, do mundo real, muito parecidos comigo e com todos.

Assim, espero ter disposição e tempo para continuar “cronicando”, falando sobre o que penso e esperando que meus poucos leitores me leiam e, de forma generosa, não me condenem.

ESCRITOR DE ALUGUEL

Eu adoraria vender milhões de exemplares de meus livros, porque dinheiro sempre é bom e eu, mesmo sendo um idealista, não sou bobo (há controvérsias quanto à essa afirmação!).

Mas, sem sobra de dúvidas, não me disponho a escrever com o único objetivo de vender bem, ou seja, tratar de assunto que só interessem ao comprador.

Eu odiaria ver algum texto ruim meu fazendo sucesso, porque isso me deixaria em posição de constrangimento sabendo que não passa de lixo que vende.

Isso não significa que esteja convencido que meus textos são de qualidade, mas tão somente que estou com a minha consciência tranquila, escrevo sobre o que sei e conheço, imagino situações que me parecem ser interessantes e seja o que Deus quiser.

Como disse na abertura de um de meus livros, não pretendo que meus filhos tenham orgulho de mim, mas morro de medo que tenham vergonha do pai que tiveram!

Não sei se sou um bom escritor, mas tenho certeza que não sou vagabundo e desonesto, pois isso eu aprendi com meu amado pai: trabalho e honestidade é tudo, o sucesso é só uma consequência.

Às vezes acho que devo parar de trabalhar e escrever, mas em seguida concluo, não sei se com acerto, que é tudo o que sei fazer. Parar significaria morrer, física e espiritualmente antes da suprema decisão de Deus.

Aliás, sempre acreditei em Deus, porque não consigo imaginar que alguém que nasceu em família grande e pobre, como eu, pode chegar onde cheguei sem uma dose gigantesca de predestinação.

Está bem, não cheguei tão longe assim, porém é certo que cheguei muito mais longe que muitos de meus contemporâneos nas mesmas

condições sociais e econômicas e, arrisco dizer, muito mais longe que muitos “filhinhos de papai” com quem convivi.

Então, prefiro ter seis leitores fiéis do que ser um escritor de aluguel, a serviço da vontade alheia e muito mais preocupado com as vendas do que com a boa literatura.

De toda forma, não se enganem, não esnobo um milhão, ou talvez cinco milhões de exemplares vendidos.

Deus sabe o que faz.

QUEM SAI AOS SEUS NÃO DEGENERA

O título da crônica se refere à expressão muitas vezes usada por meu pai de que cada um tem a sua verdade e seu comportamento ditado pela história pessoal, o que descobri pode percorrer o caminho do bem ou do mal.

Claro está que essa não é uma verdade absoluta, e é muito bom que assim seja, porque nos permite sonhar que os maus possam um dia arrepender-se de seus maus atos e salvar a alma, já que em geral o corpo está putrefato há muito tempo.

Dias desses conversamos com um amigo querido e ele me surpreendeu com a afirmação de que determinado movimento político nacional havia cometido um grande erro. Fiquei atento porque, em muitos anos, eu ouviria uma confissão de culpa inédita, o que acendeu em meu coração a chama da crença de que a humanidade não estava totalmente perdida.

Daí, que horror, ele disse que o erro fora o movimento não ter matado fulano, beltrano, sicrana e uma lista relativamente grande de pessoas conhecidas!

Como eu estava sentado do outro lado da mesa, há cerca de meio metro dele, estendi o braço e quase dei-lhe um soco no nariz, mas pensei que isso só iria confirmar a tese dele de que a violência física é um argumento válido. Pousei a mão sobre as dele e fiz-lhe um carinho rápido, confesso que de comiseração.

Claro que ele interpretou meu gesto de carinho como uma “boiolice”, porque sua cabeça não tem outros elementos que não o do preconceito para interpretar gestos de carinho, em vez de concluir que, apesar de sua “tosquice”, eu o amava.

Ao mesmo tempo, me senti um ingênuo em achar que alguém formado na violência pudesse admitir algum erro de movimento que apoiara.

Admitir erros é coisa de gente fraca, e fraqueza é não é coisa de quem tem certeza de tudo.

Daí, concluí que meu pai tinha razão, pois tenho mais dúvidas do que certezas, e não tenho vergonha de admiti-las.

HÁ LIMITES PARA AS ATIVIDADES DIGITAIS?

Antes que alguém leia apenas o título da crônica e conclua que sou apenas mais um “véio gagá” que reclama da tecnologia, devo dizer que trabalho há anos com computador e celular, fazendo uso intenso de Facebook, Instagram e WhatsApp, a quem credito inúmeras vantagens de comunicação e baixos custos.

Principalmente durante e pós pandemia, as relações com os clientes cresceram muito através dos meios digitais, e os processos, que antes eram físicos e ocupavam enorme espaço em minha mesa de trabalho, hoje são apenas uma notícia na tela, restando apenas um bloco de anotações e uma caneta (minha mulher diz que minha mesa é uma bagunça, apesar disso!).

Não precisamos nos deslocar para protocolar petições ou participar de audiências, o que é financeiramente interessante, mas me preocupa o fato de que talvez venhamos a perder o sentido de humanidade que sempre nasce das relações físicas próximas.

Nada substitui um quente aperto de mão, um carinhoso abraço, um olhar direto no olho do outro, na emoção de uma história de vida, da exposição (às vezes traumatizante) de uma doença, o choro, as lágrimas e o cafezinho morno, mas honesto.

No momento em que deixarmos de nos preocupar com a ausência desse contato físico, pessoal e humano com nossos clientes e amigos, nos transformaremos em máquinas de advogar, afinal, a “inteligência artificial” pode dar consultas e peticionar sem conhecer o cliente.

Então, a pergunta é: qual o limite dessa digitalização? Cada um terá uma resposta, mas eu tenho certeza que a resposta “não tem limites” não deve nos interessar como humanos, mesmo que seja mais barata.

Assim, reserve um dia por semana, pelo menos, para atender seus clientes presencialmente, apertar sua mão, dar-lhe um abraço, perguntar por seus filhos e doenças, suas alegrias e tristeza, ou seja, para ser mais humano e menos profissional.

Afinal, como disse Charles Chaplin, “não sois máquinas! Homens é que sois!”.

Um abraço apertado desse “véio gagá”!

ABUSO DE AUTORIDADE EM CPI'S

Começo admitindo que sempre achei que os investigados e as testemunhas tinham obrigação legal de comparecer frente à autoridade investigatória, mas que não estavam obrigados a falar, no exercício do direito constitucional de não produzir prova contra si mesmo.

Mas, com o advento da Lei 13.869/2019, que no parágrafo único do artigo 15 considera como autor de crime de abuso de autoridade, com pena de 1 a 4 anos e multa, **“quem prossegue com o interrogatório: I - de pessoa que tenha decidido exercer o direito ao silêncio”**, e vendo as dezenas e até centenas de perguntas que são feitas aos investigados e testemunhas nas Comissões Parlamentares de Inquérito, começo a achar que elas têm direito de comunicar que não irão se manifestar e simplesmente não comparecer ou abandonar o local.

As CPIs viraram palco para **discursos longos de acusações sem perguntas**, de **ofensas**, algumas até merecidas, mas inadequadas ante a expressa declaração do depoente que não vai falar, de exposição pública que por evidente nada somam no sentido de esclarecer, mas que servem para destruir a honra de pessoas.

Os membros das CPIs, como qualquer investigador, não estão autorizados a ofender os depoentes, como já vimos, pois isso é **crime de difamação**.

O interrogador deve objetivar suas perguntas, sendo obrigação do Presidente adverti-lo, sob pena de cassação da palavra que o prosseguimento do interrogatório quando o depoente já disse “n” vezes que se reserva o direito de calar é **crime de abuso de autoridade!**

Então, se o intimado declara ao Presidente da CPI que vai calar, que sentido tem obrigá-lo a comparecer e bombardeá-lo, durante muitas horas, com longos discursos sem perguntas e cheios de conclusões precipitadas?

Se o investigador já está convencido que o interrogado é culpado e tem provas nesse sentido, para que serve o inquérito?

Não estou defendendo pessoas, mas a legalidade do processo.

Antes de jogar pedras em mim, leia e pense.

Depois, fique à vontade.

ABANDONO DE IDOSOS

Não estou advogando em causa própria, porque sei que meus filhos não me abandonarão em uma cadeira de praia no portão do outro filho.

Essa cena me impactou muito, por mais que, tendo trabalhado com direito do idosos por décadas, vi e ouvi coisas “do arco da velha” no que se refere à maus tratos a idosos.

Mas, “ver”, em um filme o filho descer do carro, retirar da porta mala uma cadeira de praia, retirar o pai de 74 anos de dentro do carro, colocá-lo sentado no portão, bater palmas para chamar a atenção, embarcar no veículo e arrancar, me fez chorar.

Na verdade, não sabemos ainda qual a realidade daquele idoso no que se refere aos cuidados que todos os filhos teriam que prestar em benefício de seu bem-estar e dignidade, mas não tenho dúvida que colocá-lo sentado num portão e ir embora é inadmissível e criminoso.

Existem maneiras legais de exigir dos demais filhos que ajudem a cuidar do idoso, recebendo-o em suas casas, alimentando-o, tratando de suas doenças e dando-lhe dignidade ou, pelo menos, colaborando financeiramente para a sua manutenção.

Sei ainda que, por vezes, cuidar de um idoso, notadamente quando doente, não é tarefa fácil, mas cuidar de uma criança também não é, e o pai não a abandona no portão de uma casa.

Essa imagem vai me perseguir por muito tempo, e eu choro agora, enquanto escrevo.

Que Deus tenha piedade desse filho e o faça refletir.

Que seus filhos não o abandonem na rua, como a um ser indesejado e incômodo.

É meu desejo sincero, pois acredito que o homem é bom e generoso.

Assim seja.

CAMBORIÚ: ESTAREI LOUCO EU?

Trabalhei durante trinta anos com direito ambiental, lecionei direito ambiental em diversas faculdades, inclusive nos cursos de pós-graduação, escrevi mais de uma dezena de livros sobre o assunto, meus trabalhos de conclusão de mestrado e dois doutorados foram na área ambiental e advogado em diversos processos cíveis e criminais nessa área.

Então, acho que devo conhecer alguma coisa de direito ambiental, e uma das certezas que tenho é que a beira do mar é área de preservação permanente e, por conseguinte, não pode ser alterada.

Mesmo assim, e aí é que acho que estou louco ou sou um idiota completo, o Balneário Camboriú, em Santa Catarina, retirou milhares de toneladas de areia do fundo do mar e alargou a faixa de areia, para delírio das empresas de construção civil e dos turistas que só querem ter um lugar para bronzear a pele.

Eu imagino que algum órgão ambiental deve ter autorizado tal crime ambiental, ao absoluto arrepio da lei, cujo exame não resiste aos mais elementares rudimentos de preservação.

Onde estão os órgãos ambientais municipais, estaduais e federais que não viram tal barbaridade? Onde está meu querido Ministério Público? E a loucura está se repetindo na Praia dos Ingleses, outra área de luxo.

Agora, dizem que a natureza está se vingando ao avançar as águas do mar e destruir o depósito de areia do fundo do mar na beira da praia, determinando que as autoridades administrativas gastem milhares de reais em obras para refazer o crime.

Ora, a natureza não tem sentimentos, apenas reage e retoma seu espaço criminosamente tomado pelo homem! Não estou torcendo pelo fracasso, mas é evidente que não vai dar certo.

Observe-se que a faixa de areia era estreita justamente porque o homem, interessado apenas em construir prédios de luxo, tinha avançado sobre a areia, sem observar a APP.

Podem escrever que o homem vai avançar com asfalto pra cima da faixa alargada, até que não haja mais nada a tomar da natureza porque ela não existirá.

Adede, cala a boca, se alguém autorizou é porque é legal!

Vai vendo.

O PROBLEMA DE “CRONICAR”

“Cronicar” não é uma palavra comum na linguagem diária, e eu diria que é uma “licença poética” minha. Então, sigamos como se eu tivesse o direito, que não tenho, de inventar palavras ou de me apropriar delas.

Bom, um dos grandes problemas de escrever crônicas, o que tenho feito aos milhares, é que trabalhamos em cima do fato quente, da notícia recente, da situação do dia a dia, não de uma perspectiva histórica consolidada.

Lendo algumas crônicas que eu escrevi anos atrás, me surpreendo em ver como estava equivocado, não por maldade, mas por pressa, por informações insuficientes.

Mesmo que eu seja um cronista paroquial, é certo que algumas pessoas acabam por ser influenciadas pelo que escrevo, o que me coloca em condição de responsável tanto pelo certo como pelo errado, pela informação correta como pelas bobagens que escrevo.

O bom de escrever textos de ficção é que criamos personagens, situações imaginárias que podem ter ou não fundo de verdade, que representem uma verdade absoluta ou uma mentira deslavada, afinal, afora as verdades, o resto tudo é mentira.

Os riscos da crônica, escrita em cima do fato, sem pesquisa da verdade, é que representam a opinião do cronista no momento em que os fatos acontecem. Claro que se pode reescrever a crônica, frente à novas informações, mas o prejuízo da má informação está feito, porque nem todos que leram a primeira leram a segunda!

Abrindo um livro meu de forma aleatória, li o título de uma crônica “A lava jato não vai acabar”! Eita, vai ser crente assim em outro mundo.

Não sou jornalista, de forma que não tenho preparo técnico nem estrutura para investigar algo que ouço ou vejo.

Acho que estou ficando medroso.

Ou, talvez, mais cuidadoso.

Devo continuar “cronicando”?

EU NÃO ACHO GRAÇA

Mesmo quem gosta de mim (reconheço que são poucos) não consegue negar que sou um chato, porque quando todo mundo sonha em comprar um livro que vendeu milhões de exemplares ou assistir a um filme consagrado pelo público e pela crítica especializada, eu olho com desconfiança.

Claro que o problema é comigo, sempre, mas não resisto a ideia de que toda essa confusão política nascida de uma derrota eleitoral que não merece um reconhecimento público claro e honesto, de uma débil e pouco convincente condenação à crimes contra o direito de ir e vir, antecedida de justificativas ridículas de que são justos, seguido de ordens secretas sob sua autorização ou tolerância, disparadas por grupos de rede social para ignorar o discurso e continuar cometendo-os, me preocupa, e muito.

Ver pessoas presumivelmente inteligentes chorando, ajoelhadas, rezando por um cidadão claramente desonesto, mentiroso e cultuador de mitos em seu benefício, festejando uma notícia ridícula e improvável de prisão de um ministro do TSE, me assusta.

Ir para as ruas de cara limpa pedir a instauração de uma democracia nascida de golpe militar, mantendo pela força das armas o governo derrotado, é fantasticamente preocupante. Olho as fotos dos protestos e reconheço alguns amigos queridos, e choro.

Até que eu vejo um filme em que alguns cantam o hino nacional e outros levantam o braço em saudação nazista! Daí, eu me apavoro.

Não estou defendendo o vencedor, pois esse, com a roubalheira que promoveu ou permitiu, criou o monstro e tem tanta ou mais culpa que seu adversário do estado de coisas absurdas que vivemos.

Quem já leu alguma coisa sobre a criação e o crescimento do partido nazista alemão sabe que, no início, a sociedade ria deles, de suas roupas e

seus ritos ultrapassados, mas em algum momento eles conquistaram mais e trinta por cento dos votos e seu chefe virou chanceler. O resto, bem, o resto foi o maior crime contra a humanidade que a história já registrou.

O nacionalismo exacerbado, o culto doentio à bandeira, a proteção extrema e desnecessária à família (que a nós cidadão cabe defender, não ao Estado), a condenação às orientações sexuais de alguns, o desprezo à ciência moderna, não parecem familiares?

Ser patriota não é deixar de pensar e aceitar o desprezo à vida, o desrespeito aos contrários, a perseguição aos negros, aos pobres, aos deficientes (sob a canalha e distorcida interpretação da teoria da evolução de Darwin), o culto ao desenvolvimento econômico à custa do meio ambiente, a sementeira do ódio entre irmãos, parentes e amigos, que se transformam em agentes do Estado e do ditador de plantão.

Eu amo a nossa bandeira, e por isso mesmo não aceito que um partido dela se aproprie a ponto de nos fazer ficar envergonhados em vestir uma camiseta amarela e com medo de vestir outra vermelha (do nosso time!).

Adede, estás exagerando! Tomara, mas duvido. Quando meus medos se confirmarem, espero estar morto. Não acho graça nenhuma em aceitar a democracia quando convém e destruí-la quando perde o jogo democrático cujas regras conhecia previamente.

Vai rindo.

ESPERANÇOSO

Quando digo que acredito que alguma coisa vai dar certo, sou “acusado” de ser crente, e quando dá errado meus amigos “caem de pau” dizendo que eu fui um ingênuo.

Provavelmente meus amigos estão certos, mas eu prefiro achar que sou “esperançoso”, porque acredito na boa-fé das pessoas e que qualquer erro de percurso pode ser ajustado.

Já quebrei muito a cara por ser crente, ingênuo ou esperançoso, mas não me arrependo disso. Seria muito triste se eu desacreditasse sempre das pessoas, achando que se elas erram por má-fé, a culpa é delas, não minha.

Mesmo quando o sujeito tem um histórico de erros graves, a ponto de não ter credibilidade nenhuma, gosto de acreditar que ele pode mudar, que ele pode usar dos erros do passado para mudar, para arrependido lutar pelo acerto.

Isso porque acredito, firmemente, que o homem é naturalmente bom, mesmo quando constrói uma vida toda de erros e maldades. No fundo do mau sempre habita um homem bom e correto que, em algum momento desperta e se revela para o mundo.

Não existem pessoas totalmente más, a ponto de nos surpreendermos com certas atitudes boas absolutamente imprevisíveis. Não tenho dúvidas de que vale a pena acreditar, esperar e crer nas pessoas, mesma as reconhecidamente más. Não fosse assim, estaríamos decretando a falência da espécie humana.

Em geral, aqueles que desconfiam de tudo são exatamente os que não merecem confiança. Olham os outros com base nos seus critérios distorcidos, exigem do outro, atitudes que não praticam, se imaginam melhor que todos, detentores da verdade absoluta, e essa, sabemos, não existe.

Isso se aplica, ou não, a todas as pessoas, inclusive àquelas que vivem da política, pois essa é absolutamente necessária para organizar e gerir a sociedade. Afinal, os políticos saem do meio de nós, e nós, sabemos, somos cheios de defeitos, ou não?

Assim, tenho esperança, não certeza.

COMA A CARNE E ROA O OSSO

Admito que o bom mesmo é comer uma carne gostosa e macia, mas nem sempre estaremos dispensados da necessidade de roer o osso.

Na vida, tudo que nos dá enorme prazer nos cobra um preço, um compromisso, na mesma medida.

Pretender viver sem assumir os riscos da vida não existe. Ou, como alguns preferem, o lucro é individual, o prejuízo é social! Eita.

Quando você assume o prazer de fazer alguma coisa que lhe dá prazer, deve assumir também o compromisso de fazer aquela coisa. Muitas vezes, para que possamos fazer uma coisa muito prazerosa, devemos antes praticar inúmeras coisas muito chatas que irão criar as condições de gozarmos as benesses do prazer.

Respeito, porque isso faz parte de minha tentativa eterna de perdoar o irmão, por mais idiota que ele seja, mas não posso concordar com aqueles que só procuram ganhar. Sempre digo que o campo em que se ganha, é o mesmo em que se empata e se perde, por mais duro que seja admitir.

Assuma seus riscos, admita que o outro pode ganhar de vez em quando e que você não é o único que merece a vitória.

Delicie-se com a carne e roa o osso, humildemente, dizem que é bom para os dentes.

QUEM ATRAPALHA A EDUCAÇÃO É O PRECONCEITO E A CRUELDADE

Me dói, fisicamente, no peito e na alma, ouvir autoridades dizerem que a presença de deficientes físicos ou mentais junto a alunos não deficientes, ATRAPALHA a educação!

É muita crueldade.

O que ATRAPALHA a educação é gente que não se dispõe a respeitar as diferenças e as dificuldades dos deficientes, não se dispõe a amar, acolher, acarinhar e a crescer com a convivência.

Os deficientes têm muito a ensinar, pois nascem e crescem nas dificuldades, na discriminação odiosa, no olhar "enviesado", no comportamento nojento dos "normais" que se acham melhores, mais capazes e merecedores da melhor educação, dos melhores empregos e funções por terem tido a sorte de nascer sem "defeitos" físicos ou mentais.

Dizer que o deficiente ATRAPALHA a educação dos não deficientes como justificativa para segregá-las em turmas especiais é o primeiro passo para isolá-las em guetos e, não se espantem, em voltar a chamá-las de "retardados" que devem ser eliminados fisicamente para não atrapalhar a sociedade linda, limpa, perfeita, ideal, com pernas torneadas, cabeças ovaladas, mãos e dedos longos, caminhar reto e seguro, cérebros pensantes e produtivos.

Porque vamos gastar nossos recursos financeiros com gente que só dá despesa, que produz pouco ou nada?

Não é preciso dizer que fazem pouco mais de 70 anos que o mundo se livrou desse tipo de governo que não aceitava o feio, o torto, o diferente.

Sim, a exclusão de alunos deficientes, a segregação deles em turmas especiais é forma criminosa de justificar a morte civil, uma forma "legal" de

eliminar os indesejados, social e fisicamente, deixar de gastar dinheiro com "essa gente inútil, improdutiva"!

Num mundo altamente competitivo, que sentido tem ficar gastando dinheiro com doentes mentais e incapazes fisicamente?

Ah, o Adede é exagerado! Vai achando, e quando nos dermos conta, tudo que construimos em termos de humanidade terá virado pó, em nome da "pureza da raça".

Povo que não conhece a história está fadado a repetir os mais terríveis crimes contra a humanidade!

INCLUSÃO ESCOLAR

Temos ouvido que algumas escolas têm negado matrícula de crianças com deficiência em turmas regulares, destinadas a receber alunos ditos “normais”, em razão de disposições do Decreto Federal 10.502/20, que instituiu a Política Nacional de Educação Especial que defende as turmas especiais.

Mas, o STF, já decidiu, em medida liminar, suspender os efeitos do referido decreto, por entendê-lo inconstitucional, uma vez que ofende a letra da Constituição Federal que prega a igualdade e a inclusão, ou seja, que sendo todos iguais, fazem-se obrigatórias políticas de inclusão, de integração e de convivência entre os alunos portadores de deficiência, física ou mental, e os demais.

As alegações de que as escolas se obrigam a contratar profissionais especializados para atender aos deficientes é real, mas não deve ser motivo para segregar cidadãos em guetos, como se fossem piores que os demais.

Aceitarmos a segregação de alunos deficientes é o primeiro passo para a criação de guetos de negros, judeus, homossexuais, ciganos, adversários políticos e mulheres que pensam.

Não tenho formação específica para lecionar, mas exerço tal função há mais de vinte anos no magistério superior, tendo plenas condições de dizer, sem medo de errar, que é possível e desejável a presença de alunos portadores de deficiência entre os demais, como forma de nos preparar para o fato de que eles existem, são pessoas com vontades, necessidades e perspectivas de futuro como qualquer outro.

Ao segregarmos os portadores de deficiência em turmas especiais, facilitamos a vida dos professores, sem dúvida, mas criamos uma sociedade preconceituosa e comodista, que prefere fugir da realidade, construindo uma

realidade em que tudo é perfeito, em que tudo é lindo, colorido e bonito, adequado e funcional.

Dizer que a intenção é incluir os deficientes, segregando-os em turmas especiais, é estabelecer uma política pública eugenista, baseada em realidade inexistente. O mundo é o que é, não aquilo que os governos querem que seja. As pessoas têm deficiências físicas e mentais, algumas estão acima do peso ideal, faltam-lhes pernas, dentes e cabelo. Algumas são brancas, outras são pretas, e assim é que é.

Os que defendem um melhor tratamento em turmas especiais deviam saber que é obrigação de todos fornecer a todos, inclusive aos deficientes, a mesma educação de qualidade. Quer dizer, cabe ao Estado e às escolas privadas fornecer aos “normais” e aos deficientes, em turmas unidas, solidárias e respeitosas, a mesma instrução, respeitadas as diferenças.

Algumas pessoas têm altas capacidades intelectuais e de cognição, outras nem tanto, mas essas continuam existindo e tem de ser respeitadas e protegidas. Ignorá-las e excluí-las da “vida normal” é ilegal e muito cruel.

Então, nem se trata de aceitar as diferenças, mas de respeitá-las, e entender que as diferenças é que tornam a vida bela.

Não aceite exclusões e discriminações. Isso é absolutamente odioso e ilegal.

APROVEITAR A VIDA

Já começo dizendo que concordo com a afirmação que “devemos aproveitar a vida” porque ela é curta.

Como sou um chato, não falo nada, mas fico pensando o que é aproveitar a vida.

A maioria acha que aproveitar a vida é viajar pelo Brasil e pelo mundo, tomar um vinho, comprar o carro desejado, construir uma bela casa, conviver com as pessoas, rir muito, comer bem, etc.

Não vou discordar, mas me pergunto se tudo isso vai nos fazer viver mais ou nunca morrer. Claro que não, mas vale mais a pena viver bem do que viver mal!

Cada pessoa tem seus próprios critérios do que é aproveitar a vida. Para uns, fazer tudo aquilo que eu já disse antes, para outros é ficar em casa pensando, escrevendo, lendo, tentando entender o que os outros veem de tão interessante em viajar, comer, rir e ir ao cinema.

Uns amam ser jornalistas, outros apenas trabalham como jornalistas por interesses salariais. Uns amam ser advogados, outros apenas querem sobreviver na profissão. Acho que, havendo respeito, esses objetivos são válidos.

Algumas pessoas são apaixonadas por café, ou por vinho, ou por pizza. Outros, apenas tomam café e vinho e comem pizza, como forma de satisfazer uma vontade de alimentação.

Eu adoro ler e escrever, alguns me criticam porque perco muito tempo com “essas coisas que não rendem nada”. Ora, rendem alguma grana e muita satisfação pessoal. Afinal, a “gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão, balé”, como disse Arnaldo Antunes.

Aproveite a sua vida, do jeito que lhe parece mais prazeroso, não embarque nessas ideias massivas de que fazer isso ou aquilo é o certo.

Certo é aquilo que a gente gosta, mesmo que às vezes tenhamos que fazer a vontade dos outros, mas só de vez em quando, viu?

Abraços a todos.

ESCRITOR DE ALUGUEL

Eu adoraria vender milhões de exemplares de meus livros, porque dinheiro sempre é bom e eu, mesmo sendo um idealista, não sou bobo (há controvérsias quanto à essa afirmação!).

Mas, sem sobra de dúvidas, não me disponho a escrever com o único objetivo de vender bem, ou seja, tratar de assunto que só interessem ao comprador.

Eu odiaria ver algum texto ruim meu fazendo sucesso, porque isso me deixaria em posição de constrangimento sabendo que não passa de lixo que vende.

Isso não significa que esteja convencido que meus textos são de qualidade, mas tão somente que estou com a minha consciência tranquila, escrevo sobre o que sei e conheço, imagino situações que me parecem ser interessantes e seja o que Deus quiser.

Como disse na abertura de um de meus livros, não pretendo que meus filhos tenham orgulho de mim, mas morro de medo que tenham vergonha do pai que tiveram!

Não sei se sou um bom escritor, mas tenho certeza que não sou vagabundo e desonesto, pois isso eu aprendi com meu amado pai: trabalho e honestidade é tudo, o sucesso é só uma consequência.

Às vezes acho que devo parar de trabalhar e escrever, mas em seguida concluo, não sei se com acerto, que é tudo o que sei fazer. Parar significaria morrer, física e espiritualmente antes da suprema decisão de Deus.

Aliás, sempre acreditei em Deus, porque não consigo imaginar que alguém que nasceu em família grande e pobre, como eu, pode chegar onde cheguei sem uma dose gigantesca de predestinação.

Está bem, não cheguei tão longe assim, porém é certo que cheguei muito mais longe que muitos de meus contemporâneos nas mesmas

condições sociais e econômicas e, arrisco dizer, muito mais longe que muitos “filhinhos de papai” com quem convivi.

Então, prefiro ter seis leitores fiéis do que ser um escritor de aluguel, a serviço da vontade alheia e muito mais preocupado com as vendas do que com a boa literatura.

De toda forma, não se enganem, não esnobo um milhão, ou talvez cinco milhões de exemplares vendidos.

Deus sabe o que faz.

